

GRAMÁTICA

Emprego e Sentido das Classes Gramaticais – Parte I



Presidente: Gabriel Granjeiro

Vice-Presidente: Rodrigo Calado

Diretor Pedagógico: Erico Teixeira

Diretora de Produção Educacional: Vivian Higashi

Gerente de Produção Digital: Bárbara Guerra

Todo o material desta apostila (incluindo textos e imagens) está protegido por direitos autorais do Gran. Será proibida toda forma de plágio, cópia, reprodução ou qualquer outra forma de uso, não autorizada expressamente, seja ela onerosa ou não, sujeitando-se o transgressor às penalidades previstas civil e criminalmente.

CÓDIGO:

230922454826



BRUNO PILASTRE

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. É autor de obras didáticas de Língua Portuguesa (Gramática, Texto, Redação Oficial e Redação Discursiva). Pela Editora Gran Cursos, publicou o “Guia Prático de Língua Portuguesa” e o “Guia de Redação Discursiva para Concursos”. No Gran Cursos Online, atua na área de desenvolvimento de materiais didáticos (educação e popularização de C&T/CNPq: <http://lattes.cnpq.br/1396654209681297>).

GRAN
CONCURSOS

SUMÁRIO

Emprego e Sentido das Classes Gramaticais – Parte I	4
As Classes Gramaticais.	4
Classes Abertas e Classes Fechadas.	5
Classes Variáveis e Classes Invariáveis.	5
Classes Lexicais e Classes Gramaticais (Funcionais)	6
Classificação Morfológica (Classe de Palavra) e Função Sintática	7
Emprego e Sentido das Classes Gramaticais.	7
Substantivo.	8
Adjetivo	16
Artigo	22
Numeral	24
Pronome	27
O Quantificador “Todo”	37
Resumo	39
Glossário	40
Mapa Mental	42
Exercícios	46
Gabarito	79
Gabarito Comentado	80
Referências	124

EMPREGO E SENTIDO DAS CLASSES GRAMATICAIS – PARTE I

AS CLASSES GRAMATICAIS

Chegamos à nossa terceira aula! Maravilha! Vamos continuar com a mesma energia e concentração, certo?

Ouçá com atenção: o conteúdo **classes de palavras** é um dos mais avaliados em concursos públicos. É um conteúdo extenso e ocupará esta aula e a próxima. Como eu já disse, começaremos a utilizar os conceitos estudados nas aulas 1 e 2 (como **tonicidade, morfema, flexão...**). Qualquer dúvida, é só consultar os glossários.

A classificação das palavras em **classes** remonta aos estudos greco-latinos sobre a linguagem (em nossas gramáticas de língua portuguesa, herdamos essa classificação). Segundo a Nomenclatura Gramatical Brasileira, são dez (10) as classes gramaticais (com alguns exemplos):

EXEMPLOS

- 1) SUBSTANTIVO: menina, mesa, alegria, humildade, trigo;
- 2) ADJETIVO: alto, azul, bêbado, bom, inteligente, simples;
- 3) PRONOME: eu, tu, ele, vós, nós, lhe, isso, aquilo, que;
- 4) ARTIGO: o, a, os, as, um, uma;
- 5) NUMERAL: dois, três, dez, cento e um, primeiro, segundo;
- 6) VERBO: chegar, comer, dormir, atender;
- 7) ADVÉRBIO: agora, antes, atentamente;
- 8) PREPOSIÇÃO: a, até, com, contra, de, em;
- 9) CONJUNÇÃO: e, enquanto, mas, se, ainda que;
- 10) INTERJEIÇÃO: ai, caramba, ufa.

Para entender o porquê de separar as palavras de nossa língua por classes, precisamos de uma analogia. Imagine o seguinte: em sua casa, há um único cesto de roupa. Ao longo da semana, todas as roupas de sua família se acumulam neste cesto. Na hora de lavar, é necessário separar as roupas em grupos: as coloridas, as brancas, as escuras, os tapetes, as toalhas, as roupas íntimas e as roupas de cama. Nessa separação, utilizamos critérios: cor da roupa, tipo [íntima, de cama, uso externo (tapetes)] etc. Com as palavras que compõem a nossa língua (isto é, o **léxico** de nossa língua), pode ser feito o mesmo. A partir de critérios, é possível agrupar palavras que “funcionam” do mesmo jeito.

São três os critérios adotados na tradição gramatical: o morfológico, o sintático e o semântico.

CRITÉRIO	ESSE CRITÉRIO LEVA EM CONSIDERAÇÃO	EXEMPLO
MORFOLÓGICO	os elementos mórficos associados à raiz	a palavra “cordialmente” possui o morfema -mente , o qual forma advérbios a partir de adjetivos
SINTÁTICO	a posição (distribuição) do item lexical ao longo da sentença	na sequência “A Maria chegou”, o artigo A precede o substantivo Maria
SEMÂNTICO:	o significado lexical, o qual pode corresponder a algo do mundo extralinguístico (mundo bio-social) ou a noções gramaticais (como gênero)	a palavra inteligente , em “A Maria é inteligente”, atribui uma qualidade a um ser

Os estudos linguísticos mais recentes apresentaram critérios diferentes para agrupar as palavras em classes:

CLASSES ABERTAS E CLASSES FECHADAS

As classes abertas são aquelas em que há relativa facilidade de alteração dos itens que a formam. Isso quer dizer que os itens que compõem essa classe se renovam, ganhando ou perdendo representantes. Por exemplo, você deve conhecer verbos recentes, como “trolar”, “tuitar”, “flop” (casos de criação de novos itens). E também deve perceber que verbos como “perquirir” e “admoestar” já não são tão utilizados (casos de itens que caem em desuso).

Substantivos, adjetivos, verbos, numerais e advérbios formados em (**-mente**) são classes abertas.

As classes fechadas, por outro lado, são mais resistentes a renovação. Por exemplo: a classe dos artigos é formada, há muito tempo, pelos artigos definidos “o”, “a”, “os”, “as” e pelos artigos indefinidos “um”, “uma”, “uns”, “umas”.

Preposições, artigos, pronomes, conjunções e advérbios (os não formados em (**-mente**)) são classes fechadas.

Em resumo, você pode formular a seguinte ideia:

- Classes **abertas**: os itens lexicais podem ser renovados com relativa facilidade;
- Classes **fechadas**: os itens lexicais não são renovados com facilidade.

CLASSES VARIÁVEIS E CLASSES INVARIÁVEIS

Essa separação é bem simples: as palavras variáveis sofrem mudanças em sua morfologia (como em “casa”/“casas”); as palavras invariáveis, diferentemente, não sofrem mudança em sua morfologia (como na preposição “em”, ou na preposição “com”).

As classes variáveis (que **podem sofrer** mudança morfológica) são: nomes, adjetivos, verbos, artigos e alguns pronomes.

As classes invariáveis (que **não podem sofrer** mudança morfológica) são: preposições, advérbios e conjunções.

Essa diferença entre classes variáveis e classes invariáveis é **FUNDAMENTAL** para a compreensão de muitas relações sintáticas, como concordância e predicação. Então, fique atento(a):

- Classes **variáveis**: os itens lexicais **podem** sofrer mudança morfológica.
- Classes **invariáveis**: os itens lexicais **não podem** sofrer mudança morfológica.

CLASSES LEXICAIS E CLASSES GRAMATICAIS (FUNCIONAIS)

Nesta última distinção, adota-se o critério semântico (e, em certa medida, sintático). De um lado, há palavras que possuem significado descritivo, significado esse que denota entidades ou situações exteriores à linguagem (coisas, pessoas, animais, qualidades, ideias, ações etc.). Na teoria gramatical, essas classes são denominadas lexicais, as quais são compostas essencialmente por nomes, adjetivos e verbos.

De outro lado, há itens que têm função estruturadora, quase como uma “cola” que une as palavras em sentenças (essa é a “função” delas, daí serem chamadas também de funcionais). A semântica de cada item da classe é mais restrita e depende, muitas vezes, da composicionalidade (isto é, da soma dos sentidos de cada item da sentença). Essas classes são denominadas **gramaticais** ou **funcionais** e têm como representantes preposições, advérbios, artigos, pronomes, numerais e conjunções.

Com essas três distinções, temos o seguinte:

CRITÉRIO	RENOVAÇÃO LEXICAL		MUDANÇA MORFOLÓGICA		SIGNIFICADO	
TIPO	ABERTAS	FECHADAS	VARIÁVEL	INVARIÁVEL	LEXICAL	GRAMATICAL
CLASSES INTEGRANTES	substantivos adjetivos verbos numerais	preposições artigos pronomes conjunções advérbios	substantivos adjetivos verbos artigos pronomes	preposições conjunções advérbios	substantivos adjetivos verbos	preposições advérbios artigos pronomes numerais conjunções

Vamos, agora, trabalhar a diferença entre **classificação morfológica** e **classificação da função sintática**.

CLASSIFICAÇÃO MORFOLÓGICA (CLASSE DE PALAVRA) E FUNÇÃO SINTÁTICA

Se você tiver que classificar o termo destacado na frase a seguir, qual seria a opção correta: (a) ou (b)?

EXEMPLO

Cachorros são mamíferos.

- a) Substantivo.
- b) Sujeito.

A resposta é: as duas opções estão corretas! A forma “cachorro” é, morfologicamente, um substantivo. Sintaticamente, a função exercida pelo substantivo “cachorro”, nessa oração, é a de sujeito.

Esse mesmo substantivo pode adquirir outra função sintática, como na oração a seguir:

EXEMPLO

Eu sempre vejo **cachorros** perto da minha casa.

Nessa oração, o substantivo “cachorro” exerce a função de objeto direto do verbo “ver” (“vejo”).

Com esses exemplos simples, eu quero deixar claro que **classe de palavra** é diferente de **função sintática**. Quando eu digo que uma palavra é **adjetivo, substantivo, verbo, preposição**, estou realizando uma classificação morfológica (que enquadra a palavra em uma classe a partir dos critérios **morfológico, semântico e sintático**). Quando eu digo que uma palavra é **sujeito, predicativo, objeto direto, adjunto**, estou fazendo uma classificação em termos de função sintática. Olha o resumo a seguir:

- **Classificação morfológica (classe de palavra):** considera as propriedades morfológicas, semânticas e sintáticas do item lexical, sem necessariamente considerar a posição em que ocorre em uma oração específica;
- **Função sintática:** considera o contexto sintático em que a classe de palavra foi empregada. Assim, um substantivo pode ser, a depender do contexto sintático, sujeito (O **cachorro** late) ou objeto direto (Eu vi o **cachorro**).

Nas aulas sobre classes de palavras, procurarei deixar clara essa diferença, tudo bem?

EMPREGO E SENTIDO DAS CLASSES GRAMATICAIS

Ao longo das próximas aulas, usarei o seguinte caminho para descrever cada uma das classes:

- primeiramente, apresentarei a definição **semântica**;
- em seguida, analisarei as propriedades **morfológicas**;
- por fim, abordarei de maneira introdutória a **função sintática** exercida por cada classe.

Começamos nossa análise pela classe dos **substantivos**.

SUBSTANTIVO

Semanticamente, podemos definir os **substantivos** como a classe de palavras que denota classes de entidades, como:

- **substâncias** (homem, casa, livro);
- **qualidades** (bondade, virtude);
- **estados** (saúde, doença);
- **processos** (chegada, destruição, aceitação, entrega).

A divisão semântica dos substantivos leva em consideração as seguintes propriedades:

Divisão	Concretos	Abstratos
Propriedade semântica	O substantivo designa ser de existência independente	O substantivo designa ser de existência dependente
Exemplos	casa, mar, sol, automóvel	prazer, beijo, trabalho

A diferença semântica entre substantivos **concretos** e **abstratos** é importante na sintaxe, principalmente na distinção entre as funções sintáticas de **complemento nominal** e de **adjunto adnominal**.

Outra divisão importante na classe dos substantivos é a seguinte:

Divisão	Próprios	Comuns
Propriedade semântica	O substantivo denomina um objeto ou um conjunto de objetos, sempre tomados individualmente	O substantivo tem a propriedade de denominar um ou mais objetos particulares que reúnem características comuns inerentes a dada classe
Exemplos	João, Jonas, Açores	homem, mesa, livro

Nomes próprios são grafados com **maiúscula**. Quando um substantivo comum é tratado como próprio, o uso da maiúscula é exigido.

Continuemos com mais detalhes sobre a classe dos substantivos:

Divisão	Contáveis	Não contáveis
Propriedade semântica	Os objetos denominados pelo substantivo existem isolados, como partes individualmente consideradas	Os objetos denominados pelo substantivo não são separados em partes individuais
Exemplos	homem, mulher, casa	oceano, vinho, bondade

Divisão	Coletivos	Nomes de grupos
Propriedade semântica	São substantivos que fazem referência a uma coleção ou conjunto de objetos	São substantivos que nomeiam conjuntos de objetos contáveis
Exemplos	vinhedo, arvoredado	bando, rebanho, cardume

Diferentemente dos **coletivos**, os **nomes de grupos** exigem a determinação explícita da espécie de objetos que compõem o conjunto: um bando **de pessoas**, um cardume **de baleias**. O mesmo não ocorre com os coletivos: em “um vinhedo de vinhos”, a determinação “de vinhos” é redundante.

Vejamos agora as propriedades morfológicas dos substantivos.

Na aula sobre estrutura e processos de formação de palavras, eu disse que os nomes (substantivos e adjetivos) se flexionam em gênero (masculino e feminino) e em número (singular e plural). Quando as gramáticas tratam dessas flexões nominais, há um destaque para a formação do **plural** e para a formação do **feminino**.

Falemos sobre o plural, o qual pode ser formado das seguintes maneiras:

EXEMPLOS

Acréscimo de **-s**:

livro → livros

lei → leis

degrau → degraus

troféu → troféus

cajá → cajás

irmã → irmãs

álbum → álbuns

mãe → mães

bênção → bênçãos

Acréscimo de **-es**:

freguês → fregueses

luz → luzes

cor → cores

Acréscimo de **-is**:

papel → papéis

carnaval → carnavais

fóssil → fósseis

funil → funis

Há casos em que é o tipo de **tema** (lembre-se das noções de **nomes temáticos** e **nomes atemáticos**) da palavra que determina a forma plural. Vou citar os exemplares mais recorrentes (em provas de concurso):

EXEMPLOS

compreensão → compreensões

cidadão → cidadãos

pão → pães
 capitão → capitães
 alemão → alemães
 chão → chãos
 cristão → cristãos
 mão → mãos
 guardião → guardiões/guardiães
 corrimão → corrimãos/corrimões

É também importante citar os substantivos que não possuem marca de plural. É o caso de palavras como **lápis**, **ônibus** e **cútis**. Apenas o contexto sintático permitirá esclarecer se é uma palavra plural ou singular (por exemplo, com o artigo ou com um modificador: **os lápis** e **lápis caro/caros**).

No plural de nomes compostos (em que há mais de um radical), faz-se necessário saber qual elemento varia (flexiona-se em número):

1º padrão

Somente o último elemento varia	
Em compostos grafados ligadamente:	fidalgo → fidalgos
	girassol → girassóis
	lengalenga → lengalengas
Em compostos cujo primeiro elemento é invariável quanto a número:	beija-flor → beija-flores
	alto-falante → alto-falantes

2º padrão

Somente o primeiro elemento varia	
Em compostos onde haja preposição (clara ou oculta):	mula-sem-cabeça → mulas-sem-cabeça
	pé de moleque → pés de moleque
Em compostos de dois substantivos, onde o segundo exprime a ideia de fim , semelhança , ou limita a significação do primeiro:	público-alvo → públicos-alvo
	peixe-boi → peixes-boi

3º padrão

Ambos os elementos variam	
Nos compostos formados por: substantivo-substantivo substantivo-adjetivo adjetivo-substantivo	carta-bilhete → cartas-bilhetes
	amor-perfeito → amores-perfeitos
	segunda-feira → segundas-feiras
Nos compostos verbais repetidos	corre-corre → corress-corres

4º padrão

Nenhum elemento varia (e o plural é indicado por determinantes ou modificadores)	
Em frases substantivas	o disse-me-disse → os disse-me-disse
Nos compostos tema verbal + palavra invariável	o ganha-pouco → os ganha-pouco

Agora vamos tratar da flexão de **gênero**, dando especial destaque à forma dos **substantivos femininos**.

Eu sigo a análise do linguista Joaquim M. Camara Jr. Para ele, a flexão de gênero ocorre da seguinte maneira: acréscimo do sufixo flexional **-a**.

- cachorro + **-a** = cachorra (nesse caso, a vogal temática **-o** é eliminada)
- autor + **-a** = autora (nesse caso, não há vogal temática a ser eliminada)

As variações desse sufixo feminino **-a** são as seguintes:

EXEMPLOS

I – bom → boa; leão → leoa;

II – valentão → valentona;

III – órfão → órfã; irmão → irmã;

IV – europeu → europeia.

Afora essas variações dos sufixos de feminino, temos as três regras a seguir:

Substantivo de gênero único :	(a) rosa (a) flor (a) tribo (a) juruti	(o) planeta (o) amor (o) livro
Substantivo de dois gêneros sem flexão :	(o, a) artista (o, a) intérprete (o, a) mártir	
Substantivos de dois gêneros, com flexão redundante :	(o) lobo; (a) loba (o) mestre; (a) mestra (o) autor; (a) autora	

Os três casos a seguir, situados fora do padrão de flexão, também são avaliados em processos seletivos.

A mudança de gênero gera mudança de significado :	a cabeça (parte do corpo) – o cabeça (o chefe) a rádio (a estação) – o rádio (o aparelho)
O processo de derivação também indica gênero (novo item lexical que compartilha a mesma raiz):	abade – abadessa barão – baronesa conde – condessa embaixador – embaixatriz imperador – imperatriz
Heteronímia no gênero (a indicação de gênero é determinada por substantivos semanticamente opostos):	homem – mulher cavaleiro – amazona marido – mulher genro – nora boi – vaca cavalo – égua

Para finalizar essa parte da nossa aula que trata da **morfologia dos substantivos**, vou apresentar a formação dos aumentativos e diminutivos, que ocorre por derivação.

O grau **aumentativo**, que expressa significação aumentada do substantivo, é realizado por duas formas:

- Morfologicamente (sintético): homem – homenzarrão;
- Analítico (por adjetivos): homem **grande**.

O grau **diminutivo**, que expressa significação diminuída, também pode ser expresso morfologicamente (sintético) ou analiticamente (por adjetivos):

- Morfologicamente (sintético): homem – homenzinho;
- Analítico: homem **pequeno**.

Além da semântica aumentativa ou diminutiva, o grau dos substantivos também pode vincular valor afetivo. Você já deve ter ouvido, em alguma discussão, algo como “vai procurar a sua mãezinha”, ou “aquela sua amiguinha”. Esses valores afetivos são criados a partir do contexto discursivo em que os diminutivos ou aumentativos ocorrem – e por isso estão vinculados à interpretação de textos. As bancas costumam avaliar essas interpretações, e assim a sua leitura crítica e analítica será exigida, certo?

Para concluir a minha exposição sobre essa classe, vou falar introdutoriamente sobre o contexto sintático de ocorrência dos substantivos.

Uma propriedade semântica dos substantivos que exerce influência direta na sintaxe é a seguinte:

Os substantivos possuem índice referencial.

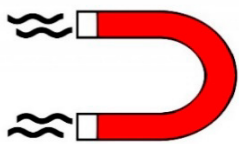
Eita, professor, não entendi nada... Você poderia explicar melhor?

Sim, vou explicar melhor. Vamos ler o trecho a seguir, retirado do livro *Vidas Secas* (Graciliano Ramos): “Deu-se aquilo porque sinha Vitória não conversou um instante com o menino mais velho. **Ele** nunca tinha ouvido falar em inferno.”

No segundo período do trecho acima, eu destaquei o pronome “Ele”. Em sua leitura, certamente você percebeu que esse pronome faz referência a algo que está no período anterior. Temos duas opções: “sinha Vitória” ou “o menino mais velho”. Ora, o pronome “Ele” é masculino e singular, por isso só pode fazer referência a “o menino mais velho” (que também é masculino e singular).

Por que o pronome “Ele” é capaz de fazer referência ao substantivo “menino”? A explicação é a seguinte: os substantivos compõem uma classe de palavras que podem ser retomadas (por pronomes, por exemplo). E essa retomada só é possível porque o substantivo possui uma marca, chamada de **índice referencial** (ou seja, é algo que pode ser retomado, ser referenciado).

Se a gente pensar em uma analogia, podemos dizer o seguinte: o pronome é como um ímã, que consegue “puxar” o substantivo (que é semelhante a uma barra de ferro).

Analogia para ilustrar a propriedade do substantivo de possuir ÍNDICE REFERENCIAL	
 ferro	 ímã
menino (substantivo)	Ele (pronome)
substantivo possui índice referencial	o pronome é capaz de “puxar” a propriedade do substantivo (ou seja, o pronome é capaz de se conectar ao índice referencial)

Na construção do texto, a coesão é baseada, entre outras relações, na conexão entre pronomes e substantivos. Veremos, na sequência de nossa aula, como essas conexões pronome-substantivo ocorrem, certo? Por agora, eu espero que você tenha entendido que um pronome é capaz de retomar um substantivo – ou, falando de outro modo, que um substantivo é capaz de ser retomado por um pronome.

Sintaticamente, os substantivos são **núcleos** dos sintagmas nominais. Vou explicar esse ponto com calma, porque estamos diante de uma noção extremamente relevante para o estudo da sintaxe.

Observe as duas sequências de frases a seguir:

EXEMPLOS

- Os convidados chegaram.
- Todos os mais importantes convidados da festa promovida por aquela empresária paulistana chegaram.

Se eu te pedir para identificar o sujeito de cada uma das sentenças, a resposta que você me dará vai ser a seguinte: na frase em (a), o sujeito é “os convidados”; já na frase em (b), o sujeito é “todos os mais importantes convidados da festa promovida por aquela socialite paulistana”. O predicado nas frases (a) e (b) é o mesmo: “chegaram”. E sabe como comprovamos isso? É só transformar o sujeito em um pronome:

a) **Os convidados** chegaram. → **Eles** chegaram.

b) **Todos os mais importantes convidados da festa promovida por aquela socialite paulistana** chegaram. → **Eles** chegaram.

Por que a frase em (a) possui um sujeito “menor” e a frase em (b) possui um sujeito “maior”? Na verdade, o **núcleo** do sujeito em (a) e em (b) é o mesmo: **convidados** (um substantivo). Ao redor desse núcleo, é possível associar (adjungir) outros itens (artigos, adjetivos etc.), formando um grupo de palavras denominado **sintagma**. Esse sintagma tem a propriedade de funcionar como uma unidade, o que é comprovado pela substituição de toda a sequência de palavras por um único pronome.

Com isso, temos duas informações:

I – o núcleo do sujeito em (a) e em (b) é o substantivo **convidados**.

II – a esse núcleo podem ser somados (adjungidos) outros itens, como artigos e adjetivos, formando uma unidade chamada **sintagma**.

Como sabemos que o substantivo é o núcleo? Bom, a resposta é simples: se retirarmos essa palavra, a frase fica sem sentido (a menos que o termo esteja implícito):

EXEMPLOS

a) ***O** chegaram.

b) ***Todos os mais importantes da festa promovida por aquela socialite paulistana** chegaram.

Você pode imaginar o núcleo como o sol, e os elementos a ele associados como os demais planetas do sistema solar:



Todo o “sistema solar”, que funciona como uma unidade, é o que chamamos de **sintagma**.

Agora vou tentar avançar um pouco no conteúdo de sintaxe. O substantivo é núcleo de sintagma, correto? Bom, quais são as funções sintáticas que esse sintagma nucleado por substantivo pode exercer? Vejamos:

Função sintática	Exemplo (em destaque, o substantivo)
Sujeito	O rapaz comprou o presente da noiva.
Objeto direto	Ele viu o futuro .
Aposto	Pedro é marcado por um defeito: a preguiça .
Predicativo	Ele é um político .
Objeto indireto	Eu entreguei o cheque ao gerente .
Agente da passiva	O bilhete foi comprado pela irmã .
Adjunto adnominal	Ele bateu na velha com a bengala .
Complemento nominal	A destruição de Roma pelos Bárbaros
Adjunto adverbial	Pedro caminhava com atenção .

Detalhe: quando em função de sujeito, objeto direto, aposto e predicativo, o substantivo **dispensa** o apoio de uma preposição. No caso das outras funções (objeto indireto, agente da passiva, adjunto adnominal, complemento nominal e adjunto adverbial), a presença de uma preposição (**a, por, com, de, com** – respectivamente) é necessária.

DIRETO DO CONCURSO

001. (IBFC/IBGE/SUPERVISOR DE COLETA E QUALIDADE/2023) Assinale a alternativa em que o termo “melhor” é um substantivo.

- a) O melhor deve vencer a disputa.
- b) Fizemos o melhor tempo na corrida.
- c) Trabalhamos melhor quando estamos juntos.
- d) O melhor presente foi o da professora.
- e) Vamos escolher o melhor trabalho.



Se houver artigo definido precedendo o **núcleo** do sintagma, estamos diante de um substantivo. Isso ocorre em (a): o melhor deve vencer a disputa. Em (b), o núcleo substantivo é “tempo” (e “melhor” é adjetivo). Em (d) e (e), ocorre algo semelhante: o núcleo substantivo de cada um dos sintagmas é, respectivamente, “presente” e “trabalho”, sendo o termo “melhor” o adjetivo. Em (c), “melhor” é advérbio.

Letra a.

Gente do céu, quanta coisa! Até eu fiquei cansado... Bom, agora acho que é aquela hora da pausa, certo? Quando voltarmos, falaremos das três classes que se associam ao núcleo substantivo: os adjetivos, os artigos e os numerais. Até daqui a pouco!

ADJETIVO

Opa, estamos de volta. Pronto(a)? Vou direto para a definição semântica do adjetivo.

Na definição de Cunha & Cintra, o adjetivo é essencialmente um modificador de substantivo. Na linguística, o adjetivo é caracterizado como uma palavra atributiva – isto é, a função semântica dessa classe é atribuir algo ao substantivo. Os mesmos Cunha & Cintra dividem os seguintes tipos de adjetivos:

Primeiro grupo: os adjetivos que caracterizam os seres, objetos ou as noções nomeadas pelos substantivos. Esses adjetivos podem indicar:	
Qualidade (ou defeito)	inteligência lúcida homem perverso
Modo de ser	pessoa simples rapaz delicado
Aspecto ou aparência	céu azul vidro fosco
Estado	casa arruinada laranjeira florida

Segundo grupo: adjetivos que estabelecem uma relação de tempo, de espaço, de finalidade, de propriedade etc. São os chamados adjetivos de relação.

nota mensal	= nota relativa ao mês
movimento estudantil	= movimento feito por estudantes
casa paterna	= casa onde habitam os pais
vinho português	= vinho proveniente de Portugal

Professor, por que você está adotando a gramática de Cunha & Cintra?

Além de ser uma obra respeitável, a banca FGV, por exemplo, é explícita na escolha desses autores como referência. Em prova aplicada em 2016, o examinador da FGV inicia a questão da seguinte maneira: “Segundo o gramático Celso Cunha, os adjetivos em língua portuguesa expressam qualificações, características, estados e relações; o adjetivo abaixo que expressa relação é [...]”. Viu? Estamos no caminho certo.

A relação entre o substantivo e o adjetivo é a de determinado-determinante. Ou seja, o substantivo é um termo determinado pelo determinante adjetivo. A ideia por trás disso é a seguinte: se eu tenho um substantivo como **homem**, de natureza genérica, ele pode ser

mais especificado semanticamente (isto é, pode ser mais determinado). Assim, quando eu digo o **homem corajoso**, a seguinte interpretação pode ser feita: há um grupo geral de indivíduos que podem ser denominados genericamente por “homem”; desse grupo, eu determino um indivíduo específico, o qual é dotado da qualidade (adjetivo) **de ser corajoso**.

Em língua portuguesa, o adjetivo se situa tipicamente APÓS o substantivo:

SUBSTANTIVO	ADJETIVO (após o substantivo)
homem	corajoso
mulher	inteligente
taça	frágil

Em certas construções, apenas a posição permite definir quando estamos diante de um adjetivo (o termo destacado é o adjetivo):

EXEMPLOS

Um autor **defunto**.

Um defunto **autor**.

Um marinheiro **brasileiro**.

Um brasileiro **marinheiro**.

Nos pares acima, você consegue diferenciar as interpretações? Vou ajudar com o primeiro par, que é retirado da obra de Machado de Assis. Em “Memórias póstumas de Brás Cubas”, o personagem Brás Cubas declara que é um **defunto autor**, e não um **autor defunto**. Com isso, ele quer dizer que se tornou autor após a morte (é um defunto que, depois da morte, virou escritor/autor). Se Brás Cubas fosse um autor defunto, ele deveria ter, em vida, escrito obras – o que não é verdade.

No entanto, eu preciso deixar claro que a posição do adjetivo **não é obrigatoriamente** após o substantivo. Em inversões estilísticas, podemos ter:

EXEMPLOS

belo terno

nobre rapaz

cruel destino

Em que o adjetivo (“belo”, “nobre” e “cruel”) está antes do substantivo.

A **mudança de posição** do adjetivo pode causar mudança de sentido. Veja os pares a seguir e me diga quais são os sentidos, ok?

O ele estava diante de um **simples problema**

Ele estava diante de um **problema simples**

O **bravo comandante** chamou a tropa

O **comandante bravo** chamou a tropa

O **político preso** fará a delação premiada

O **preso político** fará a delação premiada

E então, o que você me diz? “Preso político” é bem diferente de “político preso”, não é? No primeiro caso, temos a caracterização de um preso (o porquê de ele estar preso: foi acusado por seus ideais políticos). No segundo, temos um político que se encontra em situação de prisão (por corrupção, por algum crime etc.). Em “bravo comandante”, a noção semântica é de que o comandante é destemido, valente; em “comandante bravo”, a ideia é a de que o comandante está enfurecido. Muitas questões trabalham essa mudança de posição, ok? O importante é conseguir ler as diferentes interpretações a partir das diferentes posições ocupadas pelo adjetivo.

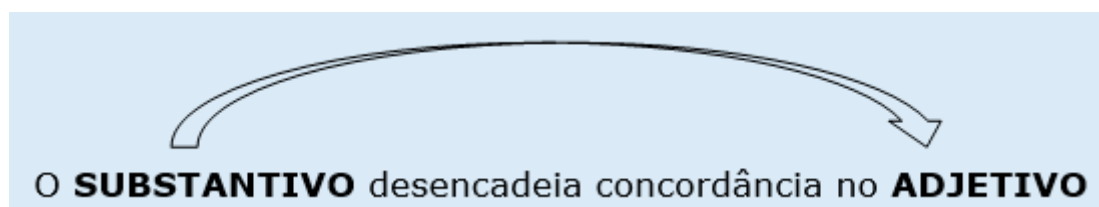
Outro ponto importante em relação ao adjetivo é a possibilidade de ele se tornar um substantivo. Vejamos o par a seguir:

EXEMPLOS

- a) O céu **cinzento** indica chuva.
- b) O **cinzento** do céu indica chuva.

Em (a), **cinzento** é um adjetivo (pois é um determinante do substantivo “céu”). Em (b), **cinzento** é um substantivo. Quando eu falar sobre os artigos, você verá que uma característica dessa classe (os artigos) é a de transformar **qualquer classe** em um substantivo (ou seja, um artigo é capaz de substantivar qualquer palavra).

Em relação à morfologia dos adjetivos, temos que falar da flexão de gênero e número. Como o substantivo e o adjetivo estabelecem uma relação de determinado-determinante, a concordância entre eles ocorre da seguinte maneira:



Pense assim: o substantivo é semelhante a um centro irradiador de informações (nesse caso, de gênero e número). O adjetivo, por sua vez, é um “captador” dessas informações. Quando o adjetivo “capta” essas informações, ele se modifica para se adaptar à forma do substantivo. Assim:

EXEMPLOS

aluno estudioso/aluna estudiosa (concordância de gênero)

aluno estudioso/alunos estudiosos (concordância de número)

Esse é, portanto, o fenômeno de concordância nominal entre substantivos e adjetivos: os adjetivos concordam em gênero (masculino e feminino) e em número (singular e plural) com o substantivo com o qual se associam.

ATENÇÃO

Veja que já estamos estudando o conteúdo de **concordância nominal**. Quando estivermos na aula específica sobre concordância, eu **retomarei** essa ideia de que há uma relação do tipo determinado-determinante (substantivo-adjetivo), a qual envolve as informações de gênero e número.

Em relação à propriedade de expressar **grau**, os adjetivos podem fazê-lo morfologicamente (derivação) ou sintaticamente. O grau dos adjetivos pode ser entendido como uma **medição escalar**.

No grau **comparativo**, a escala está relacionada à mesma entidade ou a uma outra entidade.

Grau comparativo (comparação feita em relação a uma mesma entidade)	
Comparativo de superioridade	Jonas é mais inteligente que estudioso.
Comparativo de igualdade	João é tão inteligente quanto estudioso.
Comparativo de inferioridade	Ana é menos inteligente do que estudiosa.

Grau comparativo (comparação feita em relação a entidades distintas)	
Comparativo de superioridade	Jonas é mais inteligente que Paulo.
Comparativo de igualdade	João é tão inteligente como (ou quanto) Maria.
Comparativo de inferioridade	Ana é menos inteligente do que Pedro.

No grau **superlativo**, a escala está relacionada à potência da qualidade expressa pelo adjetivo.

Grau superlativo absoluto (o adjetivo atinge o grau máximo de determinada qualidade)	
Sintético (formado morfológicamente)	Paulo é inteligentíssimo.
Analítico (formado sintaticamente)	Paulo é muito inteligente.

Grau superlativo relativo (o adjetivo atinge o grau máximo de determinada qualidade em comparação à totalidade dos seres que representam a mesma qualidade)	
Superlativo relativo de SUPERIORIDADE	Paula é a estudante mais estudiosa do colégio.
Superlativo relativo de INFERIORIDADE	Carlos é o estudante menos estudioso do colégio.

Morfologicamente, a formação do superlativo absoluto sintético ocorre pelo acréscimo do sufixo **-íssimo** (como em **originalíssimo**, **belíssimo**, **tristíssimo**). Em algumas questões de concurso, já observei a cobrança das formas superlativas que retomam a raiz latina. É por isso que registro a lista a seguir.

Formas superlativas (absolutas sintéticas) que retomam a raiz latina	
amargo	→ amaríssimo
antigo	→ antiquíssimo
cruel	→ crudelíssimo
doce	→ dulcíssimo
fiel	→ fidelíssimo
frio	→ frigidíssimo
inimigo	→ inimicíssimo
magro	→ macérrimo (ou magríssimo)
negro	→ nigérrimo (ou negríssimo)
pobre	→ paupérrimo (ou pobríssimo)
cheio	→ cheiíssimo
feio	→ feiíssimo
sério	→ seriíssimo

E a sintaxe dos adjetivos? Bom, a função já discutida por nós é a de modificador de substantivo, como em **homem corajoso**. O nome dessa função sintática exercida pelos adjetivos é **ADJUNTO ADNOMINAL**. Ei, atenção! Adjetivo é uma classificação **morfológica**; adjunto adnominal é uma classificação **sintática**.

Outras duas funções sintáticas exercidas pelos adjetivos são a de **predicativo do sujeito** e **predicativo do objeto**.

No **predicativo do sujeito**, o adjetivo é núcleo de um predicado nominal:

EXEMPLO

a) Jonas é **bonito**.

Na função sintática de **predicativo do objeto**, o adjetivo modifica o objeto de um verbo transitivo direto. Na frase a seguir, o adjetivo “preocupada” modifica o objeto direto **minha vizinha** (nucleado pelo substantivo **vizinha**).

EXEMPLO

b) Ontem eu vi minha vizinha muito **preocupada**.

Por fim, eu destaco que os adjetivos podem ser modificados por advérbios, como na frase acima (o advérbio **muito** modifica o adjetivo **preocupada**).

DIRETO DO CONCURSO



002. (CONSULPAM/PREF. JACAREÍ-SP/AGENTE/2023) “Escuta o trem **de ferro** alegre a cantar.” Assinale a alternativa cuja palavra é um adjetivo relativo, correspondente ao sintagma acima, conforme o seu sentido no texto.

- a) Férreo.
- b) Ferrenho.
- c) Ferreiro.
- d) Ferroso.



A forma correspondente a “de ferro” é “férreo”, pois denotam a ideia de “contém ferro”. Em (b), c) e (d), as noções são distintas: semelhante a ferro; artífice do ferro; que possui natureza de ferro.

Letra a.

003. (INSTITUTO AOCP/PREFEITURA DE BETIM-MG/TÉCNICO/2020/ADAPTADA) Julgue (certo ou errado) a afirmativa a seguir:

Em “Desse ponto de observação, podia-se enxergar um enorme vazio.”, o termo em destaque é um substantivo, caracterizado pelo adjetivo “enorme”.



A análise é adequada: trata-se de um substantivo modificado pela forma adjetiva “enorme”.
Certo.

Professor, mas essa aula não tem fim?

Tem sim, mas só depois de falarmos de mais algumas classes importantíssimas (olha a forma superlativa aí, rsrs).

Na continuação, trabalhamos a classe dos artigos.

ARTIGO

A classe dos artigos é fechada, compreendendo dois grupos: **definidos** e **indefinidos**. As noções de gênero e número também são codificadas nos artigos.

	Artigo definido		Artigo indefinido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Masculino	o	os	um	uns
Feminino	a	as	uma	umas

Semanticamente, a distinção definido e indefinido ocorre da seguinte maneira:

EXEMPLOS

- a) Ele trouxe **um** livro.
- b) Ele trouxe **o** livro.

Na frase em (a), o artigo indefinido indica algo de modo indeterminado, não particularizado. Quem enuncia a frase em (a) está fazendo referência a algo que se supõe **não ser** de conhecimento do ouvinte.

Na frase em (b), diferentemente, a presença do artigo definido indica algo de modo determinado, particularizado. O falante que produz a frase em (b) supõe que o ouvinte **já conhece** o livro.

Assim, o artigo **definido** é aquele que denota **particularização, conhecimento prévio, algo já mencionado**. O artigo **indefinido**, por sua vez, é aquele que denota **não particularização, desconhecimento prévio, algo não mencionado anteriormente**.

Na interpretação de textos, os sentidos produzidos pela presença/ausência de artigos são importantes. Primeiro, vou mostrar como as interpretações mudam nas frases a seguir:

EXEMPLOS

- a) Cachorro late.
- b) **Um** cachorro latiu.
- c) **O** cachorro latiu.

Você é capaz de notar a diferença de interpretação entre (a), (b) e (c), não é? Em (a), a ideia transmitida é a de que a espécie cachorro late (é da natureza de todo ser dessa espécie). Em (b), eu sei que um indivíduo (desconhecido/não especificado/não delimitado) da espécie cachorro latiu, mas não consigo dizer de modo específico *qual* cachorro. Em (c), por fim, eu sei qual cachorro latiu – ou seja, eu conheço, de modo específico, qual é o cachorro que latiu.

Sintaticamente, os artigos acompanham os substantivos. Eu já disse, na parte da aula sobre substantivos, que o artigo é capaz de transformar qualquer classe em substantivo. Muito bem. Agora precisamos definir a função sintática dos artigos. À semelhança dos adjetivos, **o artigo é um adjunto adnominal**. Então temos o seguinte: artigo é uma classe de palavra (classificação morfológica) que exerce função sintática de adjunto adnominal (acompanha um substantivo).

Os artigos (definidos e indefinidos) podem contrair-se com as preposições. Por isso, é necessário ficar atento para identificá-los:

PREPOSIÇÃO +	ARTIGO DEFINIDO			
	o	a	os	as
a	ao	à	aos	às
de	do	da	dos	das
em	no	na	nos	nas
por (per)	pelo	pela	pelos	pelas

Na combinação **preposição “a” + artigo “a”**, encontramos o fenômeno **crase**, indicado pelo acento grave (`). As particularidades relativas a esse fenômeno serão discutidas em outra aula, mais à frente.

PREPOSIÇÃO +	ARTIGO INDEFINIDO			
	um	uma	uns	umas
de	dum	duma	duns	dumas
em	numa	numa	nuns	numas

Dois fatos relacionados aos artigos devem ser destacados:

I – Artigos não antecedem verbos;

II – Artigos não antecedem pronomes retos (eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas) ou oblíquos (o, a, lhe, me, te, se, nos, vos, mim, ti, si).

ATENÇÃO

Esses dois fatos são tão importantes, mas tão importantes, que precisarei repeti-los aqui:

I – Artigos não antecedem verbos;

II – Artigos não antecedem pronomes retos (eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas) ou oblíquos (o, a, lhe, me, te, se, nos, vos, mim, ti, si).

DIRETO DO CONCURSO

004. (IBFC/CÂM. FEIRA DE SANTANA-BA/PROCURADOR/2018) Assinale a alternativa em que se faz um comentário INCORRETO a respeito do vocábulo destacado em “O vínculo comercial dá, sim, margem **a** práticas de má-fé.”:

- a) trata-se de um artigo definido feminino e no singular.
- b) sua presença deve-se a uma questão de regência.
- c) não ocorre crase em função do vocábulo “práticas”.
- d) classifica-se, morfologicamente, como preposição.



A questão pede – ATENÇÃO – o item **incorreto**. Por isso, a forma “a”, uma preposição, nunca poderá ser classificada como artigo definido e singular. Isso porque, se houvesse artigo, essa forma deveria ser “as” (plural), pois concordaria com “práticas”.

Letra a.

Bom, acho que sabemos o suficiente sobre os artigos. Vamos agora discutir a classe dos numerais.

NUMERAL

Semanticamente, os numerais possuem significação quantificadora, denotando valor definido. Segundo a tradição gramatical, existem os seguintes tipos de numerais:

- CARDINAIS: expressam quantidades inteiras;
- ORDINAIS: denotam ordem, posição;
- MULTIPLICATIVOS: denotam múltiplos;
- FRACIONÁRIOS: denotam quantidade fracionária.

Em termos sintáticos, os numerais são tipicamente **adjuntos** de substantivos (exercem a função de **adjunto adnominal**), como em “**dois** irmãos”. Alguns substantivos podem denotar

coletivos numéricos, como **dezena, década, dúzia, centena, cento, milhar, milheiro, milhão, bilhão, trilhão** etc. Observe que, nesse caso, estamos falando de SUBSTANTIVOS, pois são acompanhados de determinantes e/ou modificadores (isto é, são núcleos de sintagmas nominais): uma **dúzia**; uma **centena**; o primeiro **milhão**.

Em concursos públicos, cobra-se a ortografia dos numerais, principalmente dos ordinais. Por isso, apresento a lista a seguir, registrando a grafia de cada tipo de numeral:

CARDINAL	ORDINAL	MULTIPLICATIVO	FRACIONÁRIO
um	primeiro	-	-
dois	segundo	dobro, duplo	meio
três	terceiro	triplo, tríplice	terço
quatro	quarto	quádruplo	quarto
cinco	quinto	quíntuplo	quinto
seis	sexto	sêxtuplo	sexto
sete	sétimo	sétuplo	sétimo
oito	oitavo	óctuplo	oitavo
nove	nono	nônuplo	nono
dez	décimo	décuplo	décimo
onze	décimo primeiro	-	onze avos
doze	décimo segundo	-	doze avos
treze	décimo terceiro	-	treze avos
catorze	décimo quarto	-	catorze avos
quinze	décimo quinto	-	quinze avos
dezesseis	décimo sexto	-	dezesseis avos
dezessete	décimo sétimo	-	dezessete avos
dezoito	décimo oitavo	-	dezoito avos
dezenove	décimo nono	-	dezenove avos
vinte	vigésimo	-	vinte avos
trinta	trigésimo	-	trinta avos
quarenta	quadragésimo	-	quarenta avos
cinquenta	quingagésimo	-	cinquenta avos
sessenta	sexagésimo	-	sessenta avos
setenta	septuagésimo	-	setenta avos
oitenta	octogésimo	-	oitenta avos
noventa	nonagésimo	-	noventa avos
cem	centésimo	cêntuplo	centésimo
duzentos	ducentésimo	-	ducentésimo

CARDINAL	ORDINAL	MULTIPLICATIVO	FRACIONÁRIO
trezentos	trecentésimo	-	trecentésimo
quatrocentos	quadringentésimo	-	quadringentésimo
quinhentos	quingentésimo	-	quingentésimo
seiscentos	sexcentésimo	-	sexcentésimo
setecentos	septingentésimo	-	septingentésimo
oitocentos	octingentésimo	-	octingentésimo
novecentos	nongentésimo ou noningentésimo	-	nongentésimo
mil	milésimo	-	milésimo
milhão	millionésimo	-	millionésimo
bilhão	billionésimo	-	billionésimo

DIRETO DO CONCURSO

005. (INSTITUTO AOCP/PREFEITURA DE BETIM-MG/TÉCNICO/2020/ADAPTADA)

Conto: uma morada

O sonho de uma velha senhora

Juremir Machado da Silva

Contava-se que ela havia passado a vida lutando contra homens, doenças e intempéries. Dizia-se que criara sozinha onze filhos e enfrentara oito tormentas de derrubar casas e deixar muita gente desesperada. Durante muito tempo, teve um apelido: a flagelada. Era alta, magérrima e de olhos muito negros, duas bolas escuras que pareciam cintilar à beira do abismo. Era uma mulher de fala forte, voz rouca, agravada pelo cigarro, não menos de trinta por dia, do palheiro ao sem filtro, o que viesse, qualquer coisa que lhe permitisse sair do ar.

Sobre o texto, julgue (certo ou errado) a afirmativa a seguir:

Em “Durante muito tempo, teve **um** apelido: a flagelada.”, o termo destacado funciona como um numeral ordinal.

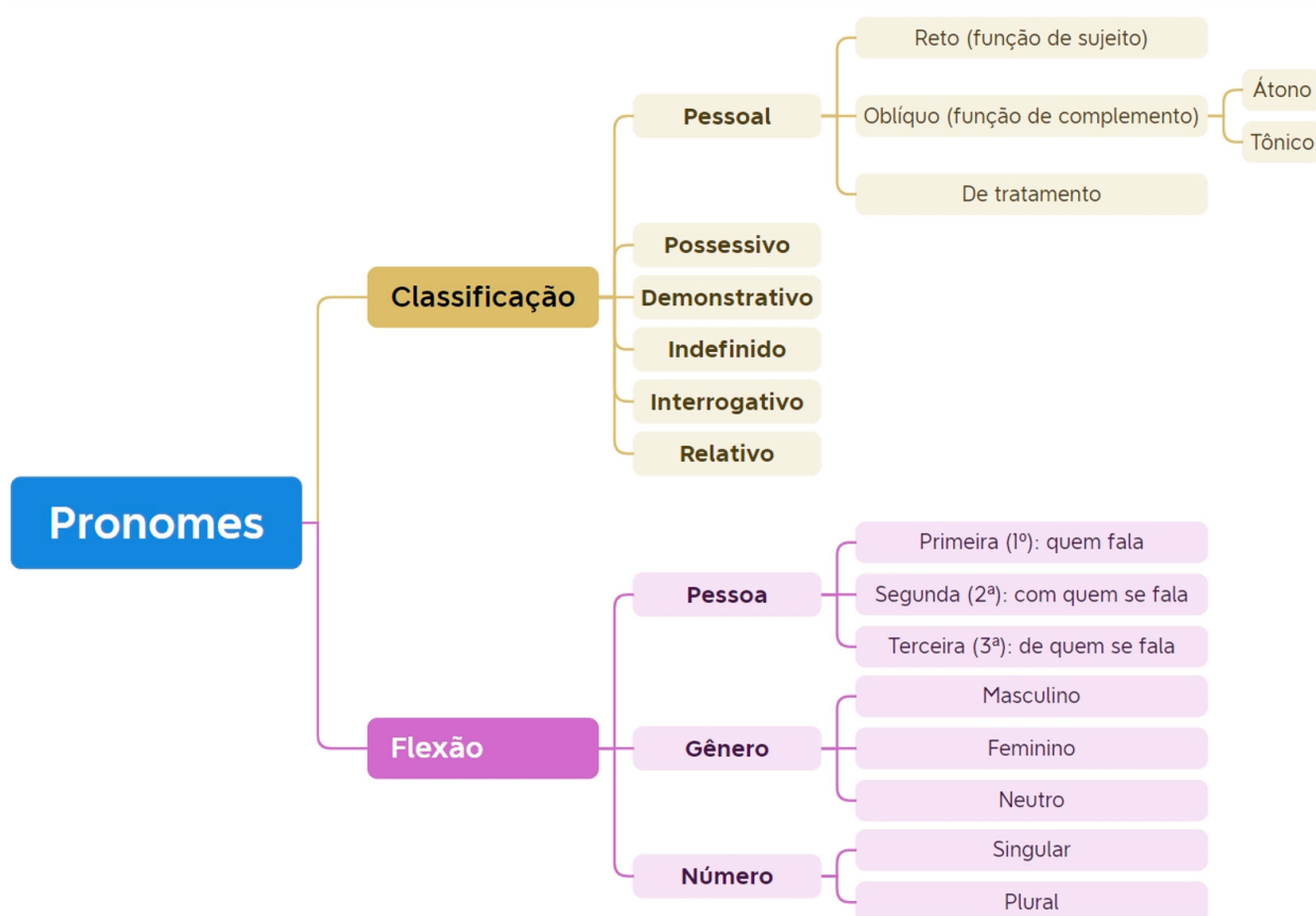


A interpretação adequada do termo é a de determinante, pois apresenta um apelido específico, particular (especificado pelo aposto que segue o sinal de dois-pontos). Assim, ainda que se trata de um artigo indefinido masculino singular, ele é capaz de especificar o termo.

Errado.

PRONOME

A Nomenclatura Gramatical Brasileira organiza a classe dos **pronomes** da seguinte maneira (em *mapa mental*, para facilitar a aprendizagem):



Na classificação acima, você pode perceber que há diferentes tipos de pronomes: pessoais, possessivos, interrogativos etc. Essas diferenças são de natureza semântica, morfológica e sintática. Na morfologia, as flexões dos pronomes são importantes para identificar as relações sintáticas (e, claro, semânticas). E as bancas examinadoras avaliam esse tipo de conhecimento **contextualizado**, envolvendo morfologia, semântica (interpretação) e sintaxe!

Para definir um pronome, temos que usar uma palavra pouco conhecida, **díctico**, que significa “aquilo que se refere à situação em que o enunciado é produzido, ao momento da enunciação e aos atores do discurso”.

Nossa, professor, a palavra é desconhecida e o significado da palavra é complicado...

Fique tranquilo(a), vou esclarecer.

Quando eu digo algo como “**Eu** comprei **este** celular pela internet”, as formas pronominais “Eu” e “este” fazem referência a alguma coisa. Mas a quais coisas? A forma pronominal “Eu” faz referência a quem comunica a mensagem. A mesma pessoa que comprou o celular é a pessoa que informa/diz/enuncia que comprou o celular. Essa forma pronominal indica, então, um **ator do discurso**.

A forma pronominal “este” também faz referência a algo. No caso da frase “Eu comprei **este** celular pela internet”, o pronome “este” indica que o item comprado pela internet (o celular) está **próximo** ao enunciador (ao “Eu”). Se a frase fosse “Eu comprei **esse** celular pela internet”, o pronome “**esse**” indicaria que o objeto comprado (o celular) está perto do receptor da mensagem (aquele a quem eu dirijo a minha fala). E, por fim, se a frase fosse “Eu comprei **aquele** celular pela internet”, o significado também mudaria: o objeto comprado (celular) está distante do enunciador (aquele que produz a mensagem) e do receptor (aquele que recebe a mensagem).

Ficou claro? Essa ilustração serve para traduzir a ideia de que **as formas pronominais são díticas** (ou seja, os pronomes fazem referência à situação em que o enunciado (a mensagem) é produzido).

Os pronomes também fazem referência **internamente** ao texto. Por exemplo, vamos observar a sequência de frases a seguir:

EXEMPLO

A professora chegou atrasada. **Ela** quase nunca faz **isso**.

Dois pronomes se destacam na segunda frase (“Ela” e “isso”). Como falante do português, você certamente sabe quais são os referentes desses dois pronomes, não é? O pronome “Ela” faz referência ao nome “professora” (primeira oração) e o pronome “isso” faz referência ao evento “chegou atrasada”.

Cada tipo de pronome faz referência a um aspecto da situação em que o enunciado é produzido. Vejamos a que situação cada tipo de pronome faz referência (apresento também os representantes de cada tipo):

PRONOMES PESSOAIS

Os pronomes pessoais fazem referência aos participantes dos eventos e a elementos textuais prévios (como nomes e eventos). Cada tipo de pronome pessoal (retos e oblíquos) exercem funções sintáticas específicas (que serão detalhadas nas aulas sobre sintaxe, ok?).

Retos	Oblíquos átonos	Oblíquos tônicos
eu	me	mim
tu	te	ti
ele/ela	o, a, lhe, se	ele/ela/si
nós	nos	nós
vós	vos	vós,
eles/elas	os, as, lhes, se	eles/elas/si

Note a diferença entre ÁTONOS e TÔNICOS. Os pronomes átonos são fracos em tonicidade (e, por isso, devem estar próximos a formas tônicas, tipicamente os termos regentes). As formas tônicas, por outro lado, são mais fortes em termos de tonicidade – e, por isso, são mais independentes em relação a outro termo tônico (e, como veremos na aula sobre o período simples, os pronomes pessoais oblíquos tônicos são introduzidos por preposições).

DIRETO DO CONCURSO



006. (IBFC/IBGE/SUPERVISOR DE COLETA E QUALIDADE/2023)



No último quadrinho, o personagem diz "...mas antes, vamos acertar o pronome" porque o certo é:

- a) vamos massacrar eles.
- b) vamos arrasar eles.
- c) vamos os arrasar.
- d) vamos os massacrar.
- e) vamos arrasá-los.



O adequado é "arrasá-los". Deve-se empregar o pronome oblíquo para exercer a função de complemento direto do verbo "arrasar". A correção ocorre em razão de se utilizar, incorretamente, o pronome reto "eles" na função de complemento.

Letra e.

PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos indicam posse. Exercem função sintática semelhante à dos adjetivos (na sintaxe, são adjuntos adnominais), concordando com o substantivo com que se relacionam.

EXEMPLOS

meu, minha/meus, minhas
 teu, tua/teus, tuas
 seu, sua/seus, suas
 nosso, nossa/nossos, nossas
 vosso, vossa/vossos, vossas
 seu, sua/seus, suas

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Os pronomes demonstrativos indicam seres ou coisas referidas no momento da enunciação, seja textual, seja espacial (cenário da enunciação).

EXEMPLOS

este(s), esta(s), isto
 esse(s), essa(s), isso,
 aquele(s), aquela(s), aquilo

Observe que, em termos de gênero, há três formas:

Masculino	Feminino	Invariável (sempre pronome substantivo)
Este	Esta	Isto
Esse	Essa	Isso
Aquele	Aquela	Aquilo

As formas invariáveis “isto”, “isso” e “aquilo” são não especificadas em relação aos traços de gênero. Por isso, no discurso, funcionam como demonstrativos de noções mais amplas, como ideias, conceitos etc. Em linguística textual, as formas “isso”, “isto”, “aquilo” também podem retomar estruturas paragrafais, auxiliando na coesão sequencial.

Algumas provas avaliam duas noções relacionadas aos pronomes demonstrativos: a **anáfora** e a **catáfora**. Vejamos cada uma delas.

Quando uma forma pronominal **retoma** uma informação presente no texto, estamos diante de uma **anáfora**. É o caso, por exemplo, da seguinte frase:

EXEMPLO

A Joana anunciou que queria o divórcio. **Isso** abalou profundamente seus filhos.

O pronome demonstrativo “Isso” é capaz de retomar a predicação anterior (o fato de a Joana ter anunciado que queria o divórcio). Se temos uma retomada por pronome demonstrativo, temos o quê? Sim, uma **ANÁFORA**.

Os pronomes demonstrativos também podem **antecipar** informações que ainda vão ser apresentadas, como neste exemplo:

EXEMPLO

A Joana chegou em casa e disse **isto**: “quero o divórcio, Alberto”.

A forma pronominal “isto” antecipa a oração “quero o divórcio, Alberto”. Quando uma forma pronominal **antecipa** uma informação do texto, estamos diante de uma **CATÁFORA**.

Ainda há uma última observação sobre o uso dessas formas pronominais demonstrativas. É o caso de haver mais de um referente a ser retomado. Imagine a seguinte sentença:

EXEMPLOS

O Brasil possui dois parceiros econômicos estratégicos: a União Europeia e a China. **Este** é um país; **aquele**, uma união de Estados-membros independentes.

E então, conseguiu reconhecer os referentes de cada forma pronominal? Vamos à análise:

Obs.: O pronome “este”: retoma o termo mais “próximo”, o parceiro econômico **China**

Obs.: Pronome “aquele”: retoma o termo mais “distante”, o parceiro econômico **União Europeia**.

Esse tipo de uso das formas pronominais é muito (mas muito mesmo) cobrado em concursos públicos, como veremos em nossas questões comentadas.

PRONOMES INDEFINIDOS

Os pronomes indefinidos se referem à terceira pessoa de modo indeterminado. Quando ocorrem na sintaxe, tendem a ser núcleo de sintagma nominal e desencadeiam no verbo a concordância de 3ª pessoa.

EXEMPLOS

Algum(a)(s)

Alguém

Nenhum(a)(s)

Ninguém

Outro(a)(s)

Outrem

Muito(a)(s)

Pouco(a)(s)

Certo(a)(s)

Vários(as)

Tanto(a)(s)
Quanto(a)(s)
Qualquer
Quaisquer
Nada
Cada
Algo

Em uma frase como “Ninguém chegou atrasado”, o sujeito do predicado “chegou atrasado” é a forma pronominal indefinida “Ninguém”, ok?

EXEMPLO

Ninguém chegou atrasado.

SUJEITO

PREDICADO

PRONOMES INTERROGATIVOS

Os **pronomes interrogativos** podem ser usados em frases interrogativas (diretas, com interrogação; indiretas, sem interrogação):

EXEMPLOS

Que
Qual
Quem
Quanto

- Em frase interrogativa **direta**:

EXEMPLOS

Ele disse (o) **quê**?
(O) Que ele disse?

Note que, em final de frase, a forma interrogativa “que” deve estar acentuada: “quê”.

- Em frase interrogativa **indireta**:

EXEMPLO

Gostaria de saber (o) **que** é isso.

PRONOMES RELATIVO

Os pronomes relativos fazem referência a um nome antecedente (e, sintaticamente, são responsáveis por introduzir uma oração subordinada adjetiva). É a forma pronominal mais avaliada em concursos públicos, sem dúvidas.

EXEMPLOS

Que
Quem
Onde
Cujo(a)(s)
Quando
Como
O qual
A qual
Os quais
As quais

Veremos o emprego sintático dos pronomes relativos na aula sobre **o período composto por subordinação**.

QUESTÃO INÉDITA

A política das ruas deve continuar a bater à porta do Judiciário

Há uma imagem que não me sai da cabeça desde o dia 6 de janeiro de 2021: o Capitólio norte-americano invadido por um grupo extremistas/supremacistas que o senso comum poderia, em um passo em falso, simplesmente rotular de lunáticos. De todas as cenas, um frame específico está cravado em minha mente: a de um homem vestido com a pele de um animal, chifres, dorso nu e as cores da bandeira dos Estados Unidos pintadas no rosto. Algo como um viking, um “bode” ou uma miríade de outras interpretações que, a depender do grupo, pode ser provocada. Essa se trata também da imagem mais veiculada desde então, uma espécie de símbolo dos apoiadores do presidente Donald Trump, derrotado nas últimas eleições, que, em uma tentativa de golpe, protagonizaram a mencionada invasão.

O homem em pele de bicho, ou sei lá o quê, sem dúvida, sintetiza os diversos sentidos das cenas aterrorizantes veiculadas pelo mundo inteiro. Mas nem por isso faltaram outros personagens, como um sujeito que trajava uma camiseta estampada com a expressão “Camp Auschwitz” e um outro que zanzava pelos salões carregando uma bandeira confederada, símbolo dos estados escravocratas sulistas durante a Guerra da Secessão. Em meio ao circo, parlamentares saíam correndo e tentavam se esconder. Tudo fotografado, filmado, registrado em profusão de detalhes e transmitido em escala mundial. Eis que a nação que se colocava como a principal representante da democracia no Ocidente virou, em segundos, a maior fonte de proliferação de memes. Com uma virada de chave na ordem mundial pós Segunda Guerra, isso tem um impacto imenso.

No Brasil, era possível ver quem recomendasse que Joe Biden, presidente eleito, esperasse lá nos Estados Unidos o socorro vindo do Ceará com o ex-governador do estado Cid Gomes seguindo em missão salvadora dirigindo uma retroescavadeira. Noutra postagem,

resgatou-se uma cena em que a figura do Minotauro aparecia conversando com Tia Anastácia, em uma antiga versão do Sítio do Pica-pau Amarelo. Tudo em alusão ao tal viking. Símbolos da cultura pop também entraram na roda, com referências ao cantor Jamiroquai e ao grupo Village People, por exemplo. Penso nas inúmeras apropriações e me pergunto: quais serão os memes usados na Índia? E em outros países da América Latina? Na Letônia? E nas Ilhas Maurício? O Daily Nation, do Quênia, trouxe entre as suas manchetes a seguinte pergunta: *“Who’s the banana republic now?”*.

A situação toda ultrapassa as ironias imagináveis, mas a “revolução” não só foi televisionada como ganhou, planetária e localmente, as mais diversas representações de sátira em escala jamais vista. Nem Andy Warhol, ao cunhar a célebre expressão sobre a cota de “15 minutos de fama” ao qual todos teriam direito no futuro, poderia imaginar que seriam o Capitólio e os símbolos norte-americanos mobilizados em uma das manifestações mais potentes da política deste início do século XXI.

Feito esse breve resumo, cujos exemplos estão fartamente documentados em todos os lugares, meu ponto preciso de argumentação é: tudo aquilo que, por um lado, mobiliza escárnio e sátira, por outro, arregimenta adesão. Símbolos não existem por si só; eles causam repulsa em uns e identificação em outros.

Grazielle Albuquerque. Le Monde Diplomatique. 11 de janeiro de 2021.

Assinale a alternativa em que o termo destacado antecipa uma informação que, na cadeia coesiva, ainda será apresentada:

- a) “**Essa** se trata também da imagem mais veiculada desde então” (1º parágrafo)
- b) “como um sujeito **que** trajava uma camiseta estampada com a expressão ‘Camp Auschwitz’” (2º parágrafo)
- c) “Com uma virada de chave na ordem mundial pós Segunda Guerra, **isso** tem um impacto imenso” (2º parágrafo)
- d) “**eles** causam repulsa em uns e identificação em outros” (5º parágrafo)
- e) “O Daily Nation, do Quênia, trouxe entre as suas manchetes **a seguinte pergunta**” (3º parágrafo)



As formas “Essa” (a), “que” (b), “isso” (c) e “eles” (d) RETOMAM uma informação/um referente já expressa/o na cadeia coesiva do texto. São os chamados ANAFÓRICOS. Em (e), diferentemente, a expressão “a seguinte pergunta” ANTECIPA uma informação que ainda será apresentada na cadeia coesiva do texto (são os chamados CATAFÓRICOS): *“Who’s the banana republic now?”*

Letra e.

Agora uma outra classe de pronomes: os **pronomes de tratamento**. Para isso, seguirei uma boa referência, o Manual de Redação da Presidência da República (3ª Edição, publicada em 2018).

PRONOMES DE TRATAMENTO

Em termos discursivos, usa-se a segunda pessoa do plural (vós), de maneira indireta, para referenciar atributos da pessoa à qual se dirige. Os pronomes de tratamento são empregados majoritariamente nas comunicações oficiais, especialmente em três situações:

- **Endereçamento:** é o texto utilizado no envelope que contém a correspondência oficial.
- **Vocativo:** o autor do expediente se dirige ao destinatário no início do documento.
- **Corpo do texto:** emprega-se o pronome em sua forma abreviada ou por extenso.

O Manual de Redação da Presidência da República (2018) apresenta os seguintes exemplos de utilização de pronomes de tratamento no texto oficial:

Autoridade	Endereçamento	Vocativo	Tratamento no corpo do texto	Abreviatura
Presidente da República	A Sua Excelência o Senhor	Excelentíssimo Senhor Presidente da República,	Vossa Excelência	Não se usa
Presidente do Congresso Nacional	A Sua Excelência o Senhor	Excelentíssimo Senhor Presidente, do Congresso Nacional,	Vossa Excelência	Não se usa
Presidente do Supremo Tribunal Federal	A Sua Excelência o Senhor	Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal,	Vossa Excelência	Não se usa
Vice-Presidente da República	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Vice-Presidente da República,	Vossa Excelência	V – Exa.
Ministro de Estado	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Ministro,	Vossa Excelência	V – Exa.
Secretário-Executivo de Ministério e demais ocupantes de cargos de natureza especial	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Secretário-Executivo,	Vossa Excelência	V – Exa.
Embaixador	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Embaixador,	Vossa Excelência	V – Exa.
Oficial-General das Forças Armadas	A Sua Excelência o Senhor	Senhor + Posto,	Vossa Excelência	V – Exa.

Autoridade	Endereçamento	Vocativo	Tratamento no corpo do texto	Abreviatura
Outros postos militares	Ao Senhor	Senhor + Posto,	Vossa Senhoria	V – Sa.
Senador da República	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Senador,	Vossa Excelência	V – Exa.
Deputado Federal	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Deputado,	Vossa Excelência	V – Exa.
Ministro do Tribunal de Contas da União	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Ministro, do Tribunal de Contas da União,	Vossa Excelência	V – Exa.
Ministro dos Tribunais Superiores	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Ministro,	Vossa Excelência	V – Exa.

Em relação ao fenômeno de concordância, os pronomes de tratamento apresentam certas peculiaridades. Como eu disse, o padrão é um pronome se referir à segunda pessoa gramatical (com quem se fala). No entanto, a tradição gramatical prescreve que **os pronomes de tratamento levam a concordância (da forma verbal) para a terceira pessoa gramatical** (do que se fala).

O Manual de Redação da Presidência da República destaca que os pronomes **Vossa Excelência** ou **Vossa Senhoria** são utilizados para se dirigir (via comunicação) diretamente com o receptor. O exemplo apresentado pelo MRPR é este:

EXEMPLO

“Vossa Senhoria **designará** o assessor.”

Observe que, na frase acima, o verbo está flexionado na terceira pessoa gramatical.

Esta prescrição sobre a concordância com pronomes de tratamento também é aplicada aos **pronomes possessivos** referidos a pronomes de tratamento:

EXEMPLO

“Vossa Senhoria designará **seu** substituto.”

A frase acima estaria incorreta se registrada desta forma: “Vossa Senhoria designará **vosso** substituto”.

No que diz respeito à concordância de gênero, temos outra particularidade. Isso ocorre porque, em relação aos adjetivos referidos aos pronomes, o gênero gramatical precisa levar em consideração o sexo da pessoa a que se refere (e não com o substantivo que compõe a locução). Vejamos os exemplos:

EXEMPLOS

I – “Vossa Excelência está atarefado.”

[caso o interlocutor for **homem**]

II – “Vossa Excelência está atarefada.”

[caso o interlocutor for **mulher**]

Quando se fizer referência (indireta) a alguma autoridade, a forma adequada é **Sua Excelência**, como em um endereçamento do expediente:

EXEMPLO

“A **Sua Excelência** o Ministro de Estado Chefe da Casa Civil”

O QUANTIFICADOR “TODO”

Na língua portuguesa, temos uma forma linguística que possui função quantificadora: **todo**. Há algumas observações a serem feitas sobre esse quantificador.

Primeiramente, quando em forma plural, as formas **todos** e **todas**, antepostas ao substantivo, exigem SEMPRE o artigo, a não ser quando seguidos dos demonstrativos **estes**, **esses**, **aqueles**:

EXEMPLOS

A mobilização de **todos os** setores é indispensável. [com artigo]

Pensei em **todas** essas questões. [sem artigo, porque seguido de **essas**]

As formas **todo** e **toda**, quando acompanhados de artigo, podem significar **totalidade**, **inteireza**. Esse mesmo significado permanece quando a forma **todo/toda** está posposta:

EXEMPLOS

Todo o poder emana do povo.

Ele reclamou a semana **toda**.

Outro significado das formas **todo/toda** é de **qualquer**. Nesse caso, é a presença/ ausência de artigo que gera as distintas interpretações:

EXEMPLOS

Toda contribuição é bem recebida. [sem artigo > semântica: qualquer]

Toda **a** contribuição foi recebida. [com artigo > semântica: por inteiro/total]

Esse tipo de distinção não é muito comum em concursos, mas vai que alguma prova no futuro avalie esse conhecimento... Melhor não arriscar e fazer o registro, não é?

DIRETO DO CONCURSO

007. (FGV/IBGE/AGENTE/2019) Uma propaganda sobre o aniversário de um programa de notícias diz o seguinte: “O maior programa brasileiro de notícias completa 40 anos”.

A história de quatro décadas do programa registra os fatos mais relevantes da história mundial, bem como as evoluções tecnológicas e de tratamento de informação que vêm transformando as comunicações em todo o mundo.

“...que vêm transformando as comunicações em **todo o** mundo”.

Nessa frase do texto 1, empregou-se corretamente o artigo definido após o pronome indefinido “todo”; a frase abaixo em que esse emprego também está correto é:

- a) **Todo o** jornal do planeta cobre acontecimentos mundiais;
- b) As notícias aparecem em **todas as** páginas dos jornais;
- c) **Todo o** repórter deve trabalhar muito diariamente;
- d) **Toda a** notícia deve ser checada antes de publicação;
- e) **Todo o** texto publicitário deve elogiar produtos.



O significado da expressão “todo o mundo” é de **inteireza**. Em algumas sentenças, se o artigo for retirado da expressão “todo o”, o significado passa a ser equivalente a “qualquer”. Em (a), (c), (d) e (e), a retirada do artigo é adequada, porque o sentido é de “qualquer”:

- a) Errada. **Todo** jornal do planeta cobre acontecimentos mundiais.
- b) Certa. Em (b), no entanto, o sentido não é de “qualquer”, mas de “inteireza”.
- c) Errada. **Todo** repórter deve trabalhar muito diariamente.
- d) Errada. **Toda** notícia deve ser checada antes de publicação.
- e) Errada. **Todo** texto publicitário deve elogiar produtos.

Letra b.

É isso, então. Vimos muita coisa nessa aula, não é? Nas questões comentadas, você poderá entender melhor como cada classe de palavra é avaliada. Muitas vezes, as classes de palavras são avaliadas em conjunto (por exemplo: artigo, pronome e preposição), o que exigirá mais de seus conhecimentos, ok?

Vamos agora ao Resumo e, em seguida, ao Mapa Mental. Depois, se quiser, dê uma conferida no Glossário. Por fim, mas não menos importante, **TRATE DE RESOLVER AS QUESTÕES DE CONCURSO!** Certamente você terá um ótimo desempenho na resolução.

Sucesso e coragem!

RESUMO

Nesta aula, você estudou os critérios de classificação das classes de palavras em português. Vimos que há **dez classes**, as quais são organizadas a partir de critérios **sintáticos, morfológicos e semânticos**.

Você também viu que é possível organizar as classes a partir de outros critérios, como **classes abertas x classes fechadas, classes variáveis x classes invariáveis e classes lexicais x classes gramaticais**.

Na sequência, estudamos a classe dos **substantivos**, os quais são caracterizados semanticamente por denotarem classes de entidades. Sintaticamente, os substantivos são núcleos de sintagmas nominais e podem exercer diversas funções sintáticas (sujeito, objeto direto etc.). Morfologicamente, flexionam em gênero e número (e grau).

Na classe dos **adjetivos**, observamos que sua morfologia se assemelha à dos substantivos: flexionam em gênero e número (e grau). O mesmo acontece com os **artigos**, que flexionam em gênero e número (mas não em grau). Tanto adjetivos quanto artigos exercem a função de adjunto adnominal, ligando-se ao substantivo (que é núcleo do sintagma nominal). Semanticamente, os adjetivos são caracterizados por atribuírem algo (qualidade, aspecto, modo de ser, estado) ao substantivo. No caso dos artigos, a semântica principal é a de determinação (tanto para os artigos definidos quanto para os indefinidos).

No estudo dos **numerais**, verificamos que possuem significação quantificadora, denotando valor definido. Além dos numerais, também trabalhamos o quantificador “todo”, especificando seus valores, usos e particularidades.

Por fim, em nossa aula trabalhamos a importante classe dos **pronomes**. Abordamos os pronomes em sua flexão (gênero, número e pessoa) e em sua classificação (pessoal, possessivo, demonstrativo, indefinido, interrogativo e relativo). Na definição da classe dos pronomes, conhecemos o termo **díctico**, explicando que os pronomes são dícticos porque se referem à situação em que o enunciado é produzido, ao momento da enunciação e aos atores do discurso. Para encerrar o trabalho com a classe dos pronomes, estudamos os pronomes de tratamento à luz do que explica o Manual de Redação da Presidência da República (em sua versão mais recente, de 2018).

Aula longa, mas proveitosa, certo? Espero que este resumo tenha contemplado, em linhas gerais, o que discutimos em aula.

GLOSSÁRIO

Adjetivo: palavra que se junta ao substantivo para modificar o seu significado, acrescentando-lhe noções de qualidade, natureza, estado etc.

Artigo definido: refere-se a algo ou alguém que já foi identificado no contexto, ou que se supõe ser conhecido do interlocutor, ou que identifica genericamente uma classe ou espécie (diz-se de certa classe de artigo).

Artigo indefinido: refere-se a algo ou alguém que se introduz no discurso pela primeira vez, ou cuja identidade não se deseja especificar ou definir (diz-se de certo grupo de artigos e de pronomes).

Artigo: subcategoria de determinantes do nome. Em português, é sempre anteposto ao substantivo.

Determinado: diz-se de ou constituinte de um *sintagma*, modificado pelo *determinante*; subordinante.

Determinante: diz-se de ou *constituente* de um *sintagma* que especifica o sentido do outro termo (*determinado*) com o qual tem uma relação de subordinação.

Díctico (dêictico/dêitico): diz-se de ou cada um dos elementos indiciais da linguagem, que figuram lado a lado com as designações simbólicas ou conceituais; referem-se à situação em que o enunciado é produzido, ao momento da enunciação e aos atores do discurso.

Grau dos adjetivos: categoria linguística que acrescenta a uma palavra ou a um semantema a noção de quantidade, intensidade ou tamanho. Indicação de *comparação* (de igualdade, inferioridade e superioridade) entre dois termos, e da noção de *superlativo* (relativo ou absoluto) nos adjetivos e advérbios, ou seja, da intensificação da qualidade que eles denotam, ou da noção de *augmentativo* e *diminutivo* nos substantivos (indicação de que eles são maiores ou menores do que a *norma*, ou, metaforicamente, expressão de conteúdos afetivos, irônicos etc.)

Núcleo: palavra de uma categoria gramatical que é o centro do sintagma correspondente (por exemplo: o sintagma nominal *a casa amarela* tem o substantivo *casa* como núcleo).

Numeral cardinal: o que expressa uma quantidade inteira: *seis, dez, vinte e sete* etc.

Numeral fracional: denota uma quantidade fracionária: *meio, terço, doze avos* etc.

Numeral multiplicativo: o que denota multiplicação: *duplo, triplo, quádruplo* etc.

Numeral ordinal: que denota ordem, posição: *primeiro, segundo, terceiro* etc.

Numeral: diz-se de ou classe de palavras que indica quantidade numérica.

Pronome: palavra que representa um sintagma nominal ou termo usado com a função de um nome, um adjetivo ou toda uma oração que a segue ou antecede.

Pronome adjetivo: pronome que modifica um substantivo, dando ideia de posse, de localização espacial ou temporal, de quantidade indeterminada, de indefinição etc. (por exemplo: *meu, teu, seu, este, esse, aquele, algum, nenhum, certos, vários, um* etc.).

Pronome de tratamento: palavra ou expressão usada para a segunda pessoa do discurso, em lugar dos pronomes pessoais *tu* e *vós* (por exemplo: *você(s), o(s) senhor(es), a(s) senhora(s), Vossa(s) Senhoria(s), Vossa(s) Excelência(s)* etc.), ou para a terceira pessoa do discurso, no lugar de *ele, ela, eles, elas* (por exemplo: *Sua(s) Alteza(s), Sua(s) Majestade(s)*) (em ambos os casos o verbo fica na terceira pessoa singular ou plural).

Pronome demonstrativo: pronome adjetivo ou substantivo que tem função dítica, ou seja, situa (no espaço ou no tempo) os seres e as coisas mencionados num enunciado em relação às pessoas que participam da comunicação.

Pronome indefinido: refere-se à terceira pessoa de modo indeterminado, por exemplo: *algo, alguém, algum, outro, qualquer, outrem, nada, ninguém* etc.

Pronome interrogativo: pronome indefinido que pode ser usado em frases interrogativas, por exemplo: *quem chegou? quantos vencerão? qual é o seu carro?*

Pronome pessoal: pronome que serve para substituir as pessoas, que são três: a primeira, a que fala (*eu, nós*); a segunda, com quem se fala (*tu, vós*); e a terceira, de quem se fala (*ele, ela, eles, elas*).

Pronome possessivo: pronome que modifica um substantivo dando a ideia de posse, de relação, de ser parte de (algo) etc., por exemplo: *meu livro, seu carro, nossas amigas, sua irmã, meu clube, meu pé* etc.

Pronome relativo: pronome que se refere a um nome antecedente, introduzindo uma oração adjetiva, por exemplo: *o livro que compramos agradou a Pedro; este é o homem cujo filho venceu a corrida.*

Pronome substantivo: pronome que nunca se usa junto a um nome, e sim, sempre substituindo-o, podendo ser demonstrativo, indefinido, interrogativo etc. (por exemplo: *isto, isso, aquilo, algo, alguém, ninguém, quem, tudo, nada*).

Sintagma: unidade linguística composta de um núcleo (por exemplo, um verbo, um nome, um adjetivo etc.) e de outros termos que a ele se unem, formando uma locução que entrará na formação da oração.

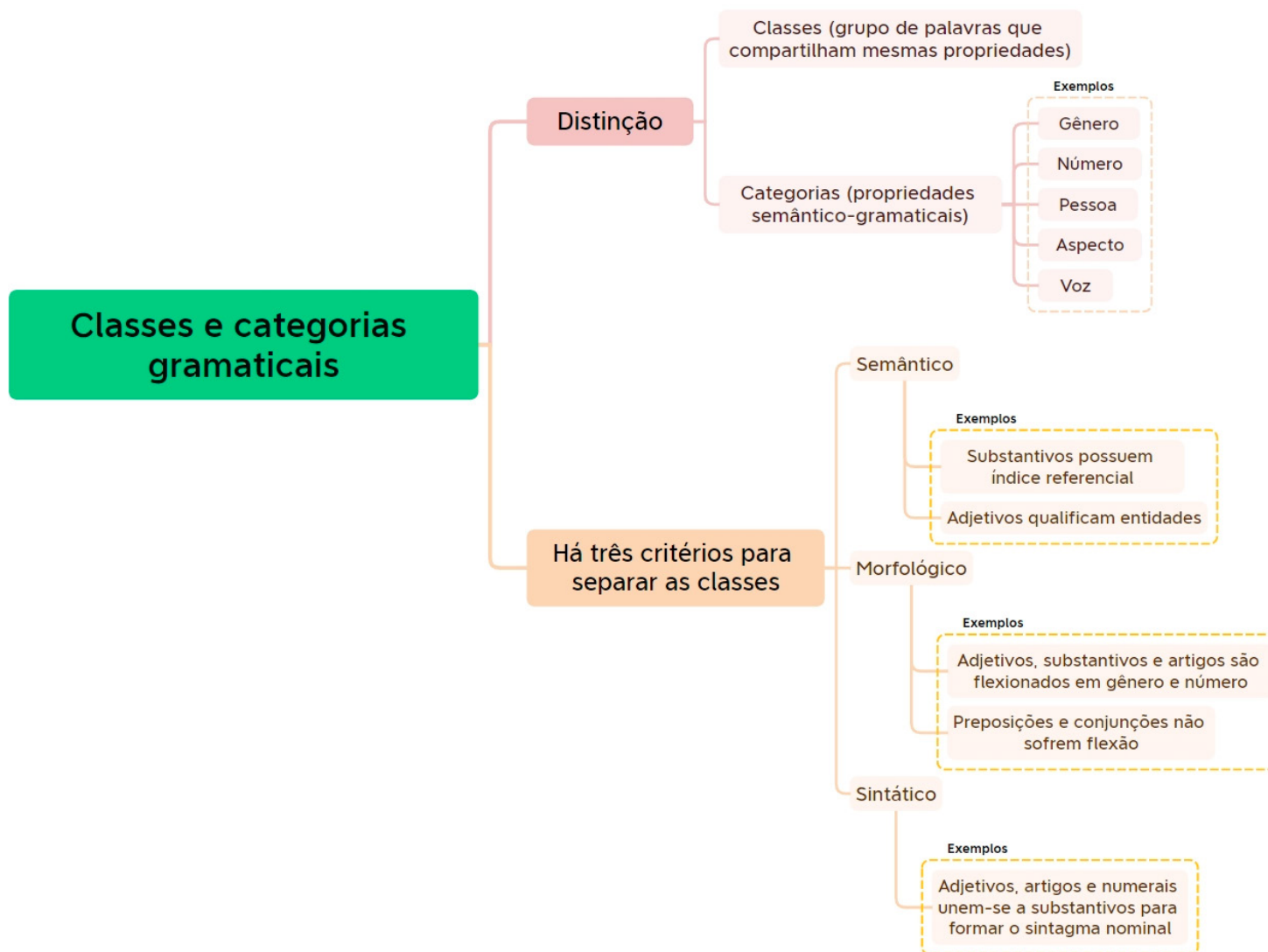
Substantivo: classe de palavras com que se denominam os seres, animados ou inanimados, concretos ou abstratos, os estados, as qualidades, as ações.

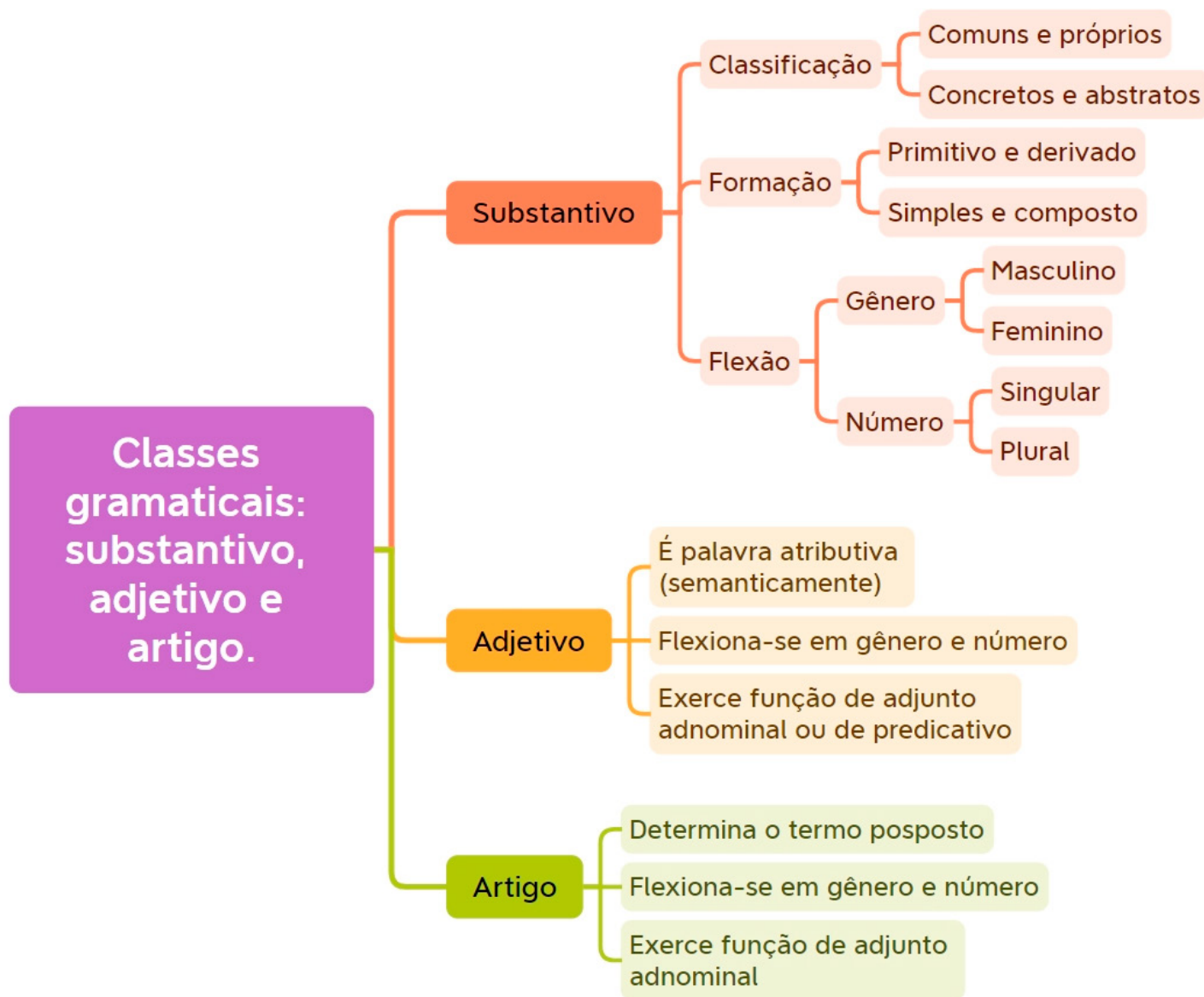
Substantivo abstrato: diz-se do substantivo que nomeia tudo o que não é perceptível aos sentidos.

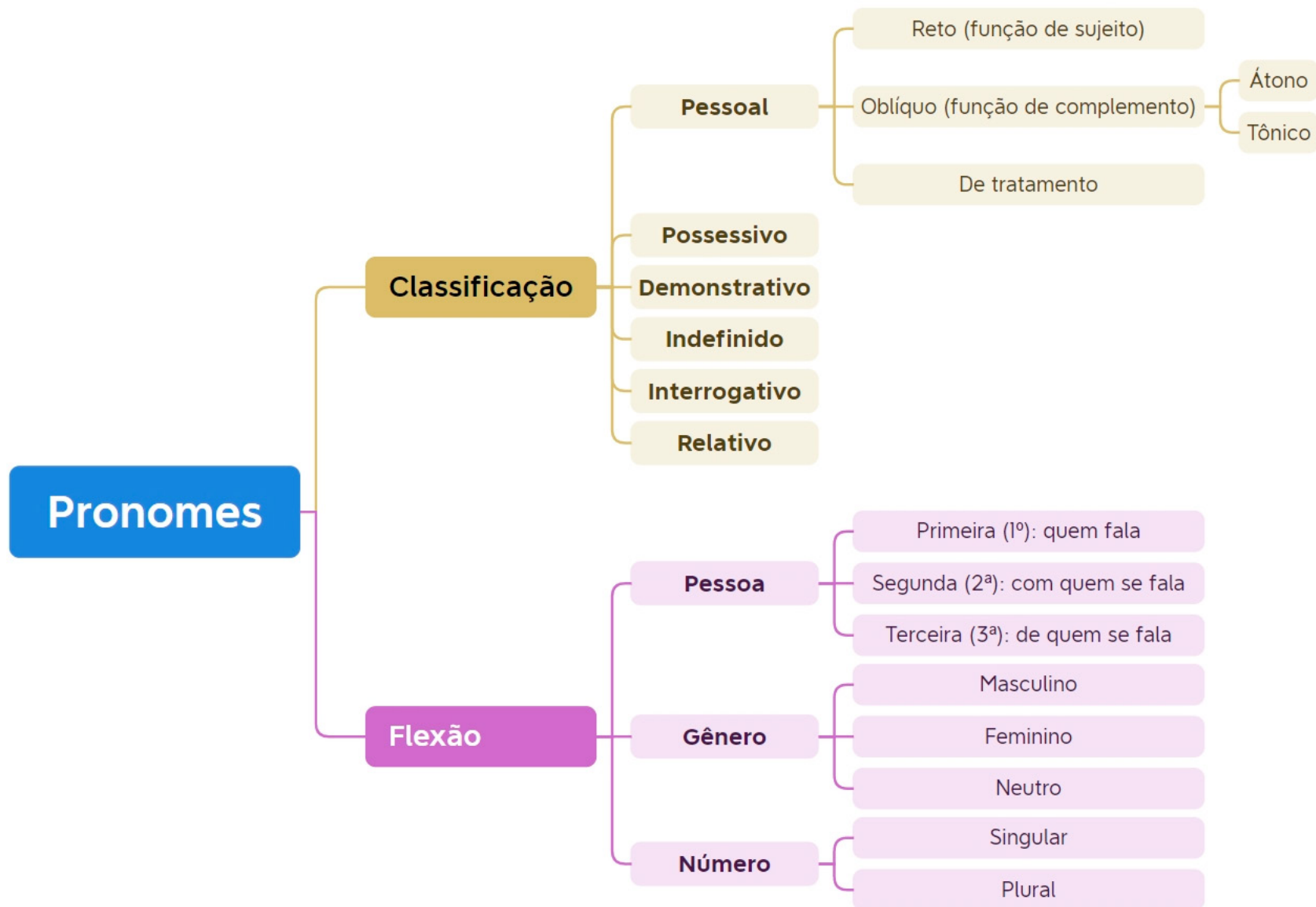
Substantivo coletivo: diz-se de ou substantivo que, embora no singular, indica pluralidade de seres/coisas.

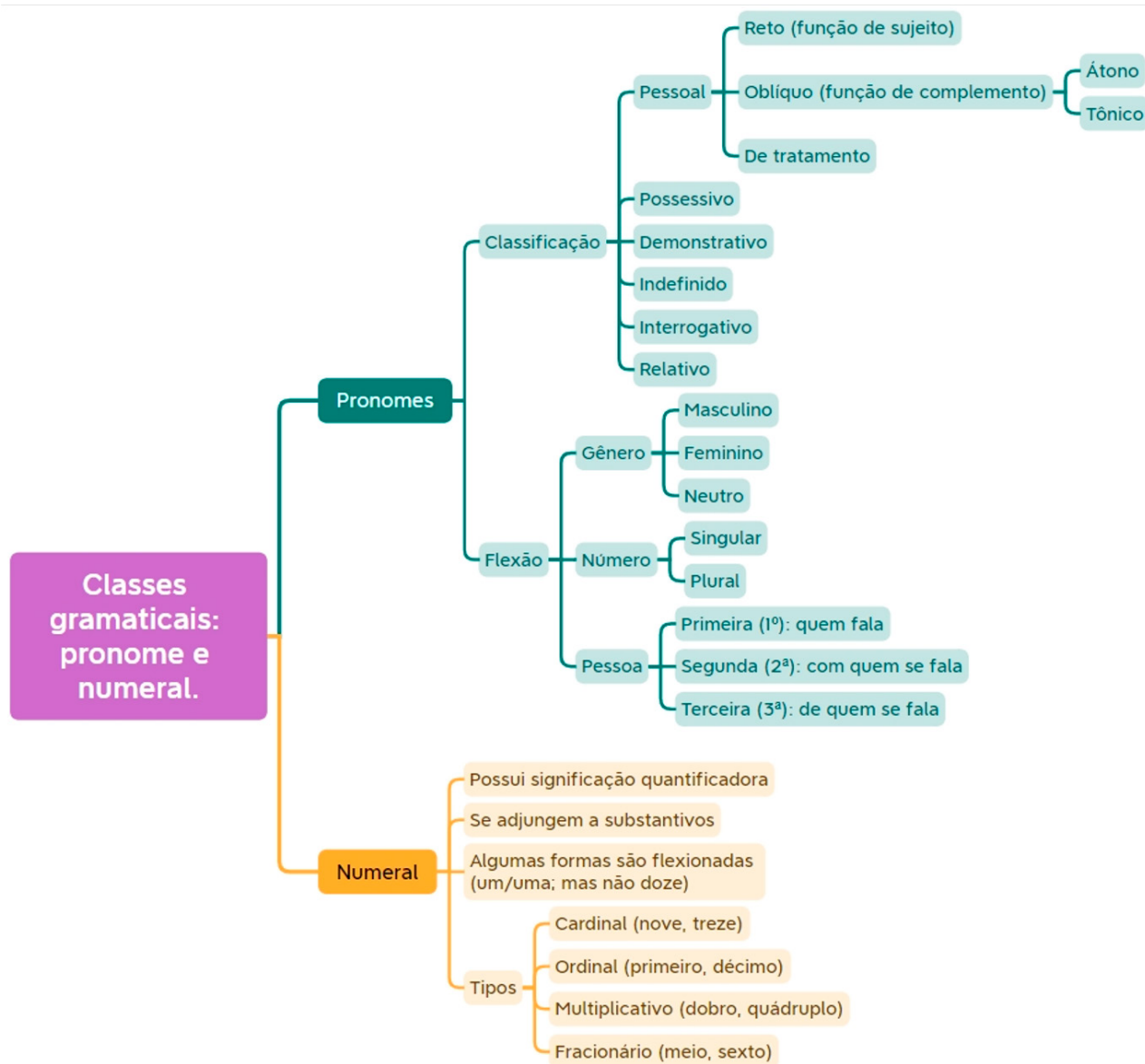
Substantivo concreto: diz-se do substantivo que nomeia tudo o que é perceptível aos sentidos ou que pode ser individualizado.

MAPA MENTAL









EXERCÍCIOS

001. (CONSULPAM/PREF. IRAUÇUBA-CE/MOTORISTA/2022) Assinale a alternativa CORRETA sobre a classificação morfológica da palavra **autoimune**, conforme o seu emprego na sentença abaixo:

Doença celíaca é uma doença **autoimune** causada pela intolerância ao glúten.

- a) Substantivo.
- b) Adjetivo.
- c) Verbo.
- d) Pronome.

002. (CONSULPAM/PREF. IRAUÇUBA-CE/MOTORISTA/2022) **Dor abdominal** significa **dor no abdômen** assim como:

- a) **Festa natalina** significa **festa do Natal**.
- b) **Vida campestre** significa **vida no campo**.
- c) **Amor materno** significa **amor de mãe**.
- d) **Dias vindouros** significa **dias que virão**.

003. (ESPCEX/CADETES/2017) Assinale a opção que contém um pronome relativo:

- a) O que esperar de um sistema desses?
- b) O sistema nada oferece para que tal situação realmente aconteça.
- c) Uma cultura sinistra, mas que diverte muitas pessoas.
- d) A pena será prorrogada até que a reintegração dos presos seja comprovada.
- e) Dessa forma, o detento deve provar que pode ter o direito de exercer sua liberdade.

004. (FCC/TJ-SC/TÉCNICO JUDICIÁRIO AUXILIAR/2021)

1 Amélia, 80, interrompe sonho de ter vaga na universidade para comprar geladeira. Amélia Pires fará 80 anos em 6 de dezembro um pouco mais distante de seu sonho. Há anos faz o exame vestibular para o curso de administração.

2 Mas este ano teve de desistir. A geladeira estava imprestável, e o dinheiro da inscrição – ajuda de um sobrinho – foi usado para pagar a prestação de uma nova. (Cotidiano, 24 de novembro de 2008)

3 Não foi uma decisão fácil, como se pode imaginar. Curso de administração ou geladeira? A favor de ambas as coisas, o curso e a geladeira, havia argumentos.

4 O curso era algo com que sonhava havia muito tempo, desde jovem, para dizer a verdade. Primeiro, porque era uma fervorosa admiradora da atividade em si, da administração. Organizar as coisas, fazer com que funcionem, levar uma empresa ao sucesso, mesmo em

épocas de crise, sobretudo em épocas de crise, parecia-lhe um objetivo verdadeiramente arrebatador. Com o curso, ela poderia tornar-se, mesmo com idade avançada, numa daquelas dinâmicas executivas cuja foto via em jornais e em revistas.

5 Mas a geladeira... A verdade é que ela precisava de uma geladeira nova. A antiga estava estragada, e tão estragada que o homem do conserto a aconselhara a esquecer “aquele traste” e partir para algo mais moderno. E isso precisava ser feito com urgência: todos os dias estava jogando fora comida que estragara por causa do inconfiável eletrodoméstico.

6 Era o curso ou a geladeira. Era apostar no futuro ou resolver os problemas do presente. Ou se inscrevia na universidade ou pagava a prestação na loja: tinha de escolher. Dilema penoso. Durante duas noites não dormiu, fazendo a si própria cálculos e ponderações. “Faça o curso”, sussurrava-lhe ao ouvido uma vozinha, “você será outra pessoa, uma pessoa com conhecimento, com dignidade, uma pessoa que todos respeitarão”. E aí intervinha outra vozinha: “Deixe de bobagens, querida. Geladeira é comida, e comida é o que importa. Como é que você vai se alimentar se a comida continuar estragando desse jeito? Seja prática.” Duas vozinhas. Anjinho e diabinho? Nesse caso, qual era a voz do anjinho, qual a do diabinho? Mistério.

7 Na manhã do terceiro dia sentiu um mau cheiro insuportável, vindo da cozinha. Foi até lá, abriu a geladeira e, claro, era a carne que simplesmente tinha apodrecido.

8 Foi a gota d’água. Vestiu-se, foi até a loja, e comprou a geladeira nova. Que lhe foi entregue naquele mesmo dia. Era uma bela geladeira, com muitos dispositivos que ela mal conhecia. “Vou ter de fazer um curso para aprender a operar essa coisa”, disse ao homem da entrega. Ele concordou: “Sempre é bom fazer cursos”.

9 Instalada a geladeira, ela tratou de colocar ali os alimentos e as bebidas. Foi então que encontrou a garrafa de champanhe. O champanhe que tinha comprado para celebrar com os vizinhos a sua entrada na universidade. Suspirou. O que fazer com aquilo, agora? Dar de presente para o sobrinho que a ajudara com o dinheiro da inscrição?

10 Resolveu guardar a garrafa. Bem no fundo da geladeira. Um dia ela ainda ingressaria no curso de administração, um dia brindaria a seu futuro. Era só questão de esperar. Sem medo: uma boa geladeira conserva qualquer champanhe.

Adaptado de: SCLiar, Moacyr. “O futuro na geladeira”. Folha de S.Paulo, 01.12.2008

Verifica-se a supressão de um substantivo que pode ser inferido pelo contexto no seguinte trecho:

- a) o dinheiro da inscrição – ajuda de um sobrinho – foi usado para pagar a prestação de uma nova. (2º parágrafo)
- b) Como é que você vai se alimentar se a comida continuar estragando desse jeito? (6º parágrafo)
- c) A favor de ambas as coisas, o curso e a geladeira, havia argumentos. (3º parágrafo)

- d) Não foi uma decisão fácil, como se pode imaginar (3º parágrafo)
- e) o homem do concerto a aconselhara a esquecer “aquele traste” (5º parágrafo)

005. (FCC/METRÔ-SP/MÉDICO/2019)

Para ele, o fim do ano era sempre uma época dura, difícil de suportar. Sofria daquele tipo de tristeza mórbida que acomete algumas pessoas nos festejos de Natal e de Ano-Novo. No seu caso havia uma razão óbvia para isso: aos setenta anos, solteirão, sem parentes, sem amigos, não tinha com quem celebrar, ninguém o convidava para festa alguma. O jeito era tomar um porre, e era o que fazia, mas o resultado era melancólico: além da solidão, tinha de suportar a ressaca.

No passado, convivera muito tempo com a mãe. Filho único, sentia-se obrigado a cuidar da velhinha que cedo enviuvara. Não se tratava de tarefa fácil: como ele, a mãe era uma mulher amargurada. Contra a sua vontade, tinha casado, em 31 de dezembro de 1914 (o ano em que começou a Grande Guerra, como ela fazia questão de lembrar) com um homem de quem não gostava, mas que pais e familiares achavam um bom partido. Resultado desse matrimônio: um filho e longos anos de sofrimento e frustração. O filho tinha de ouvir suas constantes e ressentidas queixas. Coisa que suportava estoicamente; não deixou, contudo, de sentir certo alívio quando de seu falecimento, em 1984. Este alívio resultou em culpa, uma culpa que retornava a cada Natal. Porque a mãe falecera exatamente na noite de Natal. Na véspera, no hospital, ela lhe fizera uma confissão surpreendente: muito jovem, apaixonara-se por um primo, que acabou se transformando no grande amor de sua vida. Mas a família do primo mudara-se, e ela nunca mais tivera notícias dele. Nunca recebera uma carta, uma mensagem, nada. Nem ao menos um cartão de Natal.

No dia 24 pela manhã ele encontrou um envelope na carta do correio. Como em geral não recebia correspondência alguma, foi com alguma estranheza que abriu o envelope.

Era um cartão de Natal, e tinha a falecida mãe como destinatária. Um velhíssimo cartão, uma coisa muito antiga, amarelada pelo tempo. De um lado, um desenho do Papai Noel sorrindo para uma menina. Do outro lado, a data: 23 de dezembro de 1914. E uma única frase: “Eu te amo.”

A assinatura era ilegível, mas ele sabia quem era o remetente: o primo, claro. O primo por quem a mãe se apaixonara, e que, por meio daquele cartão, quisera associar o Natal a uma mensagem de amor. Uma nova vida, era o que estava prometendo. Esta mensagem e esta promessa jamais tinham chegado a seu destino. Mas de algum modo o recado chegara a ele. Por quê? Que secreto desígnio haveria atrás daquilo?

Cartão na mão, aproximou-se da janela. Ali, parada sob o poste de iluminação, estava uma mulher já madura, modestamente vestida, uma mulher ainda bonita. Uma desconhecida, claro, mas o que importava? Seguramente o destino a trouxera ali, assim como trouxera o

cartão de Natal. Num impulso, abriu a porta do apartamento e, sempre segurando o cartão, correu para fora. Tinha uma mensagem para entregar àquela mulher. Uma mensagem que poderia transformar a vida de ambos, e que era, por isso, um verdadeiro presente de Natal.

SCLIAR, Moacyr. Mensagem de Natal. Porto Alegre: L&PM, 2018, p. 26-28

O substantivo está posposto ao termo que o qualifica na expressão destacada em:

- a) Sofria daquele tipo de **tristeza mórbida** (1º parágrafo)
- b) Para ele, o fim do ano era sempre uma **época dura** (1º parágrafo)
- c) Que **secreto desígnio** haveria atrás daquilo (5º parágrafo)
- d) No seu caso havia uma **razão óbvia** para isso (1º parágrafo)
- e) como ele, a mãe era uma **mulher amargurada** (2º parágrafo)

006. (FCC/METRÔ-SP/MÉDICO/2019)

Discriminar significa fazer distinção. Existem vários tipos de discriminação e o mais comum relaciona-se a aspectos sociológicos: condição social, religião, etnias, sexualidade, idade, nacionalidade, deficiência. Tudo isso leva à exclusão social.

A discriminação atinge os sentimentos das pessoas, desmoralizando-as, podendo levá-las até ao suicídio.

<http://www.pobrezahumana.wordpress.com>

Assinale a alternativa em que a palavra destacada adjetiva (qualifica) o vocábulo que a antecede.

- a) Discriminar **significa**...
- b)... significa fazer **distinção**...
- c) Existem vários **tipos**...
- d)... condição **social**...
- e)... tudo isso **leva**...

007. (VUNESP/PREFEITURA DE PERUÍBE-SP/AUXILIAR/2019)

Elas _____, por serem vendedoras de automóveis, orientaram os amigos na troca do carro, _____ eles pouco _____ importância a isso.

Assinale a alternativa que preenche as lacunas do enunciado na ordem em que se apresentam, conforme a norma-padrão da língua portuguesa.

- a) mesmos ... pois ... deram
- b) mesmas ... porque ... deu
- c) mesmo ... mas ... deram
- d) mesmas ... porém ... deram
- e) mesmo ... portanto ... deu

008. (VUNESP/PREFEITURA DE PERUÍBE-SP/AUXILIAR/2019)

O poder da gentileza

Clóvis, numa viagem de ônibus, escutou o passageiro da frente lhe perguntar:

– Você se incomodaria se eu recuasse o encosto da minha poltrona?

O sotaque carregado do jovem japonês deixou Clóvis admirado. Não havia dúvida: o rapaz queria mesmo saber se afastar a poltrona iria incomodá-lo. Em poucos segundos, Clóvis reconheceu que havia vivido uma experiência de grande valor. Ele é daqueles que se encantam mais por pessoas e suas atitudes do que por outras atrações do mundo. Ali, no interior daquele ônibus, alguém tinha considerado, na hora de agir, os afetos de outra pessoa.

E o jovem só reclinou a poltrona um pouquinho. Clóvis pensou nas tantas longas viagens que fez, deixando-se desmoronar como um prédio nos assentos marcados e recuando encostos com a rudeza de quem percebe o mundo como princípio e fim, apenas pensando em si mesmo, no próprio prazer e conforto.

Aquele passageiro japonês tinha ensinado algo precioso a Clóvis, o que sua mãe chamaria de “bons modos”. Um jeito melhor de se comportar, de agir, de conviver.

Daquele dia em diante, Clóvis nunca mais reclinou o encosto do seu assento sem consultar o passageiro de trás.

Clóvis de Barros. Shinsetsu: o poder da gentileza.

Assinale a alternativa em que a palavra destacada dá uma qualidade à anterior.

- a) Clóvis, numa **viagem** de ônibus...
- b) Aquele passageiro **japonês** tinha ensinado...
- c)... sua **mãe** chamaria de “bons modos”...
- d) Daquele **dia** em diante...
- e)... nunca mais **reclinou** o encosto do seu assento...

009. (CESGRANRIO/UNIRIO/ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO/2019) A substituição da expressão destacada pelo que se encontra entre colchetes está de acordo com a norma-padrão em:

- a) Jorge Amado **tomava a bebida** sem açúcar. [tomava-lhe]
- b) Diolino gostava de **mostrar a receita**. [mostrá-la]
- c) Pelé **bebia no carro** porque era discreto. [bebia-lhe]
- d) Wando e Rô Rô também **frequentavam o bar**. [frequentavam-nos]
- e) O MiniBar **produzia 6.000 litros** por mês. [produzia-se]

010. (CESGRANRIO/UNIRIO/ASSISTENTE/2019) Considere a seguinte passagem:

“O líquido resultante é coado com uma peneira de palha e recolocado no aparelho, onde é batido com açúcar e leite condensado” (l. 2-4)

Analizando-se valores contextuais do pronome relativo “onde” e do substantivo “aparelho”, conclui-se que ambos têm, entre si, o mesmo valor semântico, já que

- a) retomam a informação do substantivo líquido.
- b) confirmam o sentido do adjetivo coado.
- c) retomam o significado do substantivo liquidificador.
- d) preveem o emprego do substantivo açúcar.
- e) reiteram o valor do particípio batido.

011. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Assinale a opção que apresenta o adjetivo que se refere ao espaço de poder de uma **prefeitura**.

- a) nacional.
- b) federal.
- c) municipal.
- d) estadual.
- e) regional.

012. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/PROFESSOR/2021) Nas opções a seguir aparecem adjetivos em sequência; assinale a frase em que essa sequência mostra uma intensificação no sentido dos adjetivos.

- a) A mera preocupação gramatical só produz escritores entanguidos, enfezados, pesadões e desluzidos.
- b) Autores são como gatos porque são quietos, amáveis e sábias criaturas, e os gatos se parecem com os autores pelas mesmas razões.
- c) O avião é ainda o meio mais seguro, rápido, sofisticado e caro para se chegar atrasado a qualquer lugar.
- d) Quantas bonitas, belas, lindas árvores deram sua vida para que o escândalo do dia pudesse chegar sem atraso a um milhão de leitores.
- e) Com a notícia todos ficaram inquietos, alarmados, temerosos e preocupados com o destino da empresa.

013. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/PROFESSOR/2021) “Felicidade é uma escrivanhinha muito pequena e uma grande cesta de lixo.”

Sofre esse pensamento, assinale a afirmativa correta.

- a) A forma diminutiva **escrivanhinha** mostra valor depreciativo.
- b) A conjunção **e** equivale a uma adversativa.
- c) os adjetivos **pequena/grande** mostram uma incoerência.
- d) a locução **de lixo** indica uma qualidade de cesta.
- e) o adjetivo **grande** tem valor dimensional.

014. (CEBRASPE/SEFAZ-RS/AUDITOR/2019)

1 Pixis foi um músico medíocre, mas teve o seu dia de glória no distante ano de 1837.

Em um concerto em Paris, Franz Liszt tocou uma **4** peça do (hoje) desconhecido compositor, junto com outra, do admirável, maravilhoso e extraordinário Beethoven (os adjetivos aqui podem ser verdadeiros, mas — como se **7** verá — relativos). A plateia, formada por um público refinado, culto e um pouco bovino, como são, sempre, os homens em ajuntamentos, esperava com impaciência.

In: Para ser escritor. São Paulo: Leya, 2010 (com adaptações).

No segundo parágrafo do texto, o termo “adjetivos” remete às palavras

- a) “verdadeiros” e “relativos”.
- b) “refinado”, “culto” e “bovino”.
- c) “admirável”, “maravilhoso” e “extraordinário”.
- d) “desconhecido” e “compositor”.
- e) “hoje” e “sempre”.

015. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018) Em todas as frases a seguir foram destacados o adjetivo e o termo substantivo a que ele se refere e com que concorda; assinale a frase em que essa referência está indicada corretamente.

- a) “Ser marido é um **trabalho** de tempo **integral**.”
- b) “A **cachaça** de Minas é das mais **saborosas** do país.”
- c) “Os maridos das **mulheres** de que gostamos são sempre uns **imbecis**.”
- d) “É preciso realmente que um **homem** morra para que outros possam apurar o seu **justo** valor.”
- e) “Há **quem** esteja **disposto** a morrer para fazer com que morram os seus inimigos.”

016. (FADESP/BANPARÁ/TÉCNICO/2018) A classe a que pertence a palavra grifada está corretamente indicada em:

- a) advérbio – **Até** os anos 60, o papel-moeda e o dinheiro depositado nos bancos deviam estar ligados a uma quantidade de ouro num sistema chamado lastro-ouro.
- b) adjetivo – Essa explicação permaneceu controversa e escondida por muito tempo, mas **hoje** está clara em um relatório do Bank of England de 2014.
- c) substantivo – Praticamente todo o dinheiro que existe no mundo é **criado** assim, inventado em canetaços a partir da concessão de empréstimos.
- d) verbo – Para pagar a dívida, preciso ir até o **dito** “livre-mercado” e trabalhar, lutar, talvez trapacear, para conseguir o dinheiro que o banco inventou na conta de outras pessoas.
- e) pronome – No fim, os bancos acabam com todo o dinheiro que foi inventado e ainda confiscam os bens da pessoa endividada **cujo** dinheiro tomei.

017. (IBFC/SEPLAG-SE/ESPECIALISTA/2018) Os conhecimentos produzidos na área de políticas públicas vêm sendo largamente utilizado por pesquisadores, políticos e administradores que lidam com problemas públicos **em** diversos setores de intervenção e nas mais **diferentes** áreas: ciência política, sociologia, economia, administração pública, direito etc. Vêm sendo utilizado tanto no que diz respeito à **implementação** e a avaliação das políticas públicas, quanto no que **diz** respeito a abordagens que destacam o papel das ideias e do conhecimento neste processo.

As palavras destacadas estão morfologicamente classificadas, respectivamente e conforme os preceitos da norma culta. A esse respeito, assinale a alternativa correta.

- a) conjunção; advérbio; verbo; verbo.
- b) conjunção; adjetivo; advérbio; verbo.
- c) preposição; adjetivo; substantivo feminino; verbo.
- d) preposição; advérbio; advérbio; verbo.

018. (NC-UFPR/CÂM. QUITANDINHA-PR/TÉCNICO/2018) Considere a seguinte frase:

As declarações do candidato no último comício corroboraram _____ declarações feitas anteriormente, deixando claro o objetivo da campanha de privilegiar os aspectos econômicos em detrimento _____ sociais, com o intuito de impactar fortemente _____ preferência dos eleitores.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas, na ordem em que parecem na frase.

- a) as – dos – a.
- b) com as – dos – a.
- c) com as – aos – na.
- d) as – aos – na.
- e) com as – dos – na.

019. (FUMARC/CÂM. PARÁ DE MINAS-MG/AUXILIAR/2018) As palavras destacadas são adjetivos, **EXCETO** em:

- a) “Nos questionários **iniciais**, os desejos mais relatados pelos participantes foram sono e sexo.”
- b) “[...] os voluntários haviam adquirido um **novo** vício: o de navegar na web.”
- c) “[...] os pesquisadores puderam verificar que se envolver com redes sociais tornou-se uma atividade tão **inerentemente** atraente [...].”
- d) “[...] o vício é uma questão de desequilíbrio entre o desejo pessoal de se engajar no comportamento **viciante** [...].”

020. (FGR/PREF. CABECEIRA GRANDE-MG/AUXILIAR/2018) Preencha corretamente as lacunas quanto à classe gramatical da palavra destacada e a explicação dada para a sua concordância. “Conhecida como a ‘Grande Dama do Samba’ e considerada um dos maiores nomes da música popular brasileira em todos os tempos, Dona Ivone Lara, falecida em 16 de abril, nasceu em família de amantes da música popular. Enfrentou o preconceito e passou por momentos **muito** difíceis por ser mulher e sambista. Seu maior sucesso foi ‘Sonho meu’, de autoria do compositor carioca Dêlcio Carvalho.”

Na frase, a palavra “muito” modifica o _____ “difíceis”. Não há concordância entre essas classes gramaticais porque, nesse caso, “muito” é um _____, palavra invariável.

- a) adjetivo/adjetivo
- b) advérbio/adjetivo
- c) advérbio/advérbio
- d) adjetivo/advérbio

021. (FUMARC/CÂM. PARÁ DE MINAS-MG/AUXILIAR/2018) As palavras destacadas são substantivos, **EXCETO** em:

- a) “Se você é daqueles que não desgruda das redes **sociais** [...].”
- b) “Quando os **voluntários** foram recrutados responderam questionários [...].”
- c) “Muitos **participantes** aproveitavam para usar seus smartphones [...].”
- d) “Como no uso de redes sociais, os **aspectos** negativos não estão aparentes [...] ”

022. (VUNESP/PREF. SUZANO-SP/GUARDA/2018) Na redação do jornal, _____ os colegas e eu observávamos Myltainho assobiar músicas, como a sinfonia de Schubert, _____. Enquanto isso havia colegas que, mais _____, aproveitam o clima e ensaiavam alguns passos de dança.

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas desse texto devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) admirado; difícilima; desinibido.
- b) admirado; difícilimas; desinibidos.
- c) admirados; difícilimas; desinibido.
- d) admirados; difícilima; desinibido.
- e) admirados; difícilimas; desinibidos.

023. (FADESP/IFPA/PEDAGOGO/2018)**Navegue nas redes sociais sem botar a saúde em risco**

Cada vez mais conectados, encurtamos distâncias, ganhamos tempo e fazemos amigos. Mas, sem bom senso, já tem gente pagando um preço: o bem-estar

André Bernardo

O uso obsessivo de mídias sociais começa a ser associado a males físicos, como ganho de peso e problemas de coluna, e transtornos mentais, caso de ansiedade e depressão. Uma pesquisa da Universidade de Ulster, na Irlanda do Norte, indica que a overdose de Twitter, Instagram e Snapchat, entre outras, patrocina uma vida sedentária. Dos 353 estudantes que responderam a um questionário on-line sobre o tempo gasto nas redes e em exercícios físicos, 65% admitiram que não praticam tanto esporte quanto gostariam. “Se você está boa parte do dia nas mídias sociais, pode ter certeza de que outras atividades serão negligenciadas. No futuro, o preço a pagar será alto: obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares”, avisa a psicóloga e coordenadora do trabalho Wendy Cousins.

Os prejuízos de levar uma rotina exageradamente on-line são até mais imediatos na saúde mental. Quanto mais tempo ficamos conectados, maior o risco de desenvolver sintomas de depressão, constata um experimento da Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos. Para chegar a tal conclusão, a equipe do médico Brian Primack monitorou a vida digital de 1.800 internautas, entre homens e mulheres de 19 a 32 anos.

Em média, os voluntários gastavam 61 minutos por dia e acessavam as redes 30 vezes por semana. Entre o grupo que apresentou maior quantidade de acessos semanais, a probabilidade de sentir-se deprimido era três vezes maior. “As pessoas que passam muito tempo nas mídias sociais tendem a ser mais ansiosas e depressivas. Por ora não dá para estabelecer uma relação de causa e efeito, mas é preciso refletir: é o internauta quem usa as redes sociais ou são as redes sociais que usam os internautas?”, provoca Primack.

Quando a moderação sai de cena e as plataformas digitais são mal usadas, a vida escolar (e, mais tarde, a profissional) paga o pato. Jovens de 12 a 15 anos estão penando com o cansaço em sala de aula, de acordo com um estudo britânico com 900 estudantes. A investigação descobriu que um em cada cinco acorda durante a noite para checar e responder mensagens. No dia seguinte, adeus foco e atenção à lousa e aos livros. “Ainda não sabemos se os adolescentes acessam as redes sociais porque estão sem sono ou se perdem o sono por causa delas. Na dúvida, recomendo aos pais que, na hora de dormir, retirem tablets e smartphones de seus quartos”, diz a educadora Sally Power, da Universidade de Cardiff, no País de Gales.

A psicóloga Ana Luiza Mano, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, explica que não existe idade ideal para os pais comprarem celular para os filhos ou liberarem seu acesso a algumas redes. Mas ressalva que as crianças tendem a seguir o modelo que

têm em casa. “Cabe aos pais orientá-las sobre a melhor maneira e a frequência certa de utilização das mídias sociais”, propõe.

[...]

Disponível em <https://saude.abril.com.br/bem-estar/navegue-nas-redes-sociais-sem-botar-a-saude-em-risco/> Texto adaptado.

O referente do elemento coesivo destacado NÃO está corretamente indicado em:

- a) Uma pesquisa da Universidade de Ulster, na Irlanda do Norte, indica que a overdose de Twitter, Instagram e Snapchat, **entre outras**, patrocina uma vida sedentária. → mídias sociais
- b) “Ainda não sabemos se os adolescentes acessam as redes sociais porque estão sem sono ou se perdem o sono por causa **delas**. → redes sociais
- c) Na dúvida, recomendo aos pais que, na hora de dormir, retirem tablets e smartphones de **seus** quartos” → adolescentes
- d) A psicóloga Ana Luiza Mano, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, explica que não existe idade ideal para os pais comprarem celular para os filhos ou liberarem **seu** acesso a algumas redes. → pais
- e) “Cabe aos pais orientá-**las** sobre a melhor maneira e a frequência certa de utilização das mídias sociais”, propõe. → crianças

024. (FCC/TST/TÉCNICO/2017)

[...] finalizado **a** tinta nanquim e último a ser inscrito na concorrência [...]

[...] serão limitadas **a** percursos de, no máximo, 15 minutos de marcha.

Isso evitará **a** perda de tempo em transportes [...]

Os termos em negrito pertencem, respectivamente, às seguintes classes de palavras:

- a) artigo – preposição – preposição
- b) artigo – preposição – artigo
- c) preposição – artigo – artigo
- d) preposição – preposição – artigo
- e) artigo – artigo – preposição

025. (FGV/ALERJ/ESPECIALISTA/2017) Muitos vocábulos com o sufixo **-ão** apresentam mais de uma forma de plural; entre os pares abaixo, aquele que apresenta uma forma **ERRADA** é:

- a) escrivãos/escrivães.
- b) aldeões/aldeães.
- c) anciões/anciãos.
- d) anões/anãos.
- e) corrimãos/corrimões.

026. (IBFC/MGS/FUNDAMENTAL/2017) O plural do substantivo “balcão” é “balcões”. Assinale a alternativa em que se indica, corretamente, o plural do substantivo.

- a) irmão – irmões.
- b) pão – pães.
- c) mão – mões.
- d) limão – limãos.

027. (IBFC/MGS/TÉCNICO/2017) “Desesperadas, muitas jovens acabam optando pelo aborto.” A palavra “Desesperadas” refere-se ao substantivo “jovens” e deve ser classificada morfologicamente como:

- a) advérbio.
- b) adjetivo.
- c) pronome.
- d) verbo.

028. (FGV/PREF. SALVADOR-BA/AUXILIAR/2017) Diz a lenda que, na Bahia, em meados da década de 60 do século passado, havia um menino que, além de muito levado, era também muito mentiroso, e que, certo dia, após aprontar muito na sala de aula, foi colocado de castigo no porão da escola por sua professora.

Depois de certo tempo, o menino começou a gritar desesperadamente que havia uma cobra com ele, mas, como ele era muito mentiroso, ninguém levou a sério. Dizem que seria uma enorme sucuri, que devorou o garoto depois de matá-lo por esmagamento; há versões que dizem até que, quando a professora entrou no porão, ainda pôde ver o pé do menino desaparecendo na boca da cobra.

A partir dessa trágica data, o fantasma do menino passou a assombrar os porões de diversas escolas.

Se colocarmos a frase “havia um menino” no plural, a forma correta será:

- a) “havam uns meninos”.
- b) “havam meninos”.
- c) “havam os meninos”.
- d) “havia os meninos”.
- e) “havia uns meninos”.

029. (IBFC/MGS/FUNDAMENTAL/2017) Considere o fragmento abaixo para responder à questão.

“O homem, de barba grisalha mal-aparada, vestindo jeans azuis, camisa xadrez e jaqueta de couro, sentou-se no banquinho alto do balcão do botequim e ficou esperando sem pressa que o rapaz viesse atendê-lo.”

Dentre as palavras abaixo, presentes no trecho em análise, assinale a única que NÃO pode ser classificada como adjetivo.

- a) grisalha.
- b) xadrez.
- c) azuis.
- d) jeans.

030. (CETREDE/PREF.ARQUIRAZ-CE/GUARDA/2017) Marque a opção que contém apenas adjetivos uniformes.

- a) feliz, satisfeito e triste.
- b) inteligente, elegante e simples.
- c) mau, grande e alegre.
- d) sério, brilhante e sutil.
- e) gostoso, trabalhador e faminto.

031. (IBFC/MGS/FUNDAMENTAL/2017) Considere o fragmento abaixo para responder à questão.

“O homem, de barba grisalha mal-aparada, vestindo jeans azuis, camisa xadrez e jaqueta de couro, sentou-se no banquinho alto do balcão do botequim e ficou esperando sem pressa que o rapaz viesse atendê-lo.”

O pronome pessoal destacado no trecho faz referência à seguinte palavra:

- a) homem.
- b) banquinho.
- c) balcão.
- d) botequim.

032. (FADESP/COSANPA/AUXILIAR/2017)

O substituto da vida

Quando meu instrumento de trabalho era a máquina de escrever, eu me sentava a ela, punha uma folha de papel no rolo, escrevia o que tinha de escrever, tirava o papel, lia o que escrevera, aplicava a caneta sobre os xxxxxxxx ou fazia eventuais emendas e, se fosse o caso, batia o texto a limpo. Relia-o para ver se era aquilo mesmo, fechava a máquina, entregava a matéria e ia à vida.

Se trabalhasse num jornal, **isso** incluiria discutir futebol com o pessoal da editoria de esporte, paquerar a diagramadora do caderno de turismo, ir à esquina comer um pastel ou dar uma fugida ao cinema à tarde – em 1968, escapei do “Correio da Manhã”, na Lapa, para assistir à primeira sessão de “2001” no dia da estreia, em Copacabana, e voltei maravilhado à Redação para contar a José Lino Grünewald.

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/01/1725103-o-substituto-davida.shtml?cmpid=-compfb>. Acesso em: 07 jan. 2016.

No trecho “**isso** incluiria discutir futebol”, o pronome destacado refere-se a:

- a) “ia à vida”.
- b) “entregava a matéria”.
- c) “se trabalhasse num jornal”.
- d) “Relia-o para ver se era aquilo mesmo”.

033. (CEBRASPE/PGE-PA/AUXILIAR/2017) Assinale a opção em que o fragmento extraído do texto contém substantivo coletivo.

- a) “Todas as áreas da União habitadas por populações tradicionais em Abaetetuba, nordeste do Pará, estão com regularização fundiária completa.”
- b) “A região beneficiada, de belas paisagens, fica a cerca de 60 km de Belém, e é tradicionalmente ocupada por ribeirinhos, que sobrevivem de atividades de extração vegetal e pesca.”
- c) “Outra vitória possível depois da entrega dos títulos de posse é a inserção dos moradores em programas de saúde e educação.”
- d) “Para o procurador da república Felício Pontes Jr., fixar o trabalhador na terra é uma das questões fundamentais para o desenvolvimento sustentável no Pará.”

034. (INÉDITA/2023)

O conhecimento científico é muito frequentemente associado à formação escolar. Por conta disso, existe uma tendência a restringir o conhecimento oferecido pela ciência a determinadas esferas da vida. Nada mais limitante. A ciência versa sobre a maioria dos assuntos relacionados à nossa existência, inclusive aqueles raramente associados ao tema.

A má compreensão da abrangência da ciência leva a outras questões, como o argumento de que o conhecimento científico deixa a beleza do universo diminuída, fria, distante, pois a fragmenta e a torna asséptica. Isso pode ajudar a explicar por que as pessoas raramente associam o estudo de um assunto como o amor à ciência. Uma eventual concepção de incompatibilidade entre o conhecimento científico e os mais diferentes temas que dizem respeito à vida cotidiana não faz sentido.

A maioria das pessoas subestima o alcance e as possibilidades que uma visão científico-racional de mundo possui. Um olhar cético para o mundo pode permitir a redução dos preconceitos, mais tolerância a visões políticas e ideológicas divergentes, maior diálogo e consideração constante de que sua compreensão pode ser equivocada ou incompleta. Mas, ao mesmo tempo, esse exercício permite reconhecer que, ainda que falha, a compreensão válida naquele momento é a melhor possível à disposição.

Ronaldo Pilati. Ciência e pseudociência: porque acreditamos naquilo em que queremos acreditar. São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 26-8 (com adaptações).

No trecho “pois a fragmenta e a torna asséptica” (primeiro período do segundo parágrafo), os pronomes “a” e “a” referem-se a

- a) má compreensão
- b) abrangência
- c) ciência
- d) vida cotidiana
- e) a beleza do universo

035. (INÉDITA/2023)

O astrônomo lê o céu, lê a epopeia das estrelas. Ora, direis, ouvir e ler estrelas. Que histórias sublimes, suculentas, na Via Láctea. O físico lê o caos. Que epopeias o geógrafo lê nas camadas acumuladas em um simples terreno. Um desfile de Carnaval, por exemplo, é um texto. Por isso se fala de “samba-enredo”: a disposição das alas, as fantasias, a bateria, a comissão de frente são formas narrativas.

Uma partida de futebol é uma forma narrativa. Saber ler uma partida — esse é o mérito do locutor esportivo, na verdade, um leitor esportivo. Ele, como o técnico, vê coisas no texto em jogo que, só depois de lidas por ele, por nós são percebidas. Ler, então, é um jogo, uma disputa, uma conquista de significados.

Estamos com vários problemas de leitura hoje. Construimos aparelhos aprimoradíssimos que sabem ler. Leem-nos, às vezes, melhor que nós mesmos. Vi na fazenda de um amigo aparelhos eletrônicos que, ao tirarem leite da vaca, são capazes de ler tudo sobre a qualidade do leite, da vaca, e até (imagino) ler o pensamento de quem está assistindo à cena. Aparelhos complexos leem o mundo e nos dão recados. A natureza está dizendo que a água, além de infecta, está acabando. Lemos a notícia e postergamos a tragédia para nossos netos. É preciso ler, interpretar e fazer alguma coisa com a interpretação.

Affonso Romano de Sant'Anna. Ler o mundo. São Paulo: Global, 2011, p. 8-9 (com adaptações).

No texto precedente, o vocábulo “esse” (segundo período do segundo parágrafo) refere-se

- a) a “locutor esportivo”
- b) a “futebol”
- c) a “Saber ler uma partida”
- d) a “um leitor esportivo”
- e) a “o técnico”

QUESTÕES DO TIPO CERTO OU ERRADO**036. (CESPE/CEBRASPE/PRF/POLICIAL/2019)**

1| O nome é o nosso rosto na multidão de palavras.
Delineia os traços da imagem que fazem de nós, embora não do que somos (no íntimo). Alguns escondem seus
4| donos, outros lhes põem nos olhos um azul que não possuem. Raramente coincidem, nome e pessoa. Também há rostos quase idênticos, e os nomes de quem os leva
7| (pela vida afora) são completamente díspares, nenhuma letra se igualando a outra.
O do autor deste texto é um nome simples,
10| apostólico, advindo do avô. No entanto, o sobrenome, pelo qual passou a ser reconhecido, é incomum. Sonoro, hispânico. Com uma combinação incomum de nome e
13| sobrenome, difícil seria encontrar um homônimo. Mas eis que um surgiu, quando ele andava pelos vinte anos. E continua, ao seu lado, até agora — sombra amiga.
16| Impossível não existir aqui ou ali alguma confusão entre eles, um episódio obscuro que, logo, viria às claras com a real justificativa: esse não sou eu. Houve o caso da
19| mulher que telefonou para ele, esmagando-o com impérios por uma crítica feita no jornal pelo outro, sobre um célebre arquiteto, de quem ela era secretária.

João Anzanello Carrascoza. Homônimo. In: Diário das Coincidências. Ed. digital. São Paulo: Objetiva, p. 52 (com adaptações).

O vocábulo “um” (l. 14) refere-se a um indivíduo cujo nome é idêntico ao do autor do texto.

037. (CESPE/CEBRASPE/PRF/POLICIAL/2019)

1| A vida humana só viceja sob algum tipo de luz, de preferência a do sol, tão óbvia quanto essencial. Somos animais diurnos, por mais que boêmios da pá virada e
4| vampiros em geral discordem dessa afirmativa. Poucas vezes a gente pensa nisso, do mesmo jeito que devem ser poucas as pessoas que acordam se sentindo primatas,
7| mamíferos ou terráqueos, outros rótulos que nos cabem por força da natureza das coisas. A humanidade continua se aperfeiçoando na arte de

10| afastar as trevas noturnas de todo hábitat humano. Luz soa para muitos como sinônimo de civilização, e pode-se observar do espaço o mapa das desigualdades econômicas

13| mundiais desenhado na banda noturna do planeta. A parcela ocidental do hemisfério norte é, de longe, a mais iluminada.

16| Dispor de tanta luz assim, porém, tem um custo ambiental muito alto, avisam os cientistas. Nos humanos, o excesso de luz urbana que se infiltra no ambiente no qual

19| dormimos pode reduzir drasticamente os níveis de melatonina, que regula o nosso ciclo de sono-vigília. Mesmo assim, sinto uma alegria quase infantil

22| quando vejo se acenderem as luzes da cidade. E repito para mim mesmo a pergunta que me faço desde que me conheço por gente: quem é o responsável por acender as

25| luzes da cidade? O mais plausível é imaginar que essa tarefa caiba a sensores fotoelétricos espalhados pelos bairros. Mas e antes dos sensores, como é que se fazia?

28| Imagino que algum funcionário trepava na antena mais alta no topo do maior arranha-céu e, ao constatar a falência da luz solar, acionava um interruptor, e a cidade toda se

31| iluminava.

Não consigo pensar em um cargo público mais empolgante que o desse homem. Claro que o cargo, se 34| existia, já foi extinto, e o homem da luz já deve ter se transferido para o mundo das trevas eternas.

Reinaldo Moraes. "Luz! Mais luz". Internet: <www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

A substituição da locução "a cidade toda" (l. 30) por "toda cidade" preservaria os sentidos e a correção gramatical do período.

038. (CESPE/CEBRASPE/FUB/NÍVEL SUPERIOR/2018)

1| Na farmácia, presencio uma cena curiosa, mas não rara: balconista e cliente tentam, inutilmente, decifrar o nome de um medicamento na receita médica. Depois 4| de várias hipóteses, acabam desistindo. O resignado senhor que porta a receita diz que vai telefonar ao seu médico e voltar mais tarde. "Letra de doutor", suspira o balconista,

7| com compreensível resignação. Letra de médico já se tornou sinônimo de hieróglifo.

Exercício de caligrafia saiu de moda, mas todos

10| os alunos sabem que devem escrever de modo legível para conquistar a boa vontade dos professores. A letra dos médicos, portanto, é produto de uma evolução, de uma

13| transformação. Mas que fatores estariam em jogo atrás delas?

Que eu saiba, o assunto ainda não foi objeto de uma tese de doutorado, mas podemos tentar algumas

16| explicações. A primeira, mais óbvia (e mais ressentida), atribui os garranchos médicos a um mecanismo de poder.

Doutor não precisa se fazer entender: são os outros,

19| os seres humanos comuns, que têm de se familiarizar com a caligrafia médica.

Pode ser isso, mas acho que não é só isso. Há outros

22| componentes: a urgência, por exemplo. Um doutor que atende dezenas de pacientes num movimentado ambulatório de hospital não pode mesmo caprichar na letra. Receita

25| é uma coisa que ele deve fornecer — nenhum paciente se considerará acolhido se não levar uma receita. A receita satisfaz a voracidade de nossa cultura pelo remédio, e está

28| envolta numa aura mística: é como se o doutor, por meio dela, acompanhasse o paciente. Mágica ou não, a receita é, muitas vezes, fornecida às pressas; daí a ilegibilidade.

31| Há um terceiro aspecto, mais obscuro e delicado.

É a relação ambivalente do médico com aquilo que ele receita — a sua dúvida quanto à eficácia dos medicamentos.

34| Os velhos doutores sabem que a luta contra uma doença não se apoia em certezas, mas sim em tentativas: na medicina,

“sempre” e “nunca” são palavras proibidas. Daí a dúvida,

37| daí a ansiedade da dúvida, da qual o doutor se livra pela escrita rápida. E pouco legível.

Moacyr Scliar. Letra de médico. In: A face oculta. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001, p. 23-5 (com adaptações).

Infer-se do texto que, pelo emprego do adjetivo “compreensível” (l. 7), o narrador transmite sua opinião, o que se confirma pela ponderação exposta no último período do primeiro parágrafo.

039. (CESPE/CEBRASPE/PF/PAPILOSCOPISTA/2018)

1| A natureza jamais vai deixar de nos surpreender.

As teorias científicas de hoje, das quais somos justamente orgulhosos, serão consideradas brincadeira de criança por 4| futuras gerações de cientistas. Nossos modelos de hoje certamente serão pobres aproximações para os modelos do futuro. No entanto, o trabalho dos cientistas do futuro seria 7| impossível sem o nosso, assim como o nosso teria sido impossível sem o trabalho de Kepler, Galileu ou Newton.

Teorias científicas jamais serão a verdade final: elas irão

10| sempre evoluir e mudar, tornando-se progressivamente mais corretas e eficientes, sem chegar nunca a um estado final de perfeição. Novos fenômenos estranhos, inesperados e

13| imprevisíveis irão sempre desafiar nossa imaginação. Assim como nossos antepassados, estaremos sempre buscando compreender o novo. E, a cada passo dessa busca sem fim,

16| compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta.

Em graus diferentes, todos fazemos parte dessa

19| aventura, todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta; se não por intermédio de nossas próprias atividades de pesquisa, ao menos ao estudarmos as ideias

22| daqueles que expandiram e expandem as fronteiras do conhecimento com sua criatividade e coragem intelectual.

Nesse sentido, você, eu, Heráclito, Copérnico e Einstein somos

25| todos parceiros da mesma dança, todos dançamos com o Universo. É a persistência do mistério que nos inspira a criar.

Marcelo Gleiser. A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 384-5 (com adaptações).

A substituição do termo “do futuro”, em “modelos do futuro” (l. 5 e 6), pelo adjetivo “futuristas” manteria os sentidos originais do texto.

040. (CESPE/CEBRASPE/PF/PAPILOSCOPISTA/2018)

1| Até meados do século XIX, a classe que trafica

adquire bens para convertê-los em lucro e benefício. Daí em

diante, ela será outra. Um traço para distinguir as duas fases já

4| foi lembrado: o despertar do entorpecimento que lhe causava a predominância social da classe proprietária, por sua vez, na cúpula, recoberta pelo estamento dos que mandam, governam 7| e dirigem a política. Mas que não haja equívoco: o arrastar na sombra denunciava-lhe prestígio negativo, oriundo da composição de estrangeiros entre seus membros e do tipo de 10| negócios a que se dedicava, sobretudo no comércio negreiro. Não que vivesse alheia à importância econômica ou à eficiência no trato do sistema. Era ela a categoria dinâmica da 13| economia, a que lhe dava impulso à energia, financiando a produção, com o fornecimento de crédito e escravos. Sobretudo, armava o elo que ligava o café ao comércio 16| mundial, polo diretor, em última instância, da economia nacional, dependente de flutuação de centros de decisões fora do país. De outro lado, comunicava às cidades e ao campo a 19| modernização, de nível europeu, de mercadorias, e, por via delas, de costumes, modas e hábitos de consumo. Estava na sombra, mas não lhe faltava atividade, vibração nervosa e 22| energia. Por via desse subterrâneo pulsar, ligava-se ao estrato dirigente, o estamento, com repulsa e, não raro, em oposição de estilos de vida, mas em íntima compreensão, além da zona 25| dos salões e dos palácios, aos interesses materiais. Assim é que, antes de 1850, a arquitetura política, caracterizada no centralismo, servia mais ao grupo dos negociantes, 28| comissários, traficantes de escravos, importadores e exportadores, do que aos isolados produtores e fazendeiros. Servia-a, também, a estabilidade monetária, quebrada de 31| maneira grave com a agitação de fazendeiros e especuladores industriais no fim do império. Houve um momento em que ela — a classe lucrativa — se emancipou, passou a viver de seu 34| próprio impulso, sem se disfarçar ou mascarar-se em traços secundários de outra classe, detentora de maior expressão social, ou do estrato monopolizador do prestígio político. Sobe 37| uma classe e dentro dela elevam-se muitos aspirantes a essa camada. Individualmente, é o momento da crise — o homem escolhe o seu caminho, desdenhando o curso batido e 40| frequentado. Socialmente, toda uma camada quer os bens da

vida, materiais e ideais, sem arrimos ou auxílios, agora vistos
como ilegítimos. O empresário faz-se na cidade, conquista
43| títulos de nobreza e cadeiras no parlamento. Foi neste
momento que a surpreendeu Machado de Assis, mal inclinado
a ela por força de seu preconceito, nutrido de tradição. No seu
46| sarcasmo, ferindo-a de zombarias e riso, ele vê um mundo que
cresce a sua frente, transformando a sociedade — ele tudo vê,
com escândalo, repugnância e indignação. O dinheiro,
49| avassalando os negócios, invade as consciências,
infundindo torpeza em toda parte, na queda de escrúpulos,
virtudes e valores.

Raymundo Faoro. Lucro e negócios — classe lucrativa. In: Machado de Assis — a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 226 (com adaptações).

No trecho “toda uma camada quer os bens da vida” (l. 40 e 41), o artigo indefinido foi empregado como item de realce, razão por que sua eliminação não prejudicaria a correção gramatical nem o sentido original do texto.

041. (CESPE/CEBRASPE/CGM DE JOÃO PESSOA-PB/TÉCNICO/2018)



Internet: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

Os termos “antiéticas”, “ilegais” e “combatidas” qualificam a palavra “práticas”.

042. (CESPE/CEBRASPE/TRF-1ª REGIÃO/TÉCNICO/2017)

1| O tema relativo à economia informal ganhou destaque expressivo na mídia e na literatura especializada a partir do final do século passado. Essa denominação pode envolver

4| fenômenos muito distintos, tais como sonegação fiscal, terceirização, atividades de microempresas, comércio de rua ou ambulante, contratação ilegal de trabalhadores assalariados
7| nativos ou migrantes, trabalho temporário e trabalho em domicílio, entre outros.

A economia informal apresenta um denominador

10| comum no imaginário das pessoas: envolve atividades, trabalhos e rendas que desconsideram as regras expressas em leis ou em procedimentos usuais. As recorrentes menções a
13| esse tema refletem as dificuldades que as organizações, os indivíduos e o coletivo social vêm enfrentando para superar, com as regras legais vigentes ou com os procedimentos-padrão,
16| as mudanças estruturais econômicas, políticas e sociais em andamento.

Se, por um lado, as diferentes situações criadas pela

19| economia informal respondem a demandas legítimas e encaminham possíveis soluções no âmbito da nova ordem econômica e social, por outro, constituem focos de tensões e de
22| desigualdades sociais.

Maria Cristina Cacciamali. Globalização e processo de informalidade. In: Economia e Sociedade. Campinas, (14):153-74, jun./2000 (com adaptações).

Haveria prejuízo gramatical para o texto caso a palavra “procedimentos-padrão” (l. 15) fosse alterada para “procedimentos-padrões”.

043. (CESPE/CEBRASPE/TCE-PE/NÍVEL SUPERIOR/2017)

1| A auditoria, uma das instâncias que garantem a credibilidade das instituições, consiste na análise, à luz da legislação em vigor e das boas práticas administrativas, do
4| contrato entre as partes, governos e entidades prestadoras de serviços, e dos procedimentos efetivados, de modo a aferir a sua execução e a conferir os valores cobrados para garantir que
7| o pagamento seja justo e correto. Consiste, também, no acompanhamento dos eventos para verificar a qualidade dos serviços prestados por esses agentes.
10| No âmbito da auditoria, o fundamento da credibilidade consiste na preservação da idoneidade ética. Os pressupostos éticos da auditoria são três: o princípio da dignidade, o da

13| equidade e o da transparência. Formulado pelo filósofo alemão Immanuel Kant, no final do século XVIII, o princípio da dignidade afirma que toda pessoa deve ser tratada, sempre, 16| como fim e nunca como meio. O princípio da equidade, uma ampliação do princípio da dignidade feita pela Organização das Nações Unidas, em sua Carta de 1946, diz que todo ser 19| humano possui a mesma dignidade e deve ser tratado com igual consideração e respeito. O princípio da transparência tem duas versões no próprio Kant: uma diz que se deve sempre agir de 22| tal forma que os motivos de atuação possam ser divulgados publicamente; a outra afirma que se deve agir de tal modo que a norma de atuação possa se tornar lei universal. Assim, os 25| negócios escusos, a corrupção, a gatunagem, os procedimentos ilícitos fogem da luz da divulgação como os vampiros da luz do Sol. Certamente, o princípio da transparência é o que dá 28| credibilidade à gestão pública e à gestão em geral. Nas 28 pesquisas de opinião, vê-se como a sociedade coloca-se frente às instituições, exigindo transparência. 31| Nos momentos de amadurecimento democrático, constata-se que a auditoria ganha espaço nas organizações. A auditoria seria o primeiro capítulo da transparência na gestão. 34| Quando a sociedade quer tudo em pratos limpos, a auditoria ascende a um primeiro lugar no seio das organizações, porque é o elemento que permite à sociedade ter consciência de como 37| está sendo efetivada a gestão. Se não há auditoria, ou se essa não é praticada de forma constante e transparente, as instituições perdem credibilidade. Quando uma auditoria séria 40| é praticada, as instituições são mais bem aceitas.

Ricardo Vélez Rodríguez. Auditoria, fundamentos éticos. In: Auditoria, uma abordagem interdisciplinar: aspectos relevantes para o setor público. Anais da V Jornada Brasileira de Controle Interno. Rio de Janeiro, dez./2003, p. 32. Internet: <www.rio.rj.gov.br> (com adaptações).

O sentido original e a correção gramatical do texto seriam preservados caso a expressão “em vigor” (l. 3) fosse substituída por “vigente”.

044. (CESPE/CEBRASPE/SEDF/PROFESSOR/2017)

1| O aspecto da implantação do português no Brasil explica por que tivemos, de início, uma língua literária pautada pela do Portugal contemporâneo. A sociedade colonial

4| considerava-se um prolongamento da sociedade ultramarina.
O seu ideal era reviver os padrões vigentes no reino.
Já para a língua popular as condições eram outras. A
7| separação no espaço entre a população da colônia e a da
metrópole favoreceu uma evolução linguística divergente.
Acresce que, com o encontro, em território americano, de
10| sujeitos falantes de regiões diversas da mãe-pátria, cada um dos
quais com o seu falar próprio, se realizou um intercuro,
intenso e em condições inéditas, de variantes dialetais,
13| conducente a nova distribuição e planificação linguística.
Mesmo sem insistir em tal ou qual ação secundária das novas
condições de vida física e social e de contato com os indígenas
16| (e posteriormente com os africanos), é obvio que a língua
popular brasileira tinha de diferenciar-se inelutavelmente da de
Portugal, e, com o correr dos tempos, desenvolver um
19| coloquialismo ou sermo cotidianus seu.

Joaquim Mattoso Câmara Junior. A língua literária. In: Evanildo Bechara (org.). Estudo da língua portuguesa: textos de apoio. Brasília: FUNAG, 2010, p. 292 (com adaptações).

Os vocábulos “africanos” (l. 16) e “correr” (l. 18), originalmente pertencentes à classe dos adjetivos e dos verbos, respectivamente, foram empregados como substantivos no texto.

045. (CESPE/CEBRASPE/SEDF/PROFESSOR/2017/ADAPTADA) Na linha 7, o termo “separação” está elíptico após o artigo definido “a” em “população da colônia e a da metrópole”.

046. (CESPE/CEBRASPE/SEDF/CONHECIMENTOS BASICOS/2017/ADAPTADA)

1| Quando indaguei a alguns escritores de sucesso que
manuais de estilo tinham consultado durante seu aprendizado,
a resposta mais comum foi “nenhum”. Disseram que escrever,
4| para eles, aconteceu naturalmente.
Eu seria o último dos mortais a duvidar que os bons
escritores foram abençoados com uma dose inata de fluência
7| mais sintaxe e memória para as palavras. Ninguém nasceu com
competência para redigir. Essa competência pode não se ter
originado nos manuais de estilo, mas deve ter vindo de algum
10| lugar.
Esse algum lugar é a escrita de outros escritores. Bons
escritores são leitores ávidos. Assimilaram um grande

13| inventário de palavras, expressões idiomáticas, construções, tropos e truques retóricos e, com eles, a sensibilidade para o modo como se combinam ou se repelem. Essa é a ardilosa
16| “sensibilidade” de um escritor hábil — o tácito sentido de estilo que os manuais de estilo honestos admitem ser impossível ensinar explicitamente. Os biógrafos dos grandes
19| autores sempre tentam rastrear os livros que seus personagens leram na juventude, porque sabem que essas fontes escondem o segredo de seu aperfeiçoamento como escritores.
22| O ponto de partida para alguém tornar-se um bom escritor é ser um bom leitor. Os escritores adquirem sua técnica identificando, saboreando e aplicando engenharia reversa em
25| exemplos de boa prosa.

Steven Pinker. Guia de escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2016, p. 23-4 (com adaptações).

Na linha 11, o sintagma nominal “Bons escritores são leitores ávidos” poderia ser reescrito com a inserção do artigo definido masculino: “Os bons escritores são leitores ávidos.”

047. (CESPE/CEBRASPE/SEDF/CONHECIMENTOS BASICOS/2017)

1| O monitor — também chamado, em algumas instituições, de inspetor e bedel — é um dos profissionais mais atuantes na esfera educacional. Ele transita por toda a escola,
4| em geral conhece os alunos pelo nome e é um dos primeiros a ser procurado quando há algum problema que precisa ser solucionado rapidamente. Contudo, ele nem sempre é
7| valorizado como deveria. Infelizmente, muitos diretores entendem que quem atua nessa função deve apenas controlar os espaços coletivos para impedir a ocorrência de agressões,
10| depredações e furtos, vigiar grupos de alunos, observar comportamentos suspeitos e até mesmo revistar armários e mochilas. Esse tipo de controle, além de perigoso — pois os
13| conflitos abafados por ações repressoras acabam se manifestando com mais violência —, contribui para reforçar a desconfiança entre a instituição e os estudantes. E uma relação
16| fundada na insegurança fragiliza a construção de valores democráticos, que deveria ser um dos objetivos de todas as escolas. Como qualquer profissional do ambiente escolar, os

19| monitores também são educadores, e cabe à equipe gestora realizar ações formativas para que eles saibam como interagir com as crianças e os jovens nos diversos espaços (como o 22| pátio, os corredores, as quadras, a cantina, o banheiro etc.). Com uma boa formação, eles serão capazes de trazer informações importantes sobre a convivência entre os alunos 25| e que poderão ser objeto de análise para que o orientador educacional, juntamente com o diretor e a equipe docente, planeje e execute intervenções.

O papel do monitor na formação dos alunos. Internet: <<http://gestaoescolar.org.br>> (com adaptações).

O vocábulo “suspeitos” (l. 11) foi empregado, no texto, como substantivo, no sentido de “aqueles sobre os quais recaem suspeitas”.

048. (CESPE/CEBRASPE/PM/SOLDADO COMBATENTE/2017) Em “Lançadas com o intuito de encontrar respostas para as possíveis causas da violência, hipóteses clássicas na sociologia do crime acabaram por defender a tese de associação entre o aumento nos índices de criminalidade e a pobreza”, o adjetivo “Lançadas” refere-se a “possíveis causas da violência”.

049. (CESPE/CEBRASPE/SEEDF/PROFESSOR/2017)

5| “Eu seria o último dos mortais a duvidar que
6| os bons escritores foram abençoados com uma dose inata de influência
7| mais sintaxe e memória para as palavras.”
Na linha 5, a palavra “último” foi empregada com valor de substantivo.

050. (CESPE/CEBRASPE/SEEDF/PROFESSOR/2017)

1| O aspecto da implantação do português no Brasil
2| explica por que tivemos, de início, uma língua literária pautada
3| pela de Portugal, uma língua literária pautada
4| pela do Portugal contemporâneo.

Na linha 4, o emprego do artigo definido imediatamente antes do topônimo “Portugal” torna-se obrigatório devido à presença do adjetivo “contemporâneo”.

051. (CESPE/CEBRASPE/STM/ANALISTA/2018)

31| Seja como for, enquanto não chega esse dia, os livros
estão aqui, como uma galáxia pulsante, e as palavras, dentro
deles, são outra poeira cósmica flutuando, à espera do olhar
34| que as irá fixar num sentido ou nelas procurará o sentido novo,
porque assim como vão variando as explicações do universo,

também a sentença que antes parecera imutável para todo o
37| sempre oferece subitamente outra interpretação, a possibilidade
duma contradição latente, a evidência do seu erro próprio.

Aqui, neste escritório onde a verdade não pode ser mais do que
40| uma cara sobreposta às infinitas máscaras variantes, estão os
costumados dicionários da língua e vocabulários, os Moraes e
Aurélios, os Morenos e Torrinhas, algumas gramáticas, o
43| Manual do Perfeito Revisor, vademeco de ofício [...].

Na linha 39, o emprego de “neste” decorre da presença do vocábulo “Aqui”, de modo que sua substituição por “nesse” resultaria em incorreção gramatical.

052. (CESPE/CEBRASPE/PJC-MT/DELEGADO/2017)

1| A injustiça, Senhores, desanima o trabalho, a
honestidade, o bem; cresta em flor os espíritos dos moços,
semeia no coração das gerações que vêm nascendo a semente
4| da podridão, habitua os homens a não acreditar senão na
estrela, na fortuna, no acaso, na loteria da sorte; promove a
desonestidade, a venalidade, a relaxação; insufla a cortesia,
7| a baixeza, sob todas as suas formas.

De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver
prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto
10| ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem
chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha
de ser honesto.

13| E, nessa destruição geral das nossas instituições, a
maior de todas as ruínas, Senhores, é a ruína da justiça,
corroborada pela ação dos homens públicos. E, nesse
16| esboroamento da justiça, a mais grave de todas as ruínas é a
falta de penalidade aos criminosos confessos, é a falta de
punição quando ocorre um crime de autoria incontroversa, mas

19| ninguém tem coragem de apontá-la à opinião pública, de modo
que a justiça possa exercer a sua ação saneadora e benfazeja.

No último parágrafo do texto, a forma pronominal “la”, em “apontá-la” (l. 19), retoma “a ruína da justiça” (l. 14).

053. (CESPE/CEBRASPE/TRE-PE/ANALISTA/2017)

Na teoria constitucional moderna, cidadão é o

16| indivíduo que tem um vínculo jurídico com o Estado, sendo portador de direitos e deveres fixados por determinada

estrutura legal (Constituição, leis), que lhe confere, ainda, a

19| nacionalidade. Cidadãos, em tese, são livres e iguais perante a lei, porém súditos do Estado.

No segundo parágrafo do texto, o pronome “lhe” (l. 18) faz referência a “cidadão” (l. 15).

054. (CESPE/CEBRASPE/PGE-PE/ANALISTA/2019)

1| A própria palavra “crise” é bem mais a expressão de um movimento do espírito que de um juízo fundado em argumentos extraídos da razão ou da experiência. Não há

4| período histórico que não tenha sido julgado, de uma parte ou de outra, como um período em crise. Ouvi falar de crise em

todas as fases da minha vida: depois da Primeira Guerra

7| Mundial, durante o fascismo e o nazismo, durante a Segunda Guerra Mundial, no pós-guerra, bem como naqueles que foram

chamados de anos de chumbo. Sempre duvidei que o conceito

10| de crise tivesse qualquer utilidade para definir uma sociedade ou uma época.

Norberto Bobbio. Elogio da serenidade e outros escritos morais. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 160-1 (com adaptações).

Os sentidos e a correção gramatical do texto seriam mantidos se fosse inserido o vocábulo “do” imediatamente após a palavra “espírito” (l. 2).

055. (CESPE/CEBRASPE/PRF/POLICIAL/2019)

1| As atividades pertinentes ao trabalho relacionam-se intrinsecamente com a satisfação das necessidades dos

seres humanos — alimentar-se, proteger-se do frio e do

4| calor, ter o que calçar etc. Estas colocam os homens em

uma relação de dependência com a natureza, pois no

mundo natural estão os elementos que serão utilizados para

7| atendê-las.

Thiago de Mello. Trabalho. Internet: <educacao.globo.com> (com adaptações).

As formas pronominais “Estas” (l. 4) e “las” (l. 7) referem-se a “necessidades dos seres humanos” (l. 2 e 3).

056. (CESPE/CEBRASPE/FUB/NÍVEL SUPERIOR/2018)

1| Esta é uma declaração de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência 4| é a de não ter sutilezas e de reagir às vezes com um verdadeiro pontapé contra os que temerariamente ousam transformá-la numa linguagem de sentimento e de “alerteza”. E de amor. 7| A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo. 10| Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la — como gostava de estar montada 13| num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes lentamente, às vezes a galope.

Clarice Lispector. Declaração de amor. In: Crônicas para jovens: de escrita e vida. Rio de Janeiro: Rocco Digital, p. 11 (com adaptações).

O vocábulo “ela” (l. 10) retoma o trecho “a primeira capa de superficialismo” (l. 9).

057. (CESPE/CEBRASPE/PF/PAPILOSCOPISTA/2018)

Teorias científicas jamais serão a verdade final: elas irão 10| sempre evoluir e mudar, tornando-se progressivamente mais corretas e eficientes, sem chegar nunca a um estado final de perfeição. Novos fenômenos estranhos, inesperados e 13| imprevisíveis irão sempre desafiar nossa imaginação. Assim como nossos antepassados, estaremos sempre buscando compreender o novo. E, a cada passo dessa busca sem fim, 16| compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta. Em graus diferentes, todos fazemos parte dessa 19| aventura, todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta; se não por intermédio de nossas próprias atividades de pesquisa, ao menos ao estudarmos as ideias

22| daqueles que expandiram e expandem as fronteiras do conhecimento com sua criatividade e coragem intelectual. Nesse sentido, você, eu, Heráclito, Copérnico e Einstein somos
25| todos parceiros da mesma dança, todos dançamos com o Universo. É a persistência do mistério que nos inspira a criar.

Marcelo Gleiser. A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 384-5 (com adaptações).

As expressões “dessa busca sem fim” (l. 15) e “dessa aventura” (l. 18 e 19) retomam, por coesão, o mesmo referente: “compreender o novo” (l. 15).

058. (INÉDITA/2023)

O carrinho de compras do sítio eletrônico está lotado, e o preço total agrada. Animado, você digita todas as informações referentes ao cartão de crédito e, sem entender, observa a transação ser negada. Mais tarde, descobre que o banco tinha considerado suspeito aquele seu procedimento virtual, uma vez que tinha características semelhantes às de uma fraude. Decepcionante, não? E muito comum.

A fim de melhorar a experiência dos consumidores em compras pela Internet, cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos Estados Unidos da América, desenvolveram um sistema baseado em princípios de aprendizagem de máquina.

A aprendizagem de máquina para a detecção de fraude é baseada em equações matemáticas e algoritmos e funciona em duas etapas. Na primeira, o sistema recebe exemplificações de compras legítimas e ilegítimas. Em seguida, a máquina avalia compras reais, levando em consideração os padrões observados. O sistema funciona mais ou menos como nossos neurônios. A partir de números e fórmulas, une ponto a ponto informações sobre características de transações já feitas pelo usuário — como valores médios gastos, horários de compra, uso de celular, pontos usados, principais estabelecimentos —, até chegar a uma probabilidade de fraude final. Com cada constatação, o programa consegue melhorar os padrões aprendidos.

Segundo um arquiteto de *software* de uma empresa não participante do estudo, o modo como a máquina aprende os padrões antes de começar a analisar compras interfere diretamente no registro de falsos positivos e fraudes reais. “Se a prepararmos apenas para detectar casos de não fraude, podemos aumentar os riscos de fraudes que passam. Sendo assim, precisamos aumentar ao máximo o balanço de situações apresentadas à máquina para não pesar um lado mais do que o outro”, detalha.

Correio Braziliense, 1º/10/2018, p. 14 (com adaptações).

No primeiro parágrafo do texto, o autor adota estratégias para envolver o leitor, como uso do pronome “você” e de frase interrogativa.

059. (INÉDITA/2023)

Lei de Acesso
Esta seção reúne e divulga, de forma espontânea, dados da Controladoria Geral de Alagoas (CGE) que são de interesse coletivo ou geral com o objetivo de facilitar o acesso à informação pública, conforme determina a Lei de Acesso à Informação (Lei 12.527, de 18/11/2011).

SIC
Serviço de Informação ao Cidadão
Saiba como solicitar acesso

Sobre a Lei de Acesso à Informação
www.acessoainformacao.gov.br

Acesso à Informação

Fonte: <http://www.pm.al.gov.br/informacoes-publicas>.

O pronome “que” em “que são de interesse coletivo ou geral” faz referência ao termo “Controladoria Geral de Alagoas (CGE)”.

060. (INÉDITA/2023)

A educação financeira está entre os temas da atualidade sugeridos para compor a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Trata-se do conjunto de conhecimentos entendidos como essenciais para o fortalecimento da cidadania e voltados para ajudar a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes.

A Base Comum definirá os conteúdos que deverão fazer parte dos currículos das escolas de educação básica nos próximos anos, por determinação do Plano Nacional de Educação (PNE). Até 15 de março, todos os brasileiros poderão contribuir com sugestões.

O tema da educação financeira ganhou destaque na arena política global com a crise econômica mundial, em 2008. Especialistas de organismos internacionais, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), voltaram atenção para a importância das questões associadas à educação financeira.

Nesse contexto, a educação financeira é definida como o processo mediante o qual “os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos”. De modo geral, significa que a educação financeira pode ajudar as pessoas nas escolhas mais acertadas e responsáveis sobre o planejamento das finanças pessoais e governamentais.

No Brasil, a educação financeira vem conquistando espaço como política de Estado a partir da publicação do Decreto n. 7.397, de 22 dezembro de 2010, que instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef). Desde então, ações acerca da temática são compartilhadas, de forma integrada, por órgãos e entidades públicas e da sociedade, nos âmbitos federal, estadual e municipal.

MEC apoia inserção da temática educação financeira no currículo da educação básica. Em <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/34351>>

Em “que instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef)” (quinto parágrafo), a forma pronominal “que” retoma “política de Estado”.

GABARITO

- | | |
|-------|-------|
| 1. b | 35. c |
| 2. b | 36. C |
| 3. c | 37. E |
| 4. a | 38. C |
| 5. c | 39. E |
| 6. d | 40. E |
| 7. d | 41. E |
| 8. b | 42. E |
| 9. b | 43. C |
| 10. c | 44. C |
| 11. c | 45. E |
| 12. d | 46. C |
| 13. e | 47. E |
| 14. c | 48. E |
| 15. e | 49. C |
| 16. e | 50. C |
| 17. c | 51. C |
| 18. a | 52. E |
| 19. c | 53. C |
| 20. d | 54. C |
| 21. a | 55. C |
| 22. e | 56. E |
| 23. d | 57. C |
| 24. d | 58. C |
| 25. a | 59. E |
| 26. b | 60. E |
| 27. b | |
| 28. e | |
| 29. d | |
| 30. b | |
| 31. a | |
| 32. a | |
| 33. a | |
| 34. e | |

GABARITO COMENTADO

001. (CONSULPAM/PREF. IRAUÇUBA-CE/MOTORISTA/2022) Assinale a alternativa CORRETA sobre a classificação morfológica da palavra **autoimune**, conforme o seu emprego na sentença abaixo:

Doença celíaca é uma doença **autoimune** causada pela intolerância ao glúten.

- a) Substantivo.
- b) Adjetivo.
- c) Verbo.
- d) Pronome.



O vocábulo “autoimune” modifica a palavra “doença” (especifica o tipo de doença). Por essa razão, estamos diante de um adjetivo (que exerce função de adjunto adnominal). Descartamos, então, as alternativas que classificam essa forma como substantivo, verbo ou pronome.

Letra b.

002. (CONSULPAM/PREF. IRAUÇUBA-CE/MOTORISTA/2022) **Dor abdominal** significa **dor no abdômen** assim como:

- a) **Festa natalina** significa **festa do Natal**.
- b) **Vida campestre** significa **vida no campo**.
- c) **Amor materno** significa **amor de mãe**.
- d) **Dias vindouros** significa **dias que virão**.



O segredo para resolver a questão é noção de “localidade”: a dor se localiza no abdômen. Essa noção está presente em “vida no campo” (vida que se localiza no campo). As expressões “do Natal”, “de mãe” e “que virão” não denotam esse significado.

Letra b.

003. (ESPCEX/CADETES/2017) Assinale a opção que contém um pronome relativo:

- a) O que esperar de um sistema desses?
- b) O sistema nada oferece para que tal situação realmente aconteça.
- c) Uma cultura sinistra, mas que diverte muitas pessoas.
- d) A pena será prorrogada até que a reintegração dos presos seja comprovada.
- e) Dessa forma, o detento deve provar que pode ter o direito de exercer sua liberdade.



O pronome relativo é uma forma que acompanha **substantivos (ou termos equivalentes)**. Por isso, temos que ver a sentença em que este pronome está próximo (ou relacionado) a um substantivo (ou equivalente). Isso é o que ocorre em (c), já que o pronome “que” é relativo ao termo “cultura”.

Letra c.

004. (FCC/TJ-SC/TÉCNICO JUDICIÁRIO AUXILIAR/2021)

1 Amélia, 80, interrompe sonho de ter vaga na universidade para comprar geladeira. Amélia Pires fará 80 anos em 6 de dezembro um pouco mais distante de seu sonho. Há anos faz o exame vestibular para o curso de administração.

2 Mas este ano teve de desistir. A geladeira estava imprestável, e o dinheiro da inscrição – ajuda de um sobrinho – foi usado para pagar a prestação de uma nova. (Cotidiano, 24 de novembro de 2008)

3 Não foi uma decisão fácil, como se pode imaginar. Curso de administração ou geladeira? A favor de ambas as coisas, o curso e a geladeira, havia argumentos.

4 O curso era algo com que sonhava havia muito tempo, desde jovem, para dizer a verdade. Primeiro, porque era uma fervorosa admiradora da atividade em si, da administração. Organizar as coisas, fazer com que funcionem, levar uma empresa ao sucesso, mesmo em épocas de crise, sobretudo em épocas de crise, parecia-lhe um objetivo verdadeiramente arrebatador. Com o curso, ela poderia tornar-se, mesmo com idade avançada, numa daquelas dinâmicas executivas cuja foto via em jornais e em revistas.

5 Mas a geladeira... A verdade é que ela precisava de uma geladeira nova. A antiga estava estragada, e tão estragada que o homem do conserto a aconselhara a esquecer “aquele traste” e partir para algo mais moderno. E isso precisava ser feito com urgência: todos os dias estava jogando fora comida que estragara por causa do inconfiável eletrodoméstico.

6 Era o curso ou a geladeira. Era apostar no futuro ou resolver os problemas do presente. Ou se inscrevia na universidade ou pagava a prestação na loja: tinha de escolher. Dilema penoso. Durante duas noites não dormiu, fazendo a si própria cálculos e ponderações. “Faça o curso”, sussurrava-lhe ao ouvido uma vizinha, “você será outra pessoa, uma pessoa com conhecimento, com dignidade, uma pessoa que todos respeitarão”. E aí intervinha outra vizinha: “Deixe de bobagens, querida. Geladeira é comida, e comida é o que importa. Como é que você vai se alimentar se a comida continuar estragando desse jeito? Seja prática.” Duas vizinhas. Anjinho e diabinho? Nesse caso, qual era a voz do anjinho, qual a do diabinho? Mistério.

7 Na manhã do terceiro dia sentiu um mau cheiro insuportável, vindo da cozinha. Foi até lá, abriu a geladeira e, claro, era a carne que simplesmente tinha apodrecido.

8 Foi a gota d'água. Vestiu-se, foi até a loja, e comprou a geladeira nova. Que lhe foi entregue naquele mesmo dia. Era uma bela geladeira, com muitos dispositivos que ela mal conhecia. "Vou ter de fazer um curso para aprender a operar essa coisa", disse ao homem da entrega. Ele concordou: "Sempre é bom fazer cursos".

9 Instalada a geladeira, ela tratou de colocar ali os alimentos e as bebidas. Foi então que encontrou a garrafa de champanhe. O champanhe que tinha comprado para celebrar com os vizinhos a sua entrada na universidade. Suspirou. O que fazer com aquilo, agora? Dar de presente para o sobrinho que a ajudara com o dinheiro da inscrição?

10 Resolveu guardar a garrafa. Bem no fundo da geladeira. Um dia ela ainda ingressaria no curso de administração, um dia brindaria a seu futuro. Era só questão de esperar. Sem medo: uma boa geladeira conserva qualquer champanhe.

Adaptado de: SCLiar, Moacyr. "O futuro na geladeira". Folha de S.Paulo, 01.12.2008

Verifica-se a supressão de um substantivo que pode ser inferido pelo contexto no seguinte trecho:

- a) o dinheiro da inscrição – ajuda de um sobrinho – foi usado para pagar a prestação de uma nova. (2º parágrafo)
- b) Como é que você vai se alimentar se a comida continuar estragando desse jeito? (6º parágrafo)
- c) A favor de ambas as coisas, o curso e a geladeira, havia argumentos. (3º parágrafo)
- d) Não foi uma decisão fácil, como se pode imaginar (3º parágrafo)
- e) o homem do conserto a aconselhará a esquecer "aquele traste" (5º parágrafo)



Em (a), após "uma", pode-se inserir o vocábulo "geladeira": Mas este ano teve de desistir. A **geladeira** estava imprecável, e o dinheiro da inscrição – ajuda de um sobrinho – foi usado para pagar a prestação de uma [geladeira] nova. Nas demais alternativas, não se verifica a supressão de um substantivo que pode ser inferido pelo contexto.

Letra a.

005. (FCC/METRÔ-SP/MÉDICO/2019)

Para ele, o fim do ano era sempre uma época dura, difícil de suportar. Sofria daquele tipo de tristeza mórbida que acomete algumas pessoas nos festejos de Natal e de Ano-Novo. No seu caso havia uma razão óbvia para isso: aos setenta anos, solteirão, sem parentes, sem amigos, não tinha com quem celebrar, ninguém o convidava para festa alguma. O jeito

era tomar um porre, e era o que fazia, mas o resultado era melancólico: além da solidão, tinha de suportar a ressaca.

No passado, convivera muito tempo com a mãe. Filho único, sentia-se obrigado a cuidar da velhinha que cedo enviuvara. Não se tratava de tarefa fácil: como ele, a mãe era uma mulher amargurada. Contra a sua vontade, tinha casado, em 31 de dezembro de 1914 (o ano em que começou a Grande Guerra, como ela fazia questão de lembrar) com um homem de quem não gostava, mas que pais e familiares achavam um bom partido. Resultado desse matrimônio: um filho e longos anos de sofrimento e frustração. O filho tinha de ouvir suas constantes e ressentidas queixas. Coisa que suportava estoicamente; não deixou, contudo, de sentir certo alívio quando de seu falecimento, em 1984. Este alívio resultou em culpa, uma culpa que retornava a cada Natal. Porque a mãe falecera exatamente na noite de Natal. Na véspera, no hospital, ela lhe fizera uma confissão surpreendente: muito jovem, apaixonara-se por um primo, que acabou se transformando no grande amor de sua vida. Mas a família do primo mudara-se, e ela nunca mais tivera notícias dele. Nunca recebera uma carta, uma mensagem, nada. Nem ao menos um cartão de Natal.

No dia 24 pela manhã ele encontrou um envelope na carta do correio. Como em geral não recebia correspondência alguma, foi com alguma estranheza que abriu o envelope.

Era um cartão de Natal, e tinha a falecida mãe como destinatária. Um velhíssimo cartão, uma coisa muito antiga, amarelada pelo tempo. De um lado, um desenho do Papai Noel sorrindo para uma menina. Do outro lado, a data: 23 de dezembro de 1914. E uma única frase: “Eu te amo.”

A assinatura era ilegível, mas ele sabia quem era o remetente: o primo, claro. O primo por quem a mãe se apaixonara, e que, por meio daquele cartão, quisera associar o Natal a uma mensagem de amor. Uma nova vida, era o que estava prometendo. Esta mensagem e esta promessa jamais tinham chegado a seu destino. Mas de algum modo o recado chegara a ele. Por quê? Que **secreto desígnio** haveria atrás daquilo?

Cartão na mão, aproximou-se da janela. Ali, parada sob o poste de iluminação, estava uma mulher já madura, modestamente vestida, uma mulher ainda bonita. Uma desconhecida, claro, mas o que importava? Seguramente o destino a trouxera ali, assim como trouxera o cartão de Natal. Num impulso, abriu a porta do apartamento e, sempre segurando o cartão, correu para fora. Tinha uma mensagem para entregar àquela mulher. Uma mensagem que poderia transformar a vida de ambos, e que era, por isso, um verdadeiro presente de Natal.

SCLIAR, Moacyr. Mensagem de Natal. Porto Alegre: L&PM, 2018, p. 26-28

O substantivo está posposto ao termo que o qualifica na expressão destacada em:

- a) Sofria daquele tipo de **tristeza mórbida** (1º parágrafo)
- b) Para ele, o fim do ano era sempre uma **época dura** (1º parágrafo)
- c) Que **secreto desígnio** haveria atrás daquilo (5º parágrafo)

- d) No seu caso havia uma **razão óbvia** para isso (1º parágrafo)
e) como ele, a mãe era uma **mulher amargurada** (2º parágrafo)



Canonicamente, a ordem dos termos é a seguinte:

SUBSTANTIVO > ADJETIVO

É isso o que ocorre em “tristeza mórbida”, “época dura”, “razão óbvia” e “mulher amargurada”. Os termos “mórbida”, “dura”, “óbvia” e “amargurada” são adjetivos. Em (c), diferentemente, a ordem é a seguinte: ADJETIVO > SUBSTANTIVO. “secreto desígnio” é um **desígnio** que possui a qualidade de ser **secreto**. Por isso, “secreto” é adjetivo e “desígnio” é substantivo. Portanto, a alternativa (c) é a correta: o termo substantivo está posposto ao adjetivo (qualificador).

Letra c.

006. (FCC/METRÔ-SP/MÉDICO/2019)

Discriminar significa fazer distinção. Existem vários tipos de discriminação e o mais comum relaciona-se a aspectos sociológicos: condição social, religião, etnias, sexualidade, idade, nacionalidade, deficiência. Tudo isso leva à exclusão social.

A discriminação atinge os sentimentos das pessoas, desmoralizando-as, podendo levá-las até ao suicídio.

<http://www.pobrezahumana.wordpress.com>

Assinale a alternativa em que a palavra destacada adjetiva (qualifica) o vocábulo que a antecede.

- a) Discriminar **significa**...
b)... significa fazer **distinção**...
c) Existem vários **tipos**...
d)... condição **social**...
e)... tudo isso **leva**...



Em (a), a forma “significa” é um verbo. Em (b), “distinção” é um substantivo (exerce função de complemento). Em (e), a forma “leva” é verbal. Em (c), o termo “tipos” é substantivo e é qualificado (quantificado) pelo termo “vários”. Resta, então, a alternativa (d): “condição social”, em que o termo “social” qualifica o tipo de “condição” (substantivo).

Letra d.

007. (VUNESP/PREFEITURA DE PERUÍBE-SP/AUXILIAR/2019)

Elas _____, por serem vendedoras de automóveis, orientaram os amigos na troca do carro, _____ eles pouco _____ importância a isso.

Assinale a alternativa que preenche as lacunas do enunciado na ordem em que se apresentam, conforme a norma-padrão da língua portuguesa.

- a) mesmos ... pois ... deram
- b) mesmas ... porque ... deu
- c) mesmo ... mas ... deram
- d) mesmas ... porém ... deram
- e) mesmo ... portanto ... deu



Na primeira lacuna, a forma “mesmas” deve concordar em gênero e número com o pronome “elas”. Na segunda coluna, deve-se registrar a conjunção “porém”, dado que a ideia é de adversidade. Por fim, a última coluna deve ser preenchida pela forma verbal no plural: “deram” (já que o sujeito é o pronome “eles”).

Letra d.

008. (VUNESP/PREFEITURA DE PERUÍBE-SP/AUXILIAR/2019)

O poder da gentileza

Clóvis, numa viagem de ônibus, escutou o passageiro da frente lhe perguntar:

– Você se incomodaria se eu recuasse o encosto da minha poltrona?

O sotaque carregado do jovem japonês deixou Clóvis admirado. Não havia dúvida: o rapaz queria mesmo saber se afastar a poltrona iria incomodá-lo. Em poucos segundos, Clóvis reconheceu que havia vivido uma experiência de grande valor. Ele é daqueles que se encantam mais por pessoas e suas atitudes do que por outras atrações do mundo. Ali, no interior daquele ônibus, alguém tinha considerado, na hora de agir, os afetos de outra pessoa.

E o jovem só reclinou a poltrona um pouquinho. Clóvis pensou nas tantas longas viagens que fez, deixando-se desmoronar como um prédio nos assentos marcados e recuando encostos com a rudeza de quem percebe o mundo como princípio e fim, apenas pensando em si mesmo, no próprio prazer e conforto.

Aquele passageiro japonês tinha ensinado algo precioso a Clóvis, o que sua mãe chamaria de “bons modos”. Um jeito melhor de se comportar, de agir, de conviver.

Daquele dia em diante, Clóvis nunca mais reclinou o encosto do seu assento sem consultar o passageiro de trás.

Clóvis de Barros. Shinsetsu: o poder da gentileza.

Assinale a alternativa em que a palavra destacada dá uma qualidade à anterior.

- a) Clóvis, numa **viagem** de ônibus...
- b) Aquele passageiro **japonês** tinha ensinado...
- c)... sua **mãe** chamaria de “bons modos”...
- d) Daquele **dia** em diante...
- e)... nunca mais **reclinou** o encosto do seu assento...



A questão pede que se identifique um adjetivo. Em (e), “reclinou” é claramente um verbo, por isso não pode qualificar uma expressão anterior (como faz um adjetivo). Em (a), (c) e (d), temos substantivos (são determinados por pronomes ou artigos e são núcleos de sintagmas nominais). Em (b), alternativa correta, temos que o passageiro possui a nacionalidade japonesa (trata-se, portanto, de uma qualidade). Desse modo, “japonês” é qualificador (adjetivo; adjunto adnominal) de “passageiro”.

Letra b.

009. (CESGRANRIO/UNIRIO/ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO/2019) A substituição da expressão destacada pelo que se encontra entre colchetes está de acordo com a norma-padrão em:

- a) Jorge Amado **tomava a bebida** sem açúcar. [tomava-lhe]
- b) Diolino gostava de **mostrar a receita**. [mostrá-la]
- c) Pelé **bebia no carro** porque era discreto. [bebia-lhe]
- d) Wando e Rô Rô também **frequentavam o bar**. [frequentavam-nos]
- e) O MiniBar **produzia 6.000 litros** por mês. [produzia-se]



Em (a) e (c), a forma pronominal “lhe” (com função de complemento indireto no âmbito verbal) não pode ocorrer, pois o verbo “tomar” é transitivo direto e o verbo “beber” é intransitivo (“no carro” é adjunto adverbial). Em (d), a forma pronominal não pode ser “nos”, porque originalmente o termo é singular (“o bar”). Em (e), o pronome “se” não pode substituir a forma “6.000 litros”. Em (b), a forma pronominal “la” pode substituir o objeto direto “a receita” (note que ambos estão no singular e são de gênero feminino).

Letra b.

010. (CESGRANRIO/UNIRIO/ASSISTENTE/2019) Considere a seguinte passagem:

“O líquido resultante é coado com uma peneira de palha e recolocado no aparelho, onde é batido com açúcar e leite condensado” (l. 2-4)

Analisando-se valores contextuais do pronome relativo “onde” e do substantivo “aparelho”, conclui-se que ambos têm, entre si, o mesmo valor semântico, já que

- a) retomam a informação do substantivo líquido.
- b) confirmam o sentido do adjetivo coado.
- c) retomam o significado do substantivo liquidificador.
- d) preveem o emprego do substantivo açúcar.
- e) reiteram o valor do particípio batido.



A relação estabelecida entre o pronome relativo “onde” e o substantivo “aparelho” é de qualificação/especificação: é especificada a “localização” em que se bate o líquido com açúcar e leite condensado. Por isso, o pronome “onde” **retoma** o significado do substantivo liquidificador (“aparelho”).

Letra c.

011. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/AUXILIAR/2021) Assinale a opção que apresenta o adjetivo que se refere ao espaço de poder de uma prefeitura.

- a) nacional.
- b) federal.
- c) municipal.
- d) estadual.
- e) regional.



Quando se fala em “decreto municipal”, por exemplo, temos um decreto emitido por uma prefeitura. Assim, o adjetivo que se refere ao espaço de poder de uma prefeitura é “municipal”. Por essa razão, a alternativa (c) está correta e as demais: (a), (b), (d) e (e), por exclusão, estão incorretas.

Letra c.

012. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/PROFESSOR/2021) Nas opções a seguir aparecem adjetivos em sequência; assinale a frase em que essa sequência mostra uma intensificação no sentido dos adjetivos.

- a) A mera preocupação gramatical só produz escritores entanguídos, enfezados, pesadões e desluzidos.
- b) Autores são como gatos porque são quietos, amáveis e sábias criaturas, e os gatos se parecem com os autores pelas mesmas razões.

- c) O avião é ainda o meio mais seguro, rápido, sofisticado e caro para se chegar atrasado a qualquer lugar.
- d) Quantas bonitas, belas, lindas árvores deram sua vida para que o escândalo do dia pudesse chegar sem atraso a um milhão de leitores.
- e) Com a notícia todos ficaram inquietos, alarmados, temerosos e preocupados com o destino da empresa.



Considero haver gradação apenas na alternativa (d), já que os termos “bonitas, belas, lindas” crescem em intensidade (do menos para o mais intenso). Em (e), parece haver uma gradação, mas os termos não pertencem ao mesmo campo semântico e não se organizam gradativamente. O mesmo ocorre nas demais alternativas.

Letra d.

013. (FGV/PREF. MUN. PAULÍNIA-SP/PROFESSOR/2021) “Felicidade é uma escrivaninha muito pequena e uma grande cesta de lixo.”

Sofre esse pensamento, assinale a afirmativa correta.

- a) A forma diminutiva **escrivaninha** mostra valor depreciativo.
- b) A conjunção **e** equivale a uma adversativa.
- c) os adjetivos **pequena/grande** mostram uma incoerência.
- d) a locução **de lixo** indica uma qualidade de cesta.
- e) o adjetivo **grande** tem valor dimensional.



O diminutivo “escrivaninha” não possui valor pejorativo (descreve um tipo de móvel, na verdade); o “e” não é adversativo, mas aditivo (é possível registrar “e também”); não há incoerência entre os adjetivos “pequena/grande”, pois, cada termo modifica uma entidade distinta; a expressão “de lixo” não indica qualidade, mas espécie. Assim, resta-nos a alternativa (e): o adjetivo “grande” tem valor dimensional (denota o tamanho da cesta de lixo).

Letra e.

014. (CEBRASPE/SEFAZ-RS/AUDITOR/2019)

1 Pixis foi um músico medíocre, mas teve o seu dia de glória no distante ano de 1837.

Em um concerto em Paris, Franz Liszt tocou uma **4** peça do (hoje) desconhecido compositor, junto com outra, do admirável, maravilhoso e extraordinário Beethoven (os adjetivos aqui podem ser verdadeiros, mas — como se **7** verá — relativos). A plateia, formada por um

público refinado, culto e um pouco bovino, como são, sempre, os homens em ajuntamentos, esperava com impaciência.

In: Para ser escritor. São Paulo: Leya, 2010 (com adaptações).

No segundo parágrafo do texto, o termo “adjetivos” remete às palavras

- a) “verdadeiros” e “relativos”.
- b) “refinado”, “culto” e “bovino”.
- c) “admirável”, “maravilhoso” e “extraordinário”.
- d) “desconhecido” e “compositor”.
- e) “hoje” e “sempre”.



Analisando a cadeia coesiva do texto, o termo “adjetivos” remete aos vocábulos “admirável”, “maravilhoso” e “extraordinário” (os quais qualificam “Beethoven”).

Letra c.

015. (FGV/AL-RO/ANALISTA/2018) Em todas as frases a seguir foram destacados o adjetivo e o termo substantivo a que ele se refere e com que concorda; assinale a frase em que essa referência está indicada corretamente.

- a) “Ser marido é um **trabalho** de tempo **integral**.”
- b) “A **cachaça** de Minas é das mais **saborosas** do país.”
- c) “Os maridos das **mulheres** de que gostamos são sempre uns **imbecis**.”
- d) “É preciso realmente que um **homem** morra para que outros possam apurar o seu **justo** valor.”
- e) “Há **quem** esteja **disposto** a morrer para fazer com que morram os seus inimigos.”



Vamos aos erros de análise das alternativas (a), (b), (c) e (d):

- a) Errada. O adjetivo “integral” modifica o nome “tempo”.
- b) Errada. O adjetivo “saborosas” concorda com o termo elíptico “das [cachaças] mais”.
- c) Errada. O adjetivo “imbecis” concorda com o substantivo “maridos”.
- d) Errada. O adjetivo “justo” modifica o substantivo “valor”.

Letra e.

016. (FADESP/BANPARÁ/TÉCNICO/2018) A classe a que pertence a palavra grifada está corretamente indicada em:

- a) advérbio – **Até** os anos 60, o papel-moeda e o dinheiro depositado nos bancos deviam estar ligados a uma quantidade de ouro num sistema chamado lastro-ouro.

- b) adjetivo – Essa explicação permaneceu controversa e escondida por muito tempo, mas **hoje** está clara em um relatório do Bank of England de 2014.
- c) substantivo – Praticamente todo o dinheiro que existe no mundo é **criado** assim, inventado em canetaços a partir da concessão de empréstimos.
- d) verbo – Para pagar a dívida, preciso ir até o **dito** “livre-mercado” e trabalhar, lutar, talvez trapacear, para conseguir o dinheiro que o banco inventou na conta de outras pessoas.
- e) pronome – No fim, os bancos acabam com todo o dinheiro que foi inventado e ainda confiscam os bens da pessoa endividada **cujo** dinheiro tomei.



A forma “cujo” pode ser um pronome relativo (função padrão) ou um substantivo (por exemplo: o “cujo” chegou). No caso da alternativa (d), temos um uso padrão e a forma “cujo” é um pronome (relativo).

A classificação correta das palavras destacadas em (a), (b), (c) e (d) é a seguinte:

- a) Errada. Preposição.
- b) Errada. Advérbio.
- c) Errada. Particípio (propriedades verbais e adjetivas).
- d) Errada. Substantivo (veja a presença do artigo **o**).

Letra e.

017. (IBFC/SEPLAG-SE/ESPECIALISTA/2018) Os conhecimentos produzidos na área de políticas públicas vêm sendo largamente utilizado por pesquisadores, políticos e administradores que lidam com problemas públicos **em** diversos setores de intervenção e nas mais **diferentes** áreas: ciência política, sociologia, economia, administração pública, direito etc. Vêm sendo utilizado tanto no que diz respeito à **implementação** e a avaliação das políticas públicas, quanto no que **diz** respeito a abordagens que destacam o papel das ideias e do conhecimento neste processo.

As palavras destacadas estão morfologicamente classificadas, respectivamente e conforme os preceitos da norma culta. A esse respeito, assinale a alternativa correta.

- a) conjunção; advérbio; verbo; verbo.
- b) conjunção; adjetivo; advérbio; verbo.
- c) preposição; adjetivo; substantivo feminino; verbo.
- d) preposição; advérbio; advérbio; verbo.



A palavra “em”, no trecho em destaque, é uma preposição.

A palavra “diferentes” é modificadora do substantivo “áreas”. Por haver concordância, percebemos que se trata de forma adjetival.

A palavra “implementação” está precedida de artigo – e por isso se classifica como substantivo. A forma “diz”, por fim, é um verbo (flexionada em modo-tempo e número-pessoa).

Letra c.

018. (NC-UFPR/CÂM. QUITANDINHA-PR/TÉCNICO/2018) Considere a seguinte frase:

As declarações do candidato no último comício corroboraram ____ declarações feitas anteriormente, deixando claro o objetivo da campanha de privilegiar os aspectos econômicos em detrimento ____ sociais, com o intuito de impactar fortemente ____ preferência dos eleitores.

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas, na ordem em que parecem na frase.

- a) as – dos – a.
- b) com as – dos – a.
- c) com as – aos – na.
- d) as – aos – na.
- e) com as – dos – na.



A primeira lacuna deve ser preenchida com um artigo definido feminino plural, o qual determina o substantivo “declarações”. Não há preposição entre o verbo “corroborar” e o sintagma nominal, pois o verbo é transitivo direto. Com isso, eliminamos as alternativas (b), (c) e (e).

A expressão seguinte é “em detrimento de”, por isso a forma correta é “dos”.

Por fim, a última lacuna deve ser preenchida por um artigo definido feminino singular (a), pois o verbo não rege preposição e o substantivo possui esses traços (a preferência – feminino e singular).

Letra a.

019. (FUMARC/CÂM. PARÁ DE MINAS-MG/AUXILIAR/2018) As palavras destacadas são adjetivos, **EXCETO** em:

- a) “Nos questionários **iniciais**, os desejos mais relatados pelos participantes foram sono e sexo.”
- b) “[...] os voluntários haviam adquirido um **novo** vício: o de navegar na web.”
- c) “[...] os pesquisadores puderam verificar que se envolver com redes sociais tornou-se uma atividade tão **inerentemente** atraente [...].”
- d) “[...] o vício é uma questão de desequilíbrio entre o desejo pessoal de se engajar no comportamento **viciante** [...].”



As formas adjetivais são caracterizadas por, sintaticamente, modificarem nomes (diretamente ou via predicação nominal com verbo de ligação). Outra característica dos adjetivos é a possibilidade de se flexionarem em gênero e número. Na alternativa (c), a palavra “inerentemente” não possui essas características e, além disso, possui marca morfológica de advérbios terminados em “-mente”.

Letra c.

020. (FGR/PREF. CABECEIRA GRANDE-MG/AUXILIAR/2018) Preencha corretamente as lacunas quanto à classe gramatical da palavra destacada e a explicação dada para a sua concordância. “Conhecida como a ‘Grande Dama do Samba’ e considerada um dos maiores nomes da música popular brasileira em todos os tempos, Dona Ivone Lara, falecida em 16 de abril, nasceu em família de amantes da música popular. Enfrentou o preconceito e passou por momentos **muito** difíceis por ser mulher e sambista. Seu maior sucesso foi ‘Sonho meu’, de autoria do compositor carioca Délcio Carvalho.”

Na frase, a palavra “muito” modifica o _____ “difíceis”. Não há concordância entre essas classes gramaticais porque, nesse caso, “muito” é um _____, palavra invariável.

- a) adjetivo/adjetivo
- b) advérbio/adjetivo
- c) advérbio/advérbio
- d) adjetivo/advérbio



Por ser invariável, a palavra “muito” é um advérbio. Por essa lógica, o preenchimento adequado das lacunas é este:

Na frase, a palavra “muito” modifica o **adjetivo** “difíceis”. Não há concordância entre essas classes gramaticais porque, nesse caso, “muito” é um **advérbio**, palavra invariável: muito difícil; muito difíceis.

A alternativa que preenche adequadamente as lacunas é a (d): adjetivo/advérbio.

Letra d.

021. (FUMARC/CÂM. PARÁ DE MINAS-MG/AUXILIAR/2018) As palavras destacadas são substantivos, **EXCETO** em:

- a) “Se você é daqueles que não desgruda das redes **sociais** [...]”
- b) “Quando os **voluntários** foram recrutados responderam questionários [...]”
- c) “Muitos **participantes** aproveitavam para usar seus smartphones [...]”
- d) “Como no uso de redes sociais, os **aspectos** negativos não estão aparentes [...]”



A identificação de substantivos é simples: havendo possibilidade de existir um artigo que precede a palavra, estamos diante de uma forma substantiva. Esse é o caso de “os voluntários”, “muitos **dos** participantes” e “os aspectos”. Em (a), não se pode inserir artigo antes de “sociais” (*redes **as** sociais).

Letra a.

022. (VUNESP/PREF. SUZANO-SP/GUARDA/2018) Na redação do jornal, _____ os colegas e eu observávamos Myltainho assobiar músicas, como a sinfonia de Schubert, _____. Enquanto isso havia colegas que, mais _____, aproveitam o clima e ensaiavam alguns passos de dança.

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa, as lacunas desse texto devem ser preenchidas, respectivamente, por:

- a) admirado; difícilima; desinibido.
- b) admirado; difícilimas; desinibidos.
- c) admirados; difícilimas; desinibido.
- d) admirados; difícilima; desinibido.
- e) admirados; difícilimas; desinibidos.



Aqui, vemos uma questão de concordância nominal. No primeiro caso (lacuna), “admirado” concorda com “colegas” (admirados). No segundo caso, as “músicas” eram “difícilimas”. Por fim, os “colegas” eram “desinibidos”. A sequência correta é: “admirados”; “difícilimas”; “desinibidos”.

Letra e.

023. (FADESP/IFPA/PEDAGOGO/2018)

Navegue nas redes sociais sem botar a saúde em risco

Cada vez mais conectados, encurtamos distâncias, ganhamos tempo e fazemos amigos. Mas, sem bom senso, já tem gente pagando um preço: o bem-estar

André Bernardo

O uso obsessivo de mídias sociais começa a ser associado a males físicos, como ganho de peso e problemas de coluna, e transtornos mentais, caso de ansiedade e depressão. Uma pesquisa da Universidade de Ulster, na Irlanda do Norte, indica que a overdose de Twitter, Instagram e Snapchat, entre outras, patrocina uma vida sedentária. Dos 353 estudantes que responderam a um questionário on-line sobre o tempo gasto nas redes e

em exercícios físicos, 65% admitiram que não praticam tanto esporte quanto gostariam. “Se você está boa parte do dia nas mídias sociais, pode ter certeza de que outras atividades serão negligenciadas. No futuro, o preço a pagar será alto: obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares”, avisa a psicóloga e coordenadora do trabalho Wendy Cousins.

Os prejuízos de levar uma rotina exageradamente on-line são até mais imediatos na saúde mental. Quanto mais tempo ficamos conectados, maior o risco de desenvolver sintomas de depressão, constata um experimento da Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos. Para chegar a tal conclusão, a equipe do médico Brian Primack monitorou a vida digital de 1.800 internautas, entre homens e mulheres de 19 a 32 anos.

Em média, os voluntários gastavam 61 minutos por dia e acessavam as redes 30 vezes por semana. Entre o grupo que apresentou maior quantidade de acessos semanais, a probabilidade de sentir-se deprimido era três vezes maior. “As pessoas que passam muito tempo nas mídias sociais tendem a ser mais ansiosas e depressivas. Por ora não dá para estabelecer uma relação de causa e efeito, mas é preciso refletir: é o internauta quem usa as redes sociais ou são as redes sociais que usam os internautas?”, provoca Primack.

Quando a moderação sai de cena e as plataformas digitais são mal usadas, a vida escolar (e, mais tarde, a profissional) paga o pato. Jovens de 12 a 15 anos estão penando com o cansaço em sala de aula, de acordo com um estudo britânico com 900 estudantes. A investigação descobriu que um em cada cinco acorda durante a noite para checar e responder mensagens. No dia seguinte, adeus foco e atenção à lousa e aos livros. “Ainda não sabemos se os adolescentes acessam as redes sociais porque estão sem sono ou se perdem o sono por causa delas. Na dúvida, recomendo aos pais que, na hora de dormir, retirem tablets e smartphones de seus quartos”, diz a educadora Sally Power, da Universidade de Cardiff, no País de Gales.

A psicóloga Ana Luiza Mano, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, explica que não existe idade ideal para os pais comprarem celular para os filhos ou liberarem seu acesso a algumas redes. Mas ressalva que as crianças tendem a seguir o modelo que têm em casa. “Cabe aos pais orientá-las sobre a melhor maneira e a frequência certa de utilização das mídias sociais”, propõe.

[...]

Disponível em <https://saude.abril.com.br/bem-estar/navegue-nas-redes-sociais-sem-botar-a-saude-em-risco/> Texto adaptado.

O referente do elemento coesivo destacado NÃO está corretamente indicado em:

- a) Uma pesquisa da Universidade de Ulster, na Irlanda do Norte, indica que a overdose de Twitter, Instagram e Snapchat, **entre outras**, patrocina uma vida sedentária. → mídias sociais
- b) “Ainda não sabemos se os adolescentes acessam as redes sociais porque estão sem sono ou se perdem o sono por causa **delas**.” → redes sociais

- c) Na dúvida, recomendo aos pais que, na hora de dormir, retirem tablets e smartphones de **seus** quartos” → adolescentes
- d) A psicóloga Ana Luiza Mano, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, explica que não existe idade ideal para os pais comprarem celular para os filhos ou liberarem **seu** acesso a algumas redes. → pais
- e) “Cabe aos pais orientá-**las** sobre a melhor maneira e a frequência certa de utilização das mídias sociais”, propõe. → crianças



Os referentes indicados em (a), (b), (c) e (e) estão adequados. Em (d), o problema está em indicar a forma “pais” como referente do pronome “seu”. Na verdade, o referente é “celular” (o qual seria acessado pelos filhos).

Letra d.

024. (FCC/TST/TÉCNICO/2017)

[...] finalizado **a** tinta nanquim e último a ser inscrito na concorrência [...]

[...] serão limitadas **a** percursos de, no máximo, 15 minutos de marcha.

Isso evitará **a** perda de tempo em transportes [...]

Os termos em negrito pertencem, respectivamente, às seguintes classes de palavras:

- a) artigo – preposição – preposição
- b) artigo – preposição – artigo
- c) preposição – artigo – artigo
- d) preposição – preposição – artigo
- e) artigo – artigo – preposição



Como vimos em nossa aula, uma característica dos artigos é a concordância em gênero e número. Assim, “percursos” não é precedido de artigo (o “a” que precede essa palavra é uma preposição). Eliminamos, assim, as opções (c) e (e). O primeiro “a” é uma preposição, dado que estamos diante de uma expressão adverbial. Eliminamos, então, as opções (a) e (b). O último “a” é um artigo, pois o verbo “evitará” não exige complemento preposicionado. Opção correta: alternativa (d).

Letra d.

- 025.** (FGV/ALERJ/ESPECIALISTA/2017) Muitos vocábulos com o sufixo **-ão** apresentam mais de uma forma de plural; entre os pares abaixo, aquele que apresenta uma forma **ERRADA** é:
- a) escrivãos/escrivães.

- b) aldeões/aldeães.
- c) anciões/anciãos.
- d) anões/anãos.
- e) corrimãos/corrimões.



O plural da forma “escrivão” é “escrivães”, apenas.

Letra a.

026. (IBFC/MGS/FUNDAMENTAL/2017) O plural do substantivo “balcão” é “balcões”. Assinale a alternativa em que se indica, corretamente, o plural do substantivo.

- a) irmão – irmões.
- b) pão – pães.
- c) mão – mões.
- d) limão – limãos.



Os plurais corretos das palavras indicadas nos itens (a), (c) e (d) são os seguintes:

- a) Errada. Irmãos.
- b) Certa.
- c) Errada. Mãos.
- d) Errada. Limões.

Nas palavras “irmão” e “mão”, a formação do plural ocorre pelo simples acréscimo da desinência de plural “-s”. Em “limão”, a forma plural é “limões”.

Letra b.

027. (IBFC/MGS/TÉCNICO/2017) “Desesperadas, muitas jovens acabam optando pelo aborto.” A palavra “Desesperadas” refere-se ao substantivo “jovens” e deve ser classificada morfologicamente como:

- a) advérbio.
- b) adjetivo.
- c) pronome.
- d) verbo.



A palavra “Desesperadas” concorda com o termo “jovens”. Além desse fato morfossintático, há uma relação de modificação entre esses termos (“Desesperadas” modifica o termo “jovens”). Por isso, o termo em destaque será classificado como um adjetivo.

Letra b.

028. (FGV/PREF. SALVADOR-BA/AUXILIAR/2017) Diz a lenda que, na Bahia, em meados da década de 60 do século passado, havia um menino que, além de muito levado, era também muito mentiroso, e que, certo dia, após aprontar muito na sala de aula, foi colocado de castigo no porão da escola por sua professora.

Depois de certo tempo, o menino começou a gritar desesperadamente que havia uma cobra com ele, mas, como ele era muito mentiroso, ninguém levou a sério. Dizem que seria uma enorme sucuri, que devorou o garoto depois de matá-lo por esmagamento; há versões que dizem até que, quando a professora entrou no porão, ainda pôde ver o pé do menino desaparecendo na boca da cobra.

A partir dessa trágica data, o fantasma do menino passou a assombrar os porões de diversas escolas.

Se colocarmos a frase “havia um menino” no plural, a forma correta será:

- a) “havam uns meninos”.
- b) “havam meninos”.
- c) “havam os meninos”.
- d) “havia os meninos”.
- e) “havia uns meninos”.



O verbo “haver”, no trecho em análise, é existencial. Por isso, sempre estará flexionado na terceira pessoa do singular.

Com isso, a forma adequada está em (e), pois a forma original está registrada com artigo masculino indefinido singular.

Letra e.

029. (IBFC/MGS/FUNDAMENTAL/2017) Considere o fragmento abaixo para responder à questão.

“O homem, de barba grisalha mal-aparada, vestindo jeans azuis, camisa xadrez e jaqueta de couro, sentou-se no banquinho alto do balcão do botequim e ficou esperando sem pressa que o rapaz viesse atendê-lo.”

Dentre as palavras abaixo, presentes no trecho em análise, assinale a única que NÃO pode ser classificada como adjetivo.

- a) grisalha.
- b) xadrez.
- c) azuis.
- d) jeans.



Vejamos as formas destacadas no original:

“O homem, de barba **grisalha** mal-aparada, vestindo **jeans azuis**, camisa **xadrez** e jaqueta de couro, sentou-se no banquinho alto do balcão do botequim e ficou esperando sem pressa que o rapaz viesse atendê-lo.”

Para saber se se trata de um adjetivo, basta perguntar: esse termo modifica um substantivo/ termo nominal? É exatamente esse o caso de “azuis” (que modifica o substantivo “jeans”), de “grisalha” (que modifica o substantivo “barba”) e de “xadrez” (que modifica o substantivo “camisa”).

O único termo classificado como substantivo é “jeans”.

Letra d.

030. (CETREDE/PREF.ARQUIRAZ-CE/GUARDA/2017) Marque a opção que contém apenas adjetivos uniformes.

- a) feliz, satisfeito e triste.
- b) inteligente, elegante e simples.
- c) mau, grande e alegre.
- d) sério, brilhante e sutil.
- e) gostoso, trabalhador e faminto.



Por adjetivos uniformes, a banca está classificando aquelas formas que **NÃO** sofrem variação de **gênero**: valem tanto para substantivos femininos quanto para substantivos masculinos. É este o caso das formas apresentadas pela alternativa (b):

Ele/Ela é **inteligente**.

Ele/Ela é **elegante**.

Ele/Ela é **simples**.

Letra b.

031. (IBFC/MGS/FUNDAMENTAL/2017) Considere o fragmento abaixo para responder à questão.

“O homem, de barba grisalha mal-aparada, vestindo jeans azuis, camisa xadrez e jaqueta de couro, sentou-se no banquinho alto do balcão do botequim e ficou esperando sem pressa que o rapaz viesse atendê-lo.”

O pronome pessoal destacado no trecho faz referência à seguinte palavra:

- a) homem.
- b) banquinho.

- c) balcão.
- d) botequim.



Quando o pronome faz retomada a um termo, dizemos que exerce função **anafórica**. No texto, fica claro que o pronome “-lo” retoma o substantivo “homem”.

Letra a.

032. (FADESP/COSANPA/AUXILIAR/2017)

O substituto da vida

Quando meu instrumento de trabalho era a máquina de escrever, eu me sentava a ela, punha uma folha de papel no rolo, escrevia o que tinha de escrever, tirava o papel, lia o que escrevera, aplicava a caneta sobre os xxxxxxxx ou fazia eventuais emendas e, se fosse o caso, batia o texto a limpo. Relia-o para ver se era aquilo mesmo, fechava a máquina, entregava a matéria e ia à vida.

Se trabalhasse num jornal, **isso** incluiria discutir futebol com o pessoal da editoria de esporte, paquerar a diagramadora do caderno de turismo, ir à esquina comer um pastel ou dar uma fugida ao cinema à tarde – em 1968, escapei do “Correio da Manhã”, na Lapa, para assistir à primeira sessão de “2001” no dia da estreia, em Copacabana, e voltei maravilhado à Redação para contar a José Lino Grünewald.

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2016/01/1725103-o-substituto-da-vida.shtml?cmpid=-compfb>. Acesso em: 07 jan. 2016.

No trecho “**isso** incluiria discutir futebol”, o pronome destacado refere-se a:

- a) “ia à vida”.
- b) “entregava a matéria”.
- c) “se trabalhasse num jornal”.
- d) “Relia-o para ver se era aquilo mesmo”.



O pronome retoma a expressão presente no final do primeiro parágrafo: ia à vida. O “isso” equivale a “atividades realizadas no ato de viver (concretamente, na realidade)”. É, desse modo, um anafórico.

Letra a.

033. (CEBRASPE/PGE-PA/AUXILIAR/2017) Assinale a opção em que o fragmento extraído do texto contém substantivo coletivo.

- a) “Todas as áreas da União habitadas por populações tradicionais em Abaetetuba, nordeste do Pará, estão com regularização fundiária completa.”

- b) “A região beneficiada, de belas paisagens, fica a cerca de 60 km de Belém, e é tradicionalmente ocupada por ribeirinhos, que sobrevivem de atividades de extração vegetal e pesca.”
- c) “Outra vitória possível depois da entrega dos títulos de posse é a inserção dos moradores em programas de saúde e educação.”
- d) “Para o procurador da república Felício Pontes Jr., fixar o trabalhador na terra é uma das questões fundamentais para o desenvolvimento sustentável no Pará.”



Apenas em (a) temos um substantivo coletivo: “populações” significa “conjunto dos habitantes de determinado lugar”.

Letra a.

034. (INÉDITA/2023)

O conhecimento científico é muito frequentemente associado à formação escolar. Por conta disso, existe uma tendência a restringir o conhecimento oferecido pela ciência a determinadas esferas da vida. Nada mais limitante. A ciência versa sobre a maioria dos assuntos relacionados à nossa existência, inclusive aqueles raramente associados ao tema.

A má compreensão da abrangência da ciência leva a outras questões, como o argumento de que o conhecimento científico deixa a beleza do universo diminuída, fria, distante, pois a fragmenta e a torna asséptica. Isso pode ajudar a explicar por que as pessoas raramente associam o estudo de um assunto como o amor à ciência. Uma eventual concepção de incompatibilidade entre o conhecimento científico e os mais diferentes temas que dizem respeito à vida cotidiana não faz sentido.

A maioria das pessoas subestima o alcance e as possibilidades que uma visão científico-racional de mundo possui. Um olhar cético para o mundo pode permitir a redução dos preconceitos, mais tolerância a visões políticas e ideológicas divergentes, maior diálogo e consideração constante de que sua compreensão pode ser equivocada ou incompleta. Mas, ao mesmo tempo, esse exercício permite reconhecer que, ainda que falha, a compreensão válida naquele momento é a melhor possível à disposição.

Ronaldo Pilati. Ciência e pseudociência: porque acreditamos naquilo em que queremos acreditar. São Paulo: Editora Contexto, 2018, p. 26-8 (com adaptações).

No trecho “pois a fragmenta e a torna asséptica” (primeiro período do primeiro parágrafo), os pronomes “a” e “a” referem-se a

- a) má compreensão
- b) abrangência
- c) ciência
- d) vida cotidiana
- e) a beleza do universo



Na cadeia coesiva do texto, os pronomes “a” e “a” compartilham o mesmo referente: a beleza do universo – alternativa (e). Vejamos o trecho original: “A má compreensão da abrangência da ciência leva a outras questões, como o argumento de que o conhecimento científico deixa a **beleza do universo** diminuída, fria, distante, pois **a** fragmenta e **a** torna asséptica.” Por já estar estabelecida a relação coesiva, as demais alternativas: (a), (b), (c) e (d) tornam-se erradas.

Letra e.

035. (INÉDITA/2023)

O astrônomo lê o céu, lê a epopeia das estrelas. Ora, direis, ouvir e ler estrelas. Que histórias sublimes, suculentas, na Via Láctea. O físico lê o caos. Que epopeias o geógrafo lê nas camadas acumuladas em um simples terreno. Um desfile de Carnaval, por exemplo, é um texto. Por isso se fala de “samba-enredo”: a disposição das alas, as fantasias, a bateria, a comissão de frente são formas narrativas.

Uma partida de futebol é uma forma narrativa. Saber ler uma partida — esse é o mérito do locutor esportivo, na verdade, um leitor esportivo. Ele, como o técnico, vê coisas no texto em jogo que, só depois de lidas por ele, por nós são percebidas. Ler, então, é um jogo, uma disputa, uma conquista de significados.

Estamos com vários problemas de leitura hoje. Construímos aparelhos aprimoradíssimos que sabem ler. Leem-nos, às vezes, melhor que nós mesmos. Vi na fazenda de um amigo aparelhos eletrônicos que, ao tirarem leite da vaca, são capazes de ler tudo sobre a qualidade do leite, da vaca, e até (imagino) ler o pensamento de quem está assistindo à cena. Aparelhos complexos leem o mundo e nos dão recados. A natureza está dizendo que a água, além de infecta, está acabando. Lemos a notícia e postergamos a tragédia para nossos netos. É preciso ler, interpretar e fazer alguma coisa com a interpretação.

Affonso Romano de Sant’Anna. Ler o mundo. São Paulo: Global, 2011, p. 8-9 (com adaptações).

No texto precedente, o vocábulo “esse” (segundo período do segundo parágrafo) refere-se

- a) a “locutor esportivo”
- b) a “futebol”
- c) a “Saber ler uma partida”
- d) a “um leitor esportivo”
- e) a “o técnico”



No segundo parágrafo, o referente da forma pronominal “esse” é “Saber ler uma partida” (trata-se, portanto, de um termo anafórico). Com isso, as outras referências propostas devem ser descartadas: alternativas (a), (b), (d) e (e).

Letra c.

036. (CESPE/CEBRASPE/PRF/POLICIAL/2019)

1| O nome é o nosso rosto na multidão de palavras.
 Delineia os traços da imagem que fazem de nós, embora
 não do que somos (no íntimo). Alguns escondem seus
 4| donos, outros lhes põem nos olhos um azul que não
 possuem. Raramente coincidem, nome e pessoa. Também
 há rostos quase idênticos, e os nomes de quem os leva
 7| (pela vida afora) são completamente díspares, nenhuma
 letra se igualando a outra.

O do autor deste texto é um nome simples,
 10| apostólico, advindo do avô. No entanto, o sobrenome, pelo
 qual passou a ser reconhecido, é incomum. Sonoro,
 hispânico. Com uma combinação incomum de nome e
 13| sobrenome, difícil seria encontrar um homônimo. Mas eis
 que um surgiu, quando ele andava pelos vinte anos. E
 continua, ao seu lado, até agora — sombra amiga.
 16| Impossível não existir aqui ou ali alguma confusão
 entre eles, um episódio obscuro que, logo, viria às claras
 com a real justificativa: esse não sou eu. Houve o caso da
 19| mulher que telefonou para ele, esmagando-o com
 impropérios por uma crítica feita no jornal pelo outro,
 sobre um célebre arquiteto, de quem ela era secretária.

*João Anzanello Carrascoza. Homônimo. In: Diário das Coincidências. Ed. digital. São Paulo: Objetiva, p. 52
 (com adaptações).*

O vocábulo “um” (l. 14) refere-se a um indivíduo cujo nome é idêntico ao do autor do texto.



O vocábulo, de fato, faz referência a um indivíduo cujo nome é idêntico ao do autor do texto. Isso pode ser comprovado pela inserção dessa informação no trecho: “Mas eis que um homônimo surgiu”, e homônimo equivale “pessoa com mesmo nome que o meu”.

Certo.

037. (CESPE/CEBRASPE/PRF/POLICIAL/2019)

1| A vida humana só viceja sob algum tipo de luz, de
 preferência a do sol, tão óbvia quanto essencial. Somos
 animais diurnos, por mais que boêmios da pá virada e
 4| vampiros em geral discordem dessa afirmativa. Poucas

vezes a gente pensa nisso, do mesmo jeito que devem ser poucas as pessoas que acordam se sentindo primatas, 7| mamíferos ou terráqueos, outros rótulos que nos cabem por força da natureza das coisas. A humanidade continua se aperfeiçoando na arte de 10| afastar as trevas noturnas de todo hábitat humano. Luz soa para muitos como sinônimo de civilização, e pode-se observar do espaço o mapa das desigualdades econômicas 13| mundiais desenhado na banda noturna do planeta. A parcela ocidental do hemisfério norte é, de longe, a mais iluminada. 16| Dispor de tanta luz assim, porém, tem um custo ambiental muito alto, avisam os cientistas. Nos humanos, o excesso de luz urbana que se infiltra no ambiente no qual 19| dormimos pode reduzir drasticamente os níveis de melatonina, que regula o nosso ciclo de sono-vigília. Mesmo assim, sinto uma alegria quase infantil 22| quando vejo se acenderem as luzes da cidade. E repito para mim mesmo a pergunta que me faço desde que me conheço por gente: quem é o responsável por acender as 25| luzes da cidade? O mais plausível é imaginar que essa tarefa caiba a sensores fotoelétricos espalhados pelos bairros. Mas e antes dos sensores, como é que se fazia? 28| Imagino que algum funcionário trepava na antena mais alta no topo do maior arranha-céu e, ao constatar a falência da luz solar, acionava um interruptor, e a cidade toda se 31| iluminava. Não consigo pensar em um cargo público mais empolgante que o desse homem. Claro que o cargo, se 34| existia, já foi extinto, e o homem da luz já deve ter se transferido para o mundo das trevas eternas.

Reinaldo Moraes. "Luz! Mais luz". Internet: <www.nexojornal.com.br> (com adaptações).

A substituição da locução "a cidade toda" (l. 30) por "toda cidade" preservaria os sentidos e a correção gramatical do período.



Os sentidos não seriam preservados, pois "a cidade toda" diz respeito a uma única cidade, concebida em sua totalidade. Já "toda cidade" é uma generalização que envolve um universo de diferentes cidades, concebidas coletivamente.

Errado.

038. (CESPE/CEBRASPE/FUB/NÍVEL SUPERIOR/2018)

1| Na farmácia, presencio uma cena curiosa, mas
não rara: balconista e cliente tentam, inutilmente, decifrar
o nome de um medicamento na receita médica. Depois
4| de várias hipóteses, acabam desistindo. O resignado senhor
que porta a receita diz que vai telefonar ao seu médico
e voltar mais tarde. “Letra de doutor”, suspira o balconista,
7| com compreensível resignação. Letra de médico já se
tornou sinônimo de hieróglifo.

Exercício de caligrafia saiu de moda, mas todos
10| os alunos sabem que devem escrever de modo legível
para conquistar a boa vontade dos professores. A letra dos
médicos, portanto, é produto de uma evolução, de uma
13| transformação. Mas que fatores estariam em jogo atrás delas?
Que eu saiba, o assunto ainda não foi objeto de
uma tese de doutorado, mas podemos tentar algumas
16| explicações. A primeira, mais óbvia (e mais ressentida),
atribui os garranchos médicos a um mecanismo de poder.
Doutor não precisa se fazer entender: são os outros,
19| os seres humanos comuns, que têm de se familiarizar com
a caligrafia médica.

Pode ser isso, mas acho que não é só isso. Há outros
22| componentes: a urgência, por exemplo. Um doutor que
atende dezenas de pacientes num movimentado ambulatório
de hospital não pode mesmo caprichar na letra. Receita
25| é uma coisa que ele deve fornecer — nenhum paciente
se considerará acolhido se não levar uma receita. A receita
satisfaz a voracidade de nossa cultura pelo remédio, e está
28| envolta numa aura mística: é como se o doutor, por meio dela,
acompanhasse o paciente. Mágica ou não, a receita é,
muitas vezes, fornecida às pressas; daí a ilegibilidade.
31| Há um terceiro aspecto, mais obscuro e delicado.
É a relação ambivalente do médico com aquilo que ele
receita — a sua dúvida quanto à eficácia dos medicamentos.
34| Os velhos doutores sabem que a luta contra uma doença não
se apoia em certezas, mas sim em tentativas: na medicina,
“sempre” e “nunca” são palavras proibidas. Daí a dúvida,

37| daí a ansiedade da dúvida, da qual o doutor se livra pela escrita rápida. E pouco legível.

Moacyr Scliar. Letra de médico. In: A face oculta. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001, p. 23-5 (com adaptações).

Infer-se do texto que, pelo emprego do adjetivo “compreensível” (l. 7), o narrador transmite sua opinião, o que se confirma pela ponderação exposta no último período do primeiro parágrafo.



O emprego do adjetivo “compreensível” denota, sim, a opinião do narrador. Isso porque o narrador considera compreensível a resignação do balconista. Quando o narrador fala que “Letra de médico já se tornou sinônimo de hieróglifo” (último período do último parágrafo), confirma a ideia de que a resignação do balconista é compreensível.

Certo.

039. (CESPE/CEBRASPE/PF/PAPILOSCOPISTA/2018)

1| A natureza jamais vai deixar de nos surpreender.

As teorias científicas de hoje, das quais somos justamente orgulhosos, serão consideradas brincadeira de criança por

4| futuras gerações de cientistas. Nossos modelos de hoje certamente serão pobres aproximações para os modelos do

futuro. No entanto, o trabalho dos cientistas do futuro seria

7| impossível sem o nosso, assim como o nosso teria sido impossível sem o trabalho de Kepler, Galileu ou Newton.

Teorias científicas jamais serão a verdade final: elas irão

10| sempre evoluir e mudar, tornando-se progressivamente mais corretas e eficientes, sem chegar nunca a um estado final de

perfeição. Novos fenômenos estranhos, inesperados e

13| imprevisíveis irão sempre desafiar nossa imaginação. Assim como nossos antepassados, estaremos sempre buscando

compreender o novo. E, a cada passo dessa busca sem fim,

16| compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre o mundo a nossa volta.

Em graus diferentes, todos fazemos parte dessa

19| aventura, todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta; se não por intermédio de nossas próprias atividades de pesquisa, ao menos ao estudarmos as ideias

22| daqueles que expandiram e expandem as fronteiras do conhecimento com sua criatividade e coragem intelectual.

Nesse sentido, você, eu, Heráclito, Copérnico e Einstein somos

25| todos parceiros da mesma dança, todos dançamos com o

Universo. É a persistência do mistério que nos inspira a criar.

Marcelo Gleiser. A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 384-5 (com adaptações).

A substituição do termo “do futuro”, em “modelos do futuro” (l. 5 e 6), pelo adjetivo “futuristas” manteria os sentidos originais do texto.



O termo “futurista” significa “relativo ou adepto do futurismo”, e “futurismo” significa “toda uma corrente de pensamento nas artes e nas ciências”. Essas noções não estão presentes no trecho “modelos do futuro”, em que “futuro” equivale apenas a “tempo que se segue ao presente”.

Errado.

040. (CESPE/CEBRASPE/PF/PAPILOSCOPISTA/2018)

1| Até meados do século XIX, a classe que trafica

adquire bens para convertê-los em lucro e benefício. Daí em

diante, ela será outra. Um traço para distinguir as duas fases já

4| foi lembrado: o despertar do entorpecimento que lhe causava

a predominância social da classe proprietária, por sua vez, na

cúpula, recoberta pelo estamento dos que mandam, governam

7| e dirigem a política. Mas que não haja equívoco: o arrastar na

sombra denunciava-lhe prestígio negativo, oriundo da

composição de estrangeiros entre seus membros e do tipo de

10| negócios a que se dedicava, sobretudo no comércio negreiro.

Não que vivesse alheia à importância econômica ou à

eficiência no trato do sistema. Era ela a categoria dinâmica da

13| economia, a que lhe dava impulso à energia, financiando a

produção, com o fornecimento de crédito e escravos.

Sobretudo, armava o elo que ligava o café ao comércio

16| mundial, polo diretor, em última instância, da economia

nacional, dependente de flutuação de centros de decisões fora

do país. De outro lado, comunicava às cidades e ao campo a

19| modernização, de nível europeu, de mercadorias, e, por via

delas, de costumes, modas e hábitos de consumo. Estava na
sombra, mas não lhe faltava atividade, vibração nervosa e
22| energia. Por via desse subterrâneo pulsar, ligava-se ao estrato
dirigente, o estamento, com repulsa e, não raro, em oposição
de estilos de vida, mas em íntima compreensão, além da zona
25| dos salões e dos palácios, aos interesses materiais. Assim é
que, antes de 1850, a arquitetura política, caracterizada no
centralismo, servia mais ao grupo dos negociantes,
28| comissários, traficantes de escravos, importadores e
exportadores, do que aos isolados produtores e fazendeiros.
Servia-a, também, a estabilidade monetária, quebrada de
31| maneira grave com a agitação de fazendeiros e especuladores
industriais no fim do império. Houve um momento em que ela
— a classe lucrativa — se emancipou, passou a viver de seu
34| próprio impulso, sem se disfarçar ou mascarar-se em traços
secundários de outra classe, detentora de maior expressão
social, ou do estrato monopolizador do prestígio político. Sobe
37| uma classe e dentro dela elevam-se muitos aspirantes a essa
camada. Individualmente, é o momento da crise — o homem
escolhe o seu caminho, desdenhando o curso batido e
40| frequentado. Socialmente, toda uma camada quer os bens da
vida, materiais e ideais, sem arrimos ou auxílios, agora vistos
como ilegítimos. O empresário faz-se na cidade, conquista
43| títulos de nobreza e cadeiras no parlamento. Foi neste
momento que a surpreendeu Machado de Assis, mal inclinado
a ela por força de seu preconceito, nutrido de tradição. No seu
46| sarcasmo, ferindo-a de zombarias e riso, ele vê um mundo que
cresce a sua frente, transformando a sociedade — ele tudo vê,
com escândalo, repugnância e indignação. O dinheiro,
49| avassalando os negócios, invade as consciências,
infundindo torpeza em toda parte, na queda de escrúpulos,
virtudes e valores.

Raymundo Faoro. Lucro e negócios — classe lucrativa. In: Machado de Assis — a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974. p. 226 (com adaptações).

No trecho “toda uma camada quer os bens da vida” (l. 40 e 41), o artigo indefinido foi empregado como item de realce, razão por que sua eliminação não prejudicaria a correção gramatical nem o sentido original do texto.



Veja a diferença de interpretação quando retiramos o artigo indefinido do trecho analisado:

“toda uma camada quer os bens da vida”

“toda camada quer os bens da vida”

Sem o artigo, a interpretação é muito mais generalizante. Por isso, haveria prejuízo para o sentido original do texto.

Errado.

041. (CESPE/CEBRASPE/CGM DE JOÃO PESSOA-PB/TÉCNICO/2018)



Internet: <www.cgu.gov.br> (com adaptações).

Os termos “antiéticas”, “ilegais” e “combatidas” qualificam a palavra “práticas”.



Os termos “antiéticas” e “ilegais” fazem referência, sim, ao substantivo “práticas”. A forma participial “combatidas” não é adjetivo qualificador de um substantivo, mas forma passiva.

Errado.

042. (CESPE/CEBRASPE/TRF-1ª REGIÃO/TÉCNICO/2017)

1| O tema relativo à economia informal ganhou destaque expressivo na mídia e na literatura especializada a partir do final do século passado. Essa denominação pode envolver 4| fenômenos muito distintos, tais como sonegação fiscal, terceirização, atividades de microempresas, comércio de rua ou ambulante, contratação ilegal de trabalhadores assalariados 7| nativos ou migrantes, trabalho temporário e trabalho em domicílio, entre outros.

A economia informal apresenta um denominador

10| comum no imaginário das pessoas: envolve atividades, trabalhos e rendas que desconsideram as regras expressas em leis ou em procedimentos usuais. As recorrentes menções a 13| esse tema refletem as dificuldades que as organizações, os indivíduos e o coletivo social vêm enfrentando para superar, com as regras legais vigentes ou com os procedimentos-padrão, 16| as mudanças estruturais econômicas, políticas e sociais em andamento.

Se, por um lado, as diferentes situações criadas pela

19| economia informal respondem a demandas legítimas e encaminham possíveis soluções no âmbito da nova ordem econômica e social, por outro, constituem focos de tensões e de 22| desigualdades sociais.

Maria Cristina Cacciamali. Globalização e processo de informalidade. In: Economia e Sociedade. Campinas, (14):153-74, jun./2000 (com adaptações).

Haveria prejuízo gramatical para o texto caso a palavra “procedimentos-padrão” (l. 15) fosse alterada para “procedimentos-padrões”.



NÃO há prejuízo gramatical ao se realizar a alteração para “procedimentos-padrões”.

Errado.

043. (CESPE/CEBRASPE/TCE-PE/NÍVEL SUPERIOR/2017)

1| A auditoria, uma das instâncias que garantem a credibilidade das instituições, consiste na análise, à luz da legislação em vigor e das boas práticas administrativas, do 4| contrato entre as partes, governos e entidades prestadoras de

serviços, e dos procedimentos efetivados, de modo a aferir a sua execução e a conferir os valores cobrados para garantir que 7| o pagamento seja justo e correto. Consiste, também, no acompanhamento dos eventos para verificar a qualidade dos serviços prestados por esses agentes.

10| No âmbito da auditoria, o fundamento da credibilidade consiste na preservação da idoneidade ética. Os pressupostos éticos da auditoria são três: o princípio da dignidade, o da 13| equidade e o da transparência. Formulado pelo filósofo alemão Immanuel Kant, no final do século XVIII, o princípio da

dignidade afirma que toda pessoa deve ser tratada, sempre, 16| como fim e nunca como meio. O princípio da equidade, uma ampliação do princípio da dignidade feita pela Organização das Nações Unidas, em sua Carta de 1946, diz que todo ser

19| humano possui a mesma dignidade e deve ser tratado com igual consideração e respeito. O princípio da transparência tem duas versões no próprio Kant: uma diz que se deve sempre agir de 22| tal forma que os motivos de atuação possam ser divulgados publicamente; a outra afirma que se deve agir de tal modo que a norma de atuação possa se tornar lei universal. Assim, os

25| negócios escusos, a corrupção, a gatunagem, os procedimentos ilícitos fogem da luz da divulgação como os vampiros da luz do Sol. Certamente, o princípio da transparência é o que dá

28| credibilidade à gestão pública e à gestão em geral. Nas 28 pesquisas de opinião, vê-se como a sociedade coloca-se frente às instituições, exigindo transparência.

31| Nos momentos de amadurecimento democrático, constata-se que a auditoria ganha espaço nas organizações. A auditoria seria o primeiro capítulo da transparência na gestão.

34| Quando a sociedade quer tudo em pratos limpos, a auditoria ascende a um primeiro lugar no seio das organizações, porque é o elemento que permite à sociedade ter consciência de como

37| está sendo efetivada a gestão. Se não há auditoria, ou se essa não é praticada de forma constante e transparente, as instituições perdem credibilidade. Quando uma auditoria séria

40| é praticada, as instituições são mais bem aceitas.

Ricardo Vélez Rodríguez. Auditoria, fundamentos éticos. In: Auditoria, uma abordagem interdisciplinar: aspectos relevantes para o setor público. Anais da V Jornada Brasileira de Controle Interno. Rio de Janeiro, dez./2003, p. 32. Internet: <www.rio.rj.gov.br> (com adaptações).

O sentido original e a correção gramatical do texto seriam preservados caso a expressão “em vigor” (l. 3) fosse substituída por “vigente”.



Tanto a correção gramatical quanto o sentido original seriam mantidos com a substituição. O termo preposicionado “em vigor” e o adjetivo “vigente” são equivalentes semântica e sintaticamente (significam “que vigora” e são adjuntos adnominais).

Certo.

044. (CESPE/CEBRASPE/SEDF/PROFESSOR/2017)

1| O aspecto da implantação do português no Brasil
explica por que tivemos, de início, uma língua literária pautada
pela do Portugal contemporâneo. A sociedade colonial
4| considerava-se um prolongamento da sociedade ultramarina.
O seu ideal era reviver os padrões vigentes no reino.
Já para a língua popular as condições eram outras. A
7| separação no espaço entre a população da colônia e a da
metrópole favoreceu uma evolução linguística divergente.
Acrece que, com o encontro, em território americano, de
10| sujeitos falantes de regiões diversas da mãe-pátria, cada um dos
quais com o seu falar próprio, se realizou um intercurso,
intenso e em condições inéditas, de variantes dialetais,
13| conducente a nova distribuição e planificação linguística.
Mesmo sem insistir em tal ou qual ação secundária das novas
condições de vida física e social e de contato com os indígenas
16| (e posteriormente com os africanos), é obvio que a língua
popular brasileira tinha de diferenciar-se inelutavelmente da de
Portugal, e, com o correr dos tempos, desenvolver um
19| coloquialismo ou sermo cotidianus seu.

Joaquim Mattoso Câmara Junior. A língua literária. In: Evanildo Bechara (org.). Estudo da língua portuguesa: textos de apoio. Brasília: FUNAG, 2010, p. 292 (com adaptações).

Os vocábulos “africanos” (l. 16) e “correr” (l. 18), originalmente pertencentes à classe dos adjetivos e dos verbos, respectivamente, foram empregados como substantivos no texto.



Podemos verificar essa classificação pelas marcas a seguir: “os africanos” é precedido por artigo, o que torna o termo “africanos” um substantivo; o mesmo ocorre com “o correr”, que

é precedido por artigo. Em ambos os casos, os termos são substantivos (porque precedidos por artigos, ok?).

Certo.

045. (CESPE/CEBRASPE/SEDF/PROFESSOR/2017/ADAPTADA) Na linha 7, o termo “separação” está elíptico após o artigo definido “a” em “população da colônia e a da metrópole”.



Há, de fato, um termo elíptico. No entanto, o termo é “população”, como podemos confirmar pela reescrita a seguir: “a população da colônia e a população da metrópole”.

Errado.

046. (CESPE/CEBRASPE/SEDF/CONHECIMENTOS BASICOS/2017/ADAPTADA)

1| Quando indaguei a alguns escritores de sucesso que
manuais de estilo tinham consultado durante seu aprendizado,
a resposta mais comum foi “nenhum”. Disseram que escrever,
4| para eles, aconteceu naturalmente.

Eu seria o último dos mortais a duvidar que os bons
escritores foram abençoados com uma dose inata de fluência
7| mais sintaxe e memória para as palavras. Ninguém nasceu com
competência para redigir. Essa competência pode não se ter
originado nos manuais de estilo, mas deve ter vindo de algum
10| lugar.

Esse algum lugar é a escrita de outros escritores. Bons
escritores são leitores ávidos. Assimilaram um grande
13| inventário de palavras, expressões idiomáticas, construções,
tropos e truques retóricos e, com eles, a sensibilidade para o
modo como se combinam ou se repelem. Essa é a ardilosa
16| “sensibilidade” de um escritor hábil — o tácito sentido de
estilo que os manuais de estilo honestos admitem ser
impossível ensinar explicitamente. Os biógrafos dos grandes
19| autores sempre tentam rastrear os livros que seus personagens
leram na juventude, porque sabem que essas fontes escondem
o segredo de seu aperfeiçoamento como escritores.
22| O ponto de partida para alguém tornar-se um bom

escritor é ser um bom leitor. Os escritores adquirem sua técnica identificando, saboreando e aplicando engenharia reversa em 25| exemplos de boa prosa.

Steven Pinker. Guia de escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2016, p. 23-4 (com adaptações).

Na linha 11, o sintagma nominal “Bons escritores são leitores ávidos” poderia ser reescrito com a inserção do artigo definido masculino: “Os bons escritores são leitores ávidos.”



Tanto em “Bons escritores” quanto em “Os bons escritores”, a interpretação possui sentido generalizante.

Certo.

047. (CESPE/CEBRASPE/SEDF/CONHECIMENTOS BASICOS/2017)

1| O monitor — também chamado, em algumas
instituições, de inspetor e bedel — é um dos profissionais mais
atuantes na esfera educacional. Ele transita por toda a escola,
4| em geral conhece os alunos pelo nome e é um dos primeiros a
ser procurado quando há algum problema que precisa ser
solucionado rapidamente. Contudo, ele nem sempre é
7| valorizado como deveria. Infelizmente, muitos diretores
entendem que quem atua nessa função deve apenas controlar os
espaços coletivos para impedir a ocorrência de agressões,
10| depredações e furtos, vigiar grupos de alunos, observar
comportamentos suspeitos e até mesmo revistar armários e mochilas.
Esse tipo de controle, além de perigoso — pois os
13| conflitos abafados por ações repressoras acabam se
manifestando com mais violência —, contribui para reforçar a
desconfiança entre a instituição e os estudantes. E uma relação
16| fundada na insegurança fragiliza a construção de valores
democráticos, que deveria ser um dos objetivos de todas as escolas. Como qualquer
profissional do ambiente escolar, os
19| monitores também são educadores, e cabe à equipe gestora
realizar ações formativas para que eles saibam como interagir
com as crianças e os jovens nos diversos espaços (como o
22| pátio, os corredores, as quadras, a cantina, o banheiro etc.).
Com uma boa formação, eles serão capazes de trazer

informações importantes sobre a convivência entre os alunos 25| e que poderão ser objeto de análise para que o orientador educacional, juntamente com o diretor e a equipe docente, planeje e execute intervenções.

O papel do monitor na formação dos alunos. Internet: <<http://gestaoescolar.org.br>> (com adaptações).

O vocábulo “suspeitos” (l. 11) foi empregado, no texto, como substantivo, no sentido de “aqueles sobre os quais recaem suspeitas”.



O vocábulo “suspeitos” exerce função de adjunto adnominal do substantivo “comportamentos”, qualificando-o. Assim, “suspeitos”, no trecho em análise, é um adjetivo.

Errado.

048. (CESPE/CEBRASPE/PM/SOLDADO COMBATENTE/2017) Em “Lançadas com o intuito de encontrar respostas para as possíveis causas da violência, hipóteses clássicas na sociologia do crime acabaram por defender a tese de associação entre o aumento nos índices de criminalidade e a pobreza”, o adjetivo “Lançadas” refere-se a “possíveis causas da violência”.



A forma adjetival “Lançadas” refere-se ao sintagma “hipóteses clássicas na sociologia do crime”, cujo núcleo é “hipóteses”.

Errado.

049. (CESPE/CEBRASPE/SEEDF/PROFESSOR/2017)

5| “Eu seria o último dos mortais a duvidar que

6| os bons escritores foram abençoados com uma dose inata de influência

7| mais sintaxe e memória para as palavras.”

Na linha 5, a palavra “último” foi empregada com valor de substantivo.



Há a presença do artigo definido “o”, que substantiva a palavra “último”.

Certo.

050. (CESPE/CEBRASPE/SEEDF/PROFESSOR/2017)

1| O aspecto da implantação do português no Brasil

2| explica por que tivemos, de início, uma língua literária pautada

3| pela de Portugal, uma língua literária pautada

4| pela do Portugal contemporâneo.

Na linha 4, o emprego do artigo definido imediatamente antes do topônimo “Portugal” torna-se obrigatório devido à presença do adjetivo “contemporâneo”.



Uma das propriedades do adjetivo é o de especificar a natureza do substantivo com o qual se relaciona. Por isso, a presença do artigo é exigida. Não se trata de qualquer “Portugal” (isto é, qualquer período da história desse país, mas de um período específico, o contemporâneo).

Certo.

051. (CESPE/CEBRASPE/STM/ANALISTA/2018)

31| Seja como for, enquanto não chega esse dia, os livros
estão aqui, como uma galáxia pulsante, e as palavras, dentro
deles, são outra poeira cósmica flutuando, à espera do olhar
34| que as irá fixar num sentido ou nelas procurará o sentido novo,
porque assim como vão variando as explicações do universo,
também a sentença que antes parecera imutável para todo o
37| sempre oferece subitamente outra interpretação, a possibilidade
duma contradição latente, a evidência do seu erro próprio.
Aqui, neste escritório onde a verdade não pode ser mais do que
40| uma cara sobreposta às infinitas máscaras variantes, estão os
costumados dicionários da língua e vocabulários, os Moraes e
Aurélios, os Morenos e Torrinhas, algumas gramáticas, o
43| Manual do Perfeito Revisor, vademeco de ofício [...].

Na linha 39, o emprego de “neste” decorre da presença do vocábulo “Aqui”, de modo que sua substituição por “nesse” resultaria em incorreção gramatical.



Como vimos em nossa aula, a forma pronominal “neste” (em + este) situa a localização do falante (primeira pessoa, seta para baixo). Em termos textuais, o pronome “este” é usado na catáfora (seta para frente). Usamos as setas para ilustrar esses valores:

ESTE

Certo.

052. (CESPE/CEBRASPE/PJC-MT/DELEGADO/2017)

1| A injustiça, Senhores, desanima o trabalho, a
honestidade, o bem; cresta em flor os espíritos dos moços,

semeia no coração das gerações que vêm nascendo a semente

4| da podridão, habitua os homens a não acreditar senão na
estrela, na fortuna, no acaso, na loteria da sorte; promove a
desonestidade, a venalidade, a relaxação; insufla a cortesia,
7| a baixeza, sob todas as suas formas.

De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver
prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto
10| ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem
chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha
de ser honesto.

13| E, nessa destruição geral das nossas instituições, a
maior de todas as ruínas, Senhores, é a ruína da justiça,
corroborada pela ação dos homens públicos. E, nesse

16| esboroamento da justiça, a mais grave de todas as ruínas é a
falta de penalidade aos criminosos confessos, é a falta de
punição quando ocorre um crime de autoria incontroversa, mas

19| ninguém tem coragem de apontá-la à opinião pública, de modo
que a justiça possa exercer a sua ação saneadora e benfazeja.

No último parágrafo do texto, a forma pronominal “la”, em “apontá-la” (l. 19), retoma “a ruína da justiça” (l. 14).



O referente do pronome “-la” é “a mais grave de todas as ruínas”, já que este termo é mais próximo em relação a “a ruína da justiça”. Ademais, as relações de sentido favorecem a análise de que o “-la” retoma “a mais grave de todas as ruínas”, tendo em vista a linha de argumentação adotada pelo autor.

Errado.

053. (CESPE/CEBRASPE/TRE-PE/ANALISTA/2017)

Na teoria constitucional moderna, cidadão é o

16| indivíduo que tem um vínculo jurídico com o Estado, sendo
portador de direitos e deveres fixados por determinada
estrutura legal (Constituição, leis), que lhe confere, ainda, a

19| nacionalidade. Cidadãos, em tese, são livres e iguais perante a
lei, porém súditos do Estado.

No segundo parágrafo do texto, o pronome “lhe” (l. 18) faz referência a “cidadão” (l. 15).



Para resolver a questão, temos que observar o verbo “confere”, na linha 18. Por ser transitivo direto e indireto, seleciona um objeto direto e um objeto indireto. O objeto direto é “a nacionalidade” e o objeto indireto é “a alguém” (e este “alguém” é a resposta da questão). Lembre-se: o pronome “lhe” pode substituir complemento preposicionado (objeto indireto). Em termos de interpretação do texto analisado, é o Estado que confere a nacionalidade ao cidadão. Portanto, o objeto indireto (substituído e retomado pelo pronome “lhe”) é “ao cidadão”.

Certo.

054. (CESPE/CEBRASPE/PGE-PE/ANALISTA/2019)

1| A própria palavra “crise” é bem mais a expressão de
um movimento do espírito que de um juízo fundado em
argumentos extraídos da razão ou da experiência. Não há
4| período histórico que não tenha sido julgado, de uma parte ou
de outra, como um período em crise. Ouvi falar de crise em
todas as fases da minha vida: depois da Primeira Guerra
7| Mundial, durante o fascismo e o nazismo, durante a Segunda
Guerra Mundial, no pós-guerra, bem como naqueles que foram
chamados de anos de chumbo. Sempre duvidei que o conceito
10| de crise tivesse qualquer utilidade para definir uma sociedade
ou uma época.

Norberto Bobbio. Elogio da serenidade e outros escritos morais. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 160-1 (com adaptações).

Os sentidos e a correção gramatical do texto seriam mantidos se fosse inserido o vocábulo “do” imediatamente após a palavra “espírito” (l. 2).



Ambas as estruturas comparativas estão gramaticalmente corretas: “um movimento do espírito que de um juízo” ou “um movimento do espírito do que de um juízo”.

Certo.

055. (CESPE/CEBRASPE/PRF/POLICIAL/2019)

1| As atividades pertinentes ao trabalho relacionam-se
intrinsecamente com a satisfação das necessidades dos
seres humanos — alimentar-se, proteger-se do frio e do

4| calor, ter o que calçar etc. Estas colocam os homens em uma relação de dependência com a natureza, pois no mundo natural estão os elementos que serão utilizados para 7| atendê-las.

Thiago de Mello. Trabalho. Internet: <educacao.globo.com> (com adaptações).

As formas pronominais “Estas” (l. 4) e “las” (l. 7) referem-se a “necessidades dos seres humanos” (l. 2 e 3).



O item analisa corretamente as relações anafóricas internas ao primeiro parágrafo do texto.
Certo.

056. (CESPE/CEBRASPE/FUB/NÍVEL SUPERIOR/2018)

1| Esta é uma declaração de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência 4| é a de não ter sutilezas e de reagir às vezes com um verdadeiro pontapé contra os que temerariamente ousam transformá-la numa linguagem de sentimento e de “alerteza”. E de amor. 7| A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo. 10| Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la — como gostava de estar montada 13| num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes lentamente, às vezes a galope.

Clarice Lispector. Declaração de amor. In: Crônicas para jovens: de escrita e vida. Rio de Janeiro: Rocco Digital, p. 11 (com adaptações).

O vocábulo “ela” (l. 10) retoma o trecho “a primeira capa de superficialismo” (l. 9).



Na verdade, o pronome “ela” (l. 10) retoma “A língua Portuguesa” (l. 7).
Errado.

057. (CESPE/CEBRASPE/PF/PAPILOSCOPISTA/2018)

Teorias científicas jamais serão a verdade final: elas irão

10| sempre evoluir e mudar, tornando-se progressivamente mais

corretas e eficientes, sem chegar nunca a um estado final de

perfeição. Novos fenômenos estranhos, inesperados e

13| imprevisíveis irão sempre desafiar nossa imaginação. Assim

como nossos antepassados, estaremos sempre buscando

compreender o novo. E, a cada passo dessa busca sem fim,

16| compreenderemos um pouco mais sobre nós mesmos e sobre

o mundo a nossa volta. Em graus diferentes, todos fazemos parte dessa

19| aventura, todos podemos compartilhar o êxtase que surge a cada nova descoberta; se

não por intermédio de nossas próprias atividades de pesquisa, ao menos ao estudarmos as ideias

22| daqueles que expandiram e expandem as fronteiras do conhecimento com sua criatividade e coragem intelectual. Nesse sentido, você, eu,

Heráclito, Copérnico e Einstein somos

25| todos parceiros da mesma dança, todos dançamos com o Universo. É a persistência do mistério que nos inspira a criar.

Marcelo Gleiser. A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 384-5 (com adaptações).

As expressões “dessa busca sem fim” (l. 15) e “dessa aventura” (l. 18 e 19) retomam, por coesão, o mesmo referente: “compreender o novo” (l. 15).



O item analisa corretamente as relações coesivas presentes no final do primeiro parágrafo.
Certo.

058. (INÉDITA/2023)

O carrinho de compras do sítio eletrônico está lotado, e o preço total agrada. Animado, você digita todas as informações referentes ao cartão de crédito e, sem entender, observa a transação ser negada. Mais tarde, descobre que o banco tinha considerado suspeito aquele seu procedimento virtual, uma vez que tinha características semelhantes às de uma fraude. Decepcionante, não? E muito comum.

A fim de melhorar a experiência dos consumidores em compras pela Internet, cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, nos Estados Unidos da América, desenvolveram um sistema baseado em princípios de aprendizagem de máquina.

A aprendizagem de máquina para a detecção de fraude é baseada em equações matemáticas e algoritmos e funciona em duas etapas. Na primeira, o sistema recebe exemplificações de compras legítimas e ilegítimas. Em seguida, a máquina avalia compras reais, levando em consideração os padrões observados. O sistema funciona mais ou menos como nossos neurônios. A partir de números e fórmulas, une ponto a ponto informações sobre características de transações já feitas pelo usuário — como valores médios gastos, horários de compra, uso de celular, pontos usados, principais estabelecimentos —, até chegar a uma probabilidade de fraude final. Com cada constatação, o programa consegue melhorar os padrões aprendidos.

Segundo um arquiteto de *software* de uma empresa não participante do estudo, o modo como a máquina aprende os padrões antes de começar a analisar compras interfere diretamente no registro de falsos positivos e fraudes reais. “Se a prepararmos apenas para detectar casos de não fraude, podemos aumentar os riscos de fraudes que passam. Sendo assim, precisamos aumentar ao máximo o balanço de situações apresentadas à máquina para não pesar um lado mais do que o outro”, detalha.

Correio Braziliense, 1º/10/2018, p. 14 (com adaptações).

No primeiro parágrafo do texto, o autor adota estratégias para envolver o leitor, como uso do pronome “você” e de frase interrogativa.



De fato, o autor utiliza as estratégias para envolver o leitor: uso da forma pronominal “você” (uma referência exofórica, que se dirige para “fora do texto”, isto é, o leitor) e uso de frase interrogativa, a qual incita o leitor a refletir sobre a temática apresentada.

Certo.

059. (INÉDITA/2023)

Lei de Acesso

Esta seção reúne e divulga, de forma espontânea, dados da Controladoria Geral de Alagoas (CGE) que são de interesse coletivo ou geral com o objetivo de facilitar o acesso à informação pública, conforme determina a Lei de Acesso à Informação (Lei 12.527, de 18/11/2011).



SIC
Serviço de Informação
ao Cidadão

Saiba como solicitar acesso

 Acesso à
Informação



Sobre a Lei de Acesso à Informação

www.acessoainformacao.gov.br

Fonte: <http://www.pm.al.gov.br/informacoes-publicas>.

O pronome “que” em “que são de interesse coletivo ou geral” faz referência ao termo “Controladoria Geral de Alagoas (CGE)”.



No trecho, observamos que o pronome relativo “que” faz referência a “dados da Controladoria Geral da União”, cujo núcleo é o termo plural “dados”. Na oração subordinada, inclusive, verificamos o verbo flexionado em terceira pessoa do plural (“são”), concordando semanticamente com o núcleo do referente (“dados”).

Errado.

060. (INÉDITA/2023)

A educação financeira está entre os temas da atualidade sugeridos para compor a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Trata-se do conjunto de conhecimentos entendidos como essenciais para o fortalecimento da cidadania e voltados para ajudar a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes.

A Base Comum definirá os conteúdos que deverão fazer parte dos currículos das escolas de educação básica nos próximos anos, por determinação do Plano Nacional de Educação (PNE). Até 15 de março, todos os brasileiros poderão contribuir com sugestões.

O tema da educação financeira ganhou destaque na arena política global com a crise econômica mundial, em 2008. Especialistas de organismos internacionais, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), voltaram atenção para a importância das questões associadas à educação financeira.

Nesse contexto, a educação financeira é definida como o processo mediante o qual “os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos”. De modo geral, significa que a educação financeira pode ajudar as pessoas nas escolhas mais acertadas e responsáveis sobre o planejamento das finanças pessoais e governamentais.

No Brasil, a educação financeira vem conquistando espaço como política de Estado a partir da publicação do Decreto n. 7.397, de 22 dezembro de 2010, que instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef). Desde então, ações acerca da temática são compartilhadas, de forma integrada, por órgãos e entidades públicas e da sociedade, nos âmbitos federal, estadual e municipal.

MEC apoia inserção da temática educação financeira no currículo da educação básica. Em <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/34351>>

Em “que instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (Enef)” (quinto parágrafo), a forma pronominal “que” retoma “política de Estado”.



Nesta oração subordinada adjetiva explicativa, o pronome relativo “que” retoma “Decreto n. 7.397”. Como o item apresenta uma relação coesiva diferente, temos uma afirmativa errada.

Errado.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: YHL, 1999.

BRASIL. Presidência da República. *Manual de Redação da Presidência da República*. Brasília: Presidência da República, 2018.

CAMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1980.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Objetiva. 2009.

RAPOSO, E. (Org.). *Gramática do português*. Vol. 1. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian. 2013.

ROCHA LIMA. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

Abra



caminhos



crie

futuros

gran.com.br

